

ANA CLARA CAMARGO DE SOUZA

**AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*
NOS ANOS DOURADOS**

DOURADOS – 2022

ANA CLARA CAMARGO DE SOUZA

**As REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*
NOS ANOS DOURADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em História.

Area de concentração: *Sociedade, Política e Representações.*

Orientadora: Profa. Dra. **Adriana Aparecida Pinto.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S729r	<p>Souza, Ana Clara Camargo de.</p> <p>As representações sobre a mulher na revista Jornal das Moças durante os “anos dourados”. / Ana Clara Camargo de Souza. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Prof. Dr. Adriana Aparecida Pinto</p> <p>Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Imprensa. 2. Mulheres. 3. Representação.I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

ANA CLARA CAMARGO DE SOUZA

**AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*
DURANTE OS ANOS DOURADOS**

DEFESA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE NO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em 31 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora

Adriana Aparecida Pinto (Dra., UFGD) _____

2º Examinador:

Losandro Antonio Tedeschi (Dr., UFGD) _____

3º Examinador:

Márcia Maria de Medeiros (Dra., UEMS) _____

Aos meus pais, Clarice e Rodolfo, por todo apoio, amor e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação, por vezes, é um desafio. Vivenciar o mestrado e a escrita da dissertação em meio a uma pandemia, sem dúvidas foi repleto de dificuldades. O medo e a insegurança me acompanharam durante esses dois anos, mas a partir da vacina, a esperança se tornou uma realidade.

Por isso, ter ao lado pessoas que me apoiam, tornaram os dias mais leves. Todo esse suporte foi fundamental para enfrentar um período tão triste e desafiador. Agradeço à minha orientadora, Adriana Aparecida Pinto, que foi essencial ao longo da minha passagem pelo mestrado e permanência em uma cidade distante da minha família. Gratidão por todo o apoio, a orientação, a amizade e o cuidado.

Agradeço aos professores e professoras do PPGH/UFGD, pelos conhecimentos partilhados, especialmente: Eudes Fernando Leite, Fernando Perli, Linderval Augusto Monteiro, Ana Colling, Nauk Maria de Jesus, Leandro Baller, Guilherme Galhegos Felipe; ao secretário do programa, Wallace Gomes de Lima, por ser tão solícito.

Agradeço pelas contribuições da professora Dra. Márcia Maria de Medeiros e do professor Dr. Losandro Antonio Tedeschi na banca de qualificação.

Agradeço à professora Dra. Tânia Regina Zimmermann, pelas indicações de leitura.

Aos meus pais, Clarice e Rodolfo, pelo incentivo, carinho e empatia, que mesmo estando longe fisicamente se fizeram presentes. Ao meu companheiro, Alison, pela paciência, incentivo e amor, por sempre me apoiar e tornar os dias mais leves e esperançosos. Às minhas amigas Gabriella Castelo Branco e Ana Gonçalves Sousa, que estiveram presentes durante esse período do mestrado e por sempre me incentivarem.

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação analisa a representação da mulher na revista *Jornal das Moças* na década de 1950, sendo embasada pelos estudos da História Cultural e utilizando-se do contexto da História das Mulheres. A imprensa periódica foi um modo muito eficiente de estudar sobre a condição das mulheres, tendo em vista sua alta aceitação pelo público leitor, o periódico em questão denominava-se uma revista feita para a mulher no lar, embora, segundo a pesquisa, é possível entender que a revista era composta e escrita majoritariamente por homens, de acordo com seus ideais e expectativas, que acabavam por estabelecer um modelo de conduta às mulheres. *Jornal das Moças* se destaca por ser uma das revistas mais importantes e vendidas do período. O seu conteúdo dispunha de moda, culinária, dicas de maternidade e moralidade. Nesta pesquisa nosso objetivo é identificar a representação da mulher baseada principalmente em dois vieses, o da rainha do lar no espaço privado e o da mulher moderna no espaço público, esses atributos eram considerados como sendo o modelo ideal de comportamento esperados a elas. A pesquisa se debruça a perceber nos discursos ou na falta deles a representação da mulher, pois eles são essenciais na construção dos atributos sociais que acompanharam a revista, sobretudo nas mudanças ocorridas na vida das mulheres. Em nossos resultados percebemos que a revista por estar em circulação por mais de quarenta anos após seu início, em 1914, contemplava muitas perspectivas, ela atravessou importantes momentos da História das Mulheres, sendo eles nem sempre enunciados em suas páginas.

Palavras-chave: imprensa. mulheres. representação.

ABSTRACT

This dissertation analyzed the representation of women in the magazine *Jornal das Moças* in the 1950, based on studies of Cultural History and using the context of the History of Women. The periodical press was a very efficient way of studying the condition of women, in view of its high acceptance by the Reading public, the newspaper in question was called a magazine made for women at home, although, according to the research, it is possible to understand that the magazine was composed and written mostly by men, according to their ideals and expectations, which ended up establishing a model of conduct for women. *Jornal das Moças* stands out for being one of the most important and best-selling magazines of the period. Its syndicated content of fashion, cooking, maternity tips and morals. In our research, the objective is to identify the representation of women based mainly on two visions, the queen of the home in the private space and the modern woman in the public space, these attributes were considered to be the ideal model of behavior expected of them. The research focuses on perceiving the representation of women in the speeches or lack thereof, as they are essential in the construction of the social attributes that accompanied the magazine, especially in the changes that occurred in women's lives. Our results showed that the magazine, since it was circulating for more than forty years after its inception, in 1914, contemplated many perspectives, it went through important moments in the History of Women, which are not always enunciated in its pages.

Keywords: press. women. representation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapeamento dos exemplares da publicação em circulação entre os anos de 1950-1960	64
Quadro 2 – Mapeamento das seções selecionadas para estudo	65

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Mulheres no Esporte	35
Figura 2 – Mulheres praticando esporte	35
Figura 3 – Mulheres unidas pela prática do esporte	36
Figura 4 – Alvaro Menezes	56
Figura 5 – Capa da revista Jornal das Moças em 1914	59
Figura 6 – Capa Jornal das Moças no ano de 1950	59
Figura 7 – As 10 revistas mais lidas do Brasil	63
Figura 8 – Capa de Jornal da Mulher seção de Yara Sylvia	68
Figura 9 – Detalhes da roupa na seção Jornal da Mulher	69
Figura 10 – Comemoração 20 anos de Jornal da Mulher	71
Figura 11 – Edição Especial Jornal da Mulher	72
Figura 12 – “Carnet” das Jovens	74
Figura 13 – Evangelho das Mães	81
Figura 14 – Casamento de Heleninha Costa	86
Figura 15 – Espôsa Perfeita	97
Figura 16 – Que espécie de esposa é você	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

SUMÁRIO

Lista de quadros	9
Lista de imagens	10
Lista de abreviaturas e siglas	11
APRESENTAÇÃO E APONTAMENTOS TEÓRICOS INICIAIS.....	12
Capítulo 1	
OS ANOS DOURADOS E A NOÇÃO DE MULHER MODERNA.....	27
Capítulo 2	
AS MULHERES NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA SOBRE AS MULHERES: IMPrensa E SOCIEDADE.....	51
2.1 Jornal da Mulher	67
2.2 “Carnet” das Jovens	72
2.3 Evangelho das Mães	78
Capítulo 3	
ESTERÍOTIPOS DE CONDUTA E MORALIDADE EM JORNAL DAS MOÇAS: PAPÉIS SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES.....	89
3.1 A mulher no mercado de trabalho	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
FONTES	118
REFERÊNCIAS	118

APRESENTAÇÃO E APONTAMENTOS TEÓRICOS INICIAIS

A pesquisa investiga a forma como é feita a representação da mulher, utilizando-se como objeto de estudo a revista *Jornal das Moças*, notadamente os exemplares que circularam entre os anos de 1950 e 1960. Considera-se, para este estudo, que a imprensa foi um importante dispositivo de circulação e de reprodução de costumes e hábitos, pois ela representava o contexto em que essas mulheres estavam inseridas. Deparamo-nos com a representação da “rainha do lar”, principal modelo de mulher presente na revista no início da década de 1950, a qual era o padrão defendido como o ideal, representando os comportamentos considerados adequados para o período, quando as mulheres se dedicavam totalmente ao lar e às funções da esfera privada. Já a “mulher moderna” está presente nas páginas da revista em meados de 1954, quando se tornou mais comum a presença de mulheres nos espaços públicos ocasionados pela abertura econômica e pela reestruturação do capital ocorrida após a Segunda Guerra Mundial.

Assim, por meio das páginas do *Jornal das Moças*, opta-se por analisar os discursos a fim de atribuir ao sujeito feminino determinados lugares sociais, pois parte-se do pressuposto de que a revista foi uma importante ferramenta de reprodução de costumes e hábitos, trazendo em seus periódicos a representação das mulheres e a disseminação da moralidade em suas páginas.

Perpassam aos objetivos desta pesquisa, de modo mais específico, identificar a representação das mulheres a partir de dois cenários, o do espaço público e o do privado, nos quais identificamos reproduções de atributos sociais e estereótipos fomentados pelo patriarcado¹. Em uma das nossas frentes de pesquisa, analisamos seções, duas escritas por mulheres e uma não identificada, que abordavam sobre a conduta das mulheres. Notamos que a reprodução dos atributos sociais indicava em quais lugares essas mulheres poderiam estar e que tipo de comportamento elas deveriam ter, pois naquele período a presença feminina era controlada.

O interesse em estudar temáticas relacionadas à História das Mulheres e gênero vem desde os anos iniciais do curso de graduação em História, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade Amambai. Desde então, foram desenvolvidos projetos tanto de iniciação científica, intitulado “Emancipação Feminina e movimento social de mulheres em Mato Grosso do Sul de 1994 a 2014”, modalidade avançada, no ano de 2015, e de extensão,

¹ Patriarcado: a palavra patriarcado se origina da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem, comando). A expressão refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder (COLLING; TEDESCHI, 2019).

com o título “Juventude e direitos”, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBEX/CNPq), no ano de 2018, os quais tratavam sobre o movimento de mulheres e combate à violência. O interesse em trabalhar com impressos se deu no trabalho de conclusão de curso intitulado “Mulheres contexto e relações de poder nos anos de 1960 a 1970”, no qual utilizamos propagandas presentes nas revistas femininas para fomentar as discussões acerca da representação da mulher na imprensa no período de 1960.

Para realizar as pesquisas, participamos de congressos e eventos, tais como o 6º Encontro de Mulheres Estudantes, realizado na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, no ano de 2015; o 54º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado pela Universidade Federal de Goiás e a Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Goiânia, no ano de 2015; a XXXII Semana de História “Cultura, Memórias e Resistências”, da Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, no ano de 2015; Estudos de gênero, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Amambaí, nos anos de 2016 e 2017; participação no 8º Encontro de Mulheres da União Nacional de Estudantes, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2018.

Entre as participações em eventos e o desenvolver de pesquisas, houve um grande interesse em estudar sobre a representação de mulheres e sua presença nos espaços públicos e privados. Foi a partir desse contato com a temática que surgiu o interesse na continuação da pesquisa para um possível mestrado, no qual já havíamos pensado em utilizar as revistas femininas se baseando na perspectiva dos estudos culturais e a noção de representação.

Após a defesa do trabalho de conclusão de curso, iniciamos a escrita do pré-projeto para a seleção de mestrado e nos estudos mais aprofundados sobre periódicos e História das Mulheres. Tivemos um ano para desenvolver o projeto e aprofundar as leituras. Sentimos necessidade de aprimorar o conhecimento teórico, visto que estávamos há um ano afastadas da academia. Esse ano foi fundamental para o aprimoramento do projeto e intensificação de leituras sobre o tema. O interesse em prestar seleção para o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados foi por já termos criado laços em Mato Grosso do Sul, principalmente com os professores que foram essenciais em minhas pesquisas e no apoio à continuidade dos estudos.

A partir da aprovação no programa, em fevereiro de 2020, iniciei os estudos no mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados orientada pela professora Dra. Adriana Aparecida Pinto. Encontramo-nos antes mesmo de iniciar as aulas. Conversamos sobre a pesquisa, expectativas e sobre afetos. Mal sabíamos que aquele seria nosso único encontro

presencial por longos meses. No segundo dia de aula, logo no início da manhã, fomos interrompidos pela coordenadora da pós-graduação, à época a professora Dra. Nauk Maria de Jesus, informando que as aulas estavam suspensas, pois foi decretada naquela manhã pela Organização Mundial da Saúde a paralisação das atividades por conta da pandemia do SARS-CoV-2.

Ficamos três meses com as aulas suspensas. Nesse tempo, as conversas com a professora Adriana eram feitas por aplicativos de mensagens, e-mail e vídeo. Conseguimos nos organizar no que dizia respeito à pesquisa e reorganizar o grupo de estudos do qual a professora é a líder. Organizamos encontros por Skype e depois pelo Google Meet. A pandemia afastou fisicamente muitas pessoas, a produtividade caiu diante do medo e das incertezas, mas o afeto tornou-se uma das poucas coisas que traziam esperanças diante das saudades e do luto. Nossos encontros de orientação e reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino, História e Educação (GEPEHED) se tornaram um espaço de afeto e aprendizados, onde trocas emocionais e intelectuais foram feitas.

Nesse tempo de adaptação, uma das alterações mais significativas na proposta de pesquisa foi a fonte. No pré-projeto havíamos indicado a revista *Cláudia* como fonte de pesquisa. Já havíamos nos programado e feito contato com a Editora Abril sobre a ida ao acervo, disponibilidade de material e de acesso; no entanto, com a pandemia, precisamos alterar a visita, pois ela não se encontra disponível de forma online no espaço de tempo a ser estudado, a edições disponíveis são somente dos últimos quatro anos. Sendo assim, escolhemos a revista *Jornal das Moças* pela disponibilidade digital, pelo conhecimento da revista no trabalho de conclusão de curso e pelo pouco número de pesquisas sobre seu material. A partir de então, fomos orientadas pela professora Adriana a iniciar leituras sobre representação, História das Mulheres, pesquisa em periódicos e principalmente a iniciar o mapeamento da fonte.

Os estudos acerca da História das mulheres nos mostram que precisamos ir em busca de fontes pouco exploradas, a fim de perceber as representações não enunciadas. Neste presente trabalho elucidamos as revistas, necessitando de um exame atento para encontrar nos 557 exemplares examinados as representações das mulheres. Buscamos analisar de maneira precisa a forma como a revista as descreve. A revista escolhida, *Jornal das Moças*, apresenta as mulheres de forma robusta e afasta questionamentos que conflitavam com a conduta de comportamento esperada. Foi apontada entre as pesquisadoras como Carla Bassanezi Pinsky (1950) e Nukácia M. de Araújo de Almeida (2008), Dálete Cristiane Silva Heitor de Albuquerque (2016) como sendo uma revista conservadora.

Para o mapeamento da revista, foi feito o levantamento do material através da hemeroteca da Biblioteca Nacional, da qual foram baixadas as edições correspondentes aos anos de 1950 a 1960. A partir do contato com a fonte foi possível levantar dados, como número de páginas das revistas, edições, valor, descrição e ano. Foi um processo que durou seis meses, em que foi examinada edição por edição a fim de coletar o máximo de informações disponíveis, como qualidade visual do material, número de incidências das seções que haviam sido publicadas, análise quanto a capas e diferença no modo de construção da revista ao longo da década. Os textos retirados da revista nesta dissertação apresentam a grafia original do período, incluindo eventuais lapsos de redação por parte da revista. Destacamos que no ano de 2021 o arquivo da Biblioteca Nacional sofreu um ataque hacker e o acervo esteve por cerca de 40 dias indisponível, incluindo a revista *Jornal das Moças*.

As edições digitalizadas disponíveis estão em escalas de preto e cinza. No entanto, há registros de que a revista circulou com impressão em cores. Para obter os exemplares, foi feito contato com o acervo da Biblioteca Pública do Paraná e do Arquivo Público do Estado de São Paulo onde possivelmente estariam disponíveis alguns exemplares da revista da *Jornal das Moças* em formato físico e colorido. No entanto, em ambas, as revistas não estão digitalizadas, e em decorrência da pandemia não foi possível ir até o local para registrar por meio fotográfico.

Em relação à materialidade da publicação, no acervo consultado faltam poucas edições dos anos em que a revista esteve em circulação. Uma parte do material está danificada, o que acaba influenciando na análise. Muitas edições não têm a capa. De primeiro momento, chegamos a pensar que seria como forma de marketing, já que as primeiras páginas, com certa frequência, estavam sendo diretamente de propagandas, mas no curso da análise pudemos encontrar o número da página, o que indicava a existência de capa, mas esta não foi digitalizada. Ao contactar a Hemeroteca Nacional via e-mail, eles explicaram que muitas capas foram perdidas ao longo do tempo por má conservação e por isso não era viável dispor do modo digital.

A metodologia desta pesquisa foi feita através do mapeamento da revista *Jornal das Moças* e pesquisas relativas à imprensa. Dedicamo-nos a estudar sobre a História das Mulheres no Brasil e a fazer leituras para compor discussões em articulação com a revista, na intenção de verificar os estudos que partem do pressuposto de compreender a mulher como sujeito histórico. Destacamos que as expressões utilizadas na revista sobre/das mulheres estão entre aspas para melhor identificar as análises.

A revista *Jornal das Moças* era um caderno ilustrado que teve seu ciclo de vida iniciado em maio de 1914 e ficou em circulação até dezembro de 1961, na cidade do Rio de Janeiro, principal cidade de circulação e implementação de periódicos do país nos séculos XVIII e XIX, na editora Empresa Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda. Ao que indicam outros estudos, a publicação circulou por várias localidades no Brasil.

Sua periodicidade era quinzenal, chegava às bancas para comercialização ao público às quartas-feiras e trazia como slogan “revista feita exclusivamente para a mulher no lar” (*Jornal das Moças*, 1951, edição 1863, p.10). Era dirigida pelos seus fundadores Álvaro Menezes e Agostinho Menezes. Ambos eram diretores e redatores. A revista era distribuída nacionalmente e suas páginas traziam receitas, dicas de beleza, organização, moda, comportamentos e anúncios de maquiagens, roupas, lojas, medicamentos, produtos de higiene pessoal. Entre uma matéria e outra havia propagandas correlatas ou não.

As informações editoriais que estão presentes na revista apresentam Álvaro Menezes como sendo o diretor e redator e Agostinho Menezes como diretor responsável. Na capa havia o nome da revista, a data de sua publicação e o Rio de Janeiro como sendo a sede da revista, o número da edição e o valor, havia uma descrição dos suplementos em *Jornal da Mulher*.

O delimitador temporal desta pesquisa se dá entre 1950 e 1960. É importante apontar que a revista *Jornal das Moças* tem entre suas especificidades matérias exclusivas, geralmente conteúdos que vinham da América do Norte e da Europa. Era muito frequente a revista trazer informações de determinados acontecimentos no mundo, como as discussões acerca da emancipação feminina, porém, sabe-se que a realidade histórica do Brasil na década de 1950 era diferente do que estava acontecendo no exterior.

Jornal das Moças foi considerada uma das principais revistas da década de 1950. Autointitulada uma revista para a família, ela demonstra em suas páginas forte influência do modelo de organização da sociedade marcada pelo patriarcado, cujos papéis sociais eram bem definidos em suas páginas. Com uma variedade de edições ao longo dos anos, a escolha pela década de 1950 se deu pelo interesse no período, visto que seria uma forma de continuar os estudos de representação iniciados no trabalho de conclusão de curso em História. Para isso nos dedicamos a leituras a respeito da História Cultural a fim de compreender o conceito de representação fundamentado principalmente por Chartier (2002, p. 16-17) para quem “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a

ler”, pois compreender sobre representação é perceber a relação de percepção, identificação, reconhecimento ou exclusão entre os indivíduos (PESAVENTO, p. 40).

De acordo com Chartier (1990, p. 17), “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.

As revistas femininas foram uma importante fonte de informação e entretenimento no século XX. Diferentemente dos jornais, elas não tinham a intenção de trazer informações rápidas ou referentes aos assuntos formais. *Jornal das Moças* defendia que os assuntos de interesse feminino eram opostamente aos assuntos das questões formais, pois para a revista, a ideia de assuntos e locais públicos não era para mulheres, pois esse não era seu espaço.

Acerca das revistas femininas, Luca (2020, p. 463) comenta

As revistas ensinam, aconselham, propõem, indicam condutas (o que fazer ou o vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas). Cumprem, dessa maneira, funções pedagógicas e podem influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como este se autopercebe e se relaciona com o mundo a sua volta [...]

As revistas e jornais femininas estavam em pleno desenvolvimento desde o século XIX, por conta da sua aceitação entre as mulheres. Perrot (2007, p. 33) as descreve como

[...] Ecléticas, as rubricas vão da moda às receitas de cozinha, das narrativas de viagens, ilustradas com gravuras imaginativas, às biografias de mulheres “ilustres”. O gênero biográfico está em pleno desenvolvimento. Rainhas e santas obtêm um grande sucesso nesse campo. Por trás dessa fachada algo banal, observa-se, na escolha e no tom, uma vontade de emancipação das mulheres pela educação e mesmo pelo saber e pelo trabalho [...]

Conforme Soihet (2013), as mulheres não eram tratadas como sujeitos, mas sim, como coisas, o que impedia que elas tivessem voz e desenvolvessem atividades. Dessa forma, a violência não se remete à agressão física, mas à normalização na cultura da discriminação e da submissão feminina.

[...] Nesse período, a construção da identidade feminina se pautaria na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos; fato correspondente a uma violência simbólica, que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação. Um objeto maior da história das mulheres, nesse momento, consiste no estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que buscariam garantir o consentimento feminino às representações dominantes da diferença entre os sexos: a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica,

a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc. Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal (SOIHET, 2013, p. 22).

Tomamos o cuidado, ao analisar a revista, acerca da realidade em que viviam essas mulheres, principalmente a fim de evitar pré-julgamentos e compreender o contexto na qual estavam inseridas, visto que naquele momento as expectativas a respeito das mulheres estavam relacionadas à esfera privada. Entre os aspectos levantados durante a pesquisa, estão a nomenclatura da revista *Jornal das Moças*, que apresenta a duplicidade de descritores tipográficos em seu título – revista e jornal. Conforme pesquisas de Martins (2008), a utilização dessa tipografia gerou equívocos e dificuldade em diferenciá-los. O que sabemos é que a nomenclatura jornal era utilizada a fim de gerar rendimentos. As características de ambos são muito semelhantes. A revista se destaca por geralmente ter capas, não ter folhas soltas e ter edições mais espaçadas, sendo semanal, quinzenal, mensal ou anual.

Outras publicações, não obstante a manutenção do formato jornal, sempre foram tradicionalmente referenciadas como revistas, fosse pelo caráter informativo variado de seu conteúdo, incluindo a ilustração, ou, de acordo com a definição de seus proprietários, no propósito de valorizar a publicação, qualificando-a em relação ao jornal (MARTINS, 2008, p. 73).

Sobre essa discussão, Albuquerque (2016) comenta que era na intenção de narrar, mostrar e apresentar os acontecimentos em âmbitos regional, nacional e mundial, trazendo poucas informações sobre as questões políticas e econômicas, visando a priorizar informações comportamentais e cotidianas.

Visualiza-se, então uma clara distinção entre revista e jornal, especialmente, a partir dos seus aspectos de conteúdo, no entanto, na primeira metade do século XX esses impressos apresentavam imprecisões nas denominações que recebiam em sua gênese. Assim, acredita-se que o nome *Jornal das Moças* está incluído no rol dos impressos que foram designados equivocadamente (ALBUQUERQUE, 2016, p. 31).

No entanto, de acordo com Martins (2008), o uso da nomenclatura jornal no título da revista se mostrou comum no século XIX e início do século XX, por ser algo definido pelos redatores do periódico, ressaltando que era difícil definir as diferenciações pela proximidade das características.

Ainda conforme Martins (2008), a definição de revista não era complicada, tendo em vista que sua definição vai de encontro ao do jornal impresso que lhe deu origem. No entanto, as definições mudaram a partir do entendimento editorial e na representação contemporânea do significado do gênero periódico revista. A revista poderia ter folhas soltas, assim como o jornal, o que os diferencia é a capa. No Brasil, havia pouco investimento em editoras, o que pode ser explicado pela quantidade de pessoas alfabetizadas. O uso da palavra jornal na tipografia de revista dificultou a classificação do gênero periódico.

Segundo Martins (2008, p. 69),

A formulação do que vinha a ser uma revista, na concepção de seus próprios mentores – proprietários, editores, redatores, colaboradores – reforçava as dúvidas de entendimento. Interessados em qualificar a sua publicação, assumia-se uma projeção idealizada da revista, conferindo-lhe superioridade frente ao jornal. Por vezes, um jornaleco era anunciado pelo fundador como revista, valorizando o empreendimento.

Sobre o formato dos periódicos a partir do século XIX, Martins (2008, p. 40) comenta

No curso da trajetória da revista, contudo, um marco revolucionário na imprensa da época: os recursos da ilustração. Certo que de há muito, desde os incunábulos, a ilustração se fizera presente nos textos, diversificando-se com o passar dos anos através de iluminuras, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes. Contudo, o extraordinário avanço técnico registrado na Europa, a partir do último quartel do século XIX, foi amplamente utilizado pelos periódicos, enriquecendo ainda mais aquelas publicações, transformadas em objetos atraentes, acessíveis até mesmo ao público menos afeito à leitura, se não à população analfabeta, que recebia as mensagens através dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível.

A imprensa era um empreendimento competitivo. Com isso, percebemos essa classificação entre jornal e revista. Nas revistas, encontramos um texto mais rebuscado, com uma atenção maior aos gráficos e melhor rendimento.

A tradicional evolução do jornal para a revista, observada nos primórdios de todo o periodismo, reiterava o equívoco. Com frequência, as revistas surgiam originalmente em forma de jornal, de custo mais baixo, para, em seguida, transformarem-se em revista periódica, abandonando o formato tablóide, as folhas soltas, incorporando uma capa que facilitava o manuseio e conferindo-lhe a configuração de brochura, quase um livro (MARTINS, 2008, p. 73)

Notamos que a revista *Jornal das Moças* não estava alheia às modificações acerca dos impressos. Tendo em vista a grande quantidade de edições disponíveis, dedicamo-nos a estudar

a década de 1950 a fim de dar continuidade a pesquisas desenvolvidas na graduação. Sobre esse período, destacamos que foi marcado por grandes transformações em decorrência, principalmente, do pós-guerra. Naquele momento ocorreram mudanças na cultura, na educação, mudanças políticas e sociais. Com a reestruturação do mercado de trabalho, houve um grande movimento de migração de pessoas do interior para as capitais, buscando uma oportunidade de emprego. Esse deslocamento e a necessidade de mão de obra ativa deu abertura para novos grupos e mulheres ocuparem o mercado de trabalho.

É preciso apontar que mulheres pobres sempre trabalharam. No entanto, as condições de trabalho eram diferentes das dos homens. Nesse momento, passam a entrar no mercado de trabalho mulheres que antes não estavam inseridas, inclusive as de classe média, pois havia um incentivo econômico para a contratação imediata. Os anos 1950 do século XX, conhecidos como os anos dourados, traduziram-se em um período de mudanças, e a partir disso conseguimos apontar as transformações diretas e indiretas na vida da mulher, que antes era subordinada à esfera privada.

O século XX foi um importante marco para a História das Mulheres no Brasil, a considerar que o primeiro contato com o movimento de mulheres surgiu no século XIX, vindo da Europa, impulsionado principalmente por mulheres que foram estudar no exterior. Em meados do século XIX tivemos importantes mulheres que se interessaram e tomaram a frente de discussões sobre a emancipação feminina, principalmente na conquista de direitos. No início dos anos 1900 houve uma articulação de grupos de mulheres reivindicando o direito ao voto e tendo como uma das líderes desse movimento Bertha Lutz, cujo direito foi conquistado em 1932. No entanto, somente na década de 1960 essa luta ganhou ênfase e produções historiográficas. O movimento de mulheres sofria forte impasse, pois vinculava a imagem das feministas enquanto mulheres masculinizadas e fazia a divisão entre mulheres femininas e mulheres feministas.

De acordo com Perrot (2007, p. 21),

De maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados; eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, donas de casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las e qualifica-las. Os comissários de polícia falam de “megeras” ou de “viragos” (mulheres de aspecto e atitudes masculinizadas) para designar as manifestantes, quase sempre taxadas de “históricas” caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria.

A partir da segunda onda do feminismo no Brasil pautas como acesso à educação, participação na política, violência e autonomia sobre seu corpo se tornam parte de suas demandas. Os questionamentos sobre as relações de poder entre homens e mulheres se torna uma das grandes questões do movimento. De acordo com Pedro (2020), as discussões do movimento da segunda onda iam além dos direitos políticos, econômicos e educacionais, a pensar justamente no contexto que o Brasil vivia na década de 1950 frente ao desenvolvimento e na década de 1960 com a censura.

Ao pensar sobre a representação de mulheres nos espaços e a sua emancipação feminina, um dos questionamentos que nos surgiram ao longo da pesquisa é sobre a presença de mulheres no corpo editorial da revista. Por isso, ao denominar a década de 1950 como o período da pesquisa, atentamos a observar quais escritoras eram mencionadas dentro das seções. Com isso, nos deparamos com duas autoras, Dorothy Dix e Yasmin Sylvia, que escreviam seções de condutas femininas para mulheres jovens e adultas a fim de contemplar o que a revista compreendia a respeito do universo feminino. Dessa forma, entendemos que diante de uma revista com seu aporte, a presença feminina enquanto autoras se fez necessária para além de ser representativa, pois sua influência formava hábitos e opiniões, e a participação de mulheres à frente de seções era um bom exemplo para sugerir de conduta das mulheres.

A partir das análises do período supracitado, identificamos que havia interesse das mulheres em ocupar os lugares que antes lhes eram negados, como as transformações políticas e econômicas ocorridas no país que possibilitaram a inserção das mulheres nos espaços públicos. Conforme Pinsky (2020), a valorização da representação da mulher nesse momento estava voltada à condição de “rainha do lar”, na qual ocorre a valorização do cuidado do lar e de sua família. Sua máxima exaltação estava vinculada à dádiva da maternidade, pensada enquanto honra para as mulheres e sustentada como vocação feminina nas revistas femininas do período. Além do cuidado com a casa, vincula-se a beleza com o padrão de comportamento esperado e apontado nas revistas como civilidade feminina. Espera-se da mulher a sutileza, a paciência e a obediência ao ver seu marido como provedor do lar.

As mulheres viviam naquele momento no país diante das perspectivas que diziam respeito ao patriarcado. Segundo Almeida (2013), suas ações eram medidas por seus pais desde o nascimento. Havia uma divisão de funções de tarefas consideradas para homens e mulheres, e uma das principais delas era a não ocupação das mulheres nos espaços públicos. A vida das mulheres era regida por ideais masculinos, que ditavam desde o que elas deveriam aprender e em quais lugares deveriam estar; o ensino era limitado, se comparado ao dos homens, que eram

preparados para cargos públicos e incentivados a estudar ou trabalhar com o que bem entendessem, cabendo a eles a responsabilidade de ser o provedor do lar, sendo considerado o chefe da família, independentemente das circunstâncias, e por isso merecia respeito e prestígio. Conforme Maluf e Mott (1998, p. 379-380),

À figura masculina atribuíram-se papéis, poderes e prerrogativas vistos como superiores aos destinados à mulher. Delineava-se com maior nitidez a oposição entre esferas pública e privada, base necessária para que a mulher se torne mulher e o homem se torne homem, ao tempo que fornece os elementos da identificação do lugar do homem e da mulher em todos os aspectos da vida humana.

O padrão de comportamento feminino foi imposto pela sociedade corroborado pela Igreja e pelos princípios da civilidade feminina. *Jornal das Moças* trazia um amplo destaque às afirmações na formação ética e moral, com os discursos indo ao encontro das ações esperadas a homens e mulheres. Conforme Pinsky (2020), para fomentar a reprodução tradicional de costumes, dava-se atenção especial à educação das mulheres, que era diferente da dos homens, e para isso, inclusive, existiam colégios que eram dirigidos por freiras e padres que ficariam responsáveis para a educação delas, garantindo assim a ordem e o bom costume a fim de preparar a boa moça.

Jornal das Moças seguia os princípios cristãos. Em alguns momentos até são mencionados padres, missas e festividades católicas nas revistas, por isso alguns assuntos, como a sexualidade, são evitados como forma de educar as jovens a não se desviarem dos princípios cristãos. Muitos pais optaram por matricular suas filhas em colégios católicos a fim de controlá-las, pois

A orientação hegemônica da Igreja e dos colégios católicos, por exemplo, é a de que a questão sexual não deve fazer parte da instrução juvenil (a não ser em forma de advertência), pois sexo e pecado com frequência andam juntos. Os adolescentes católicos aprendem que a expressão da sexualidade pode ser suja e vergonhosa e que as relações sexuais só devem ocorrer dentro do sagrado matrimônio e com fins procriadores (PINSKY, 2014, p. 128).

De acordo com a autora supracitada, no Brasil, o discurso da moralidade feminina era tão presente na década de 1950 que se tornou um hábito, o qual a revista só reforçava, tornando natural que as mulheres policiassem umas às outras, até mesmo nos espaços de descontração, como em festas, onde as moças deveriam proteger sua reputação, pois estavam na mira de olhares vigilantes.

Dessa forma, a pesquisa se amparou nos pressupostos da História Cultural, visto que se busca perceber as formas de representação postas em circulação por impressos periódicos, os

quais entendemos como elementos de cultura, formativos e difusores de hábitos e costumes. A História Cultural nos ajuda no processo de compreender a representação da mulher, pois a partir dela iremos analisar imagens e símbolos a fim de reconstruir práticas culturais nas quais se dão as lutas de representações, evidenciando a relação da cultura com o universo social (TEDESCHI, 2012). Segundo o autor citado, a cultura é uma construção social, e a partir de sua compreensão, observamos práticas e valores que podem ser reproduzidos de geração a geração. No entanto, não é imutável. Para sua reprodução, apontamos dois aspectos importantes, como a temporalidade e o grupo social que as reproduz. Estudar sobre a História Cultural, segundo Pesavento (2004, p. 15), “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”.

Ainda sobre o tema, Pesavento (2004, p. 42) discorre

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente. A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.

Nas discussões que perpassam o estudo com essa publicação, encontramos pesquisas que nos auxiliaram a compreender a revista *Jornal das Moças*, como a tese de Almeida (2008), a dissertação de Albuquerque (2016) e a pesquisa de Pinsky (2014), que foram essenciais para compreender os anos entre as décadas de 1920 e 1940, o que, em boa medida, contribui para a relevância desta pesquisa, posto que já havia um certo padrão de discurso construído e que pode ser considerado modelar para determinadas práticas sociais em relação às mulheres. A revista circulou por 47 anos e atravessou importantes momentos na História do Brasil. Consequentemente, na História das Mulheres, influenciando comportamentos e mentalidades (ALBUQUERQUE, 2016). *Jornal das Moças* foi uma combatente eficaz contra a dissolução do lar. Em virtude dessas pesquisas, destacamos que nos acentua estudar sobre a representação da mulher na revista na década de 1950, já que nos dedicamos a um exame atento do período, sobretudo ao analisar as seções “*Carnet*” das *Jovens*, *Evangelho das Mães* e *Jornal da Mulher*

e nos atentar às perspectivas dos atributos sociais, que em boa medida foi usado para denominar grupos de mulheres.

Destacamos a potencialidade de se estudar a História das Mulheres usando os periódicos, como afirma Pinto, Sampaio e Sousa (2020, p. 55): “Não somente historiadores, mas pesquisadores do campo da educação, artes gráficas, e visuais, dentre outros, passaram a vislumbrar na imprensa possibilidades de análises mais sistemáticas nas décadas finais do século XX”. É importante, pois, a partir da análise, acompanhamos como era a representação da mulher na revista, na qual é possível compreender quais eram os princípios esperados da mulher e de que forma era a sua representação perante a sociedade.

Registramos que o acesso à publicação, dadas as características do período pandêmico, deu-se integralmente pelo suporte digital. Houve dificuldade de compreender sua organização, tamanho e características físicas, o que podemos perceber mais facilmente no contato físico com a documental. Entre as dificuldades, mencionamos o suplemento *Jornal da Mulher*, que tem destaque na revista em média com 20 páginas, sua estrutura é anexa ao periódico, por isso levou certo tempo para compreender que ela não era parte da composição regular da revista, mas sim, que era um conteúdo suplementar, a partir de folhas soltas que estavam dentro de *Jornal das Moças*, conforme escrito na matéria de Álvaro Menezes (*Jornal das Moças*, 1950, edição 1833, página 11) “Uma revista dentro da outra, ambas se complementando”. Com isso, fizemos uma análise a fim de compreender a diagramação da revista para assim detalhar sua composição.

A partir dos aspectos apresentados acerca dos estudos da História das Mulheres e as análises de imprensa, a dissertação está organizada em três capítulos, sendo o primeiro denominado Os Anos Dourados e a noção de Mulher Moderna; o segundo, As Mulheres na História e a História sobre as mulheres: imprensa e sociedade; e o terceiro, Estereótipos de Conduta e Moralidade em *Jornal das Moças*: papéis sociais e representações.

No primeiro capítulo, apresentamos os anos dourados e a condição da “mulher moderna”, abordando sobre as questões acerca da liberdade feminina e as novas formas de lazer praticadas. Identificamos neste capítulo os grupos de mulheres existentes no período e sua possível influência na revista. Entendemos que *Jornal das Moças* mantinha uma escrita robusta, em alguns momentos se manteve isenta sobre alguns assuntos, principalmente nos que diziam respeito às novas discussões acerca da realidade da mulher, pois naquele momento entendia-se, conforme Soihet (2013, p. 18), que a mulher estava confinada ao privado e sua pretensão deveria estar relacionada aos ensejos de uma “rainha do lar”.

Fato que se pode verificar, ao acentuar que as mulheres têm uma função especial que corresponde às leis de seu sexo, “sublime tanto nas dores que lhe são inerentes como nos resultados: ter filhos”. Sua atuação primordial na família, mais que no trabalho, constituía-se “numa ciência, que absorve todos os dias, horas, minutos...”. A desobediência a essa norma, em decorrência da propaganda equivocada em prol da participação feminina na esfera pública, resultaria na diminuição das “mulheres honestas para aumentar as cínicas falanges das que não o são”. E, para finalizar, apelava no sentido de “deixar a mulher no interior da família, de onde não deve sair, a mulher feliz, altiva, ornada com a dupla coroa, o amor do marido e dos filhos”.

No segundo capítulo, estão presentes discussões acerca do controle da escrita feminina e o confinamento das mulheres na esfera privada. A restrição dos documentos que tratavam de suas histórias dificultou a escrita de suas trajetórias e o reconhecimento da mulher enquanto um sujeito histórico. Nesse capítulo, apresentamos a revista e discutimos acerca do seu corpo editorial composto, em sua maioria, por homens, nos fazendo questionar sobre a perspectiva dos homens escrevendo sobre as mulheres e no que eles entendiam como sendo do “interesse feminino”. Por fim, apresentamos o mapeamento da pesquisa na qual são apresentadas as seções que separamos para análise.

Fazer uma pesquisa utilizando o aporte teórico de revistas femininas nos fez pensar sobre a maneira como essas mulheres viviam no período. Entendemos que *Jornal das Moças* foi uma importante revista da década de 1950. Por sua alta aceitação entre seu público, ela influenciava na formação de opiniões e na implementação de conduta, pois, conforme Buitoni (2009), as mulheres viam as revistas, muitas vezes, para além do entretenimento, como uma amiga com quem trocavam conselhos e inspecionavam a conduta, pois

Vós, tu, você: o texto da imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa (BUITONI, 2009, p. 18).

Desse modo, no terceiro capítulo, apresentamos os modelos e as formas de conduta do período apresentados na revista, pois a partir dessa análise conseguimos perceber hábitos e costumes reproduzidos, trabalhamos na discussão do acesso das mulheres à educação e a influência da Igreja sobre as revistas e nas formas de conduta. Por fim, discutimos acerca da mulher no mercado de trabalho e as relações de poder.

CAPÍTULO 1

OS ANOS DOURADOS E A NOÇÃO DE MULHER MODERNA

Os anos dourados foram um momento de reestrutura do pós-guerra tidos como esperançosos de que o país alcançaria a modernidade e vivenciaria o otimismo no futuro do país. Segundo Pinsky (2014), foi um período considerado dourado e construído principalmente de memória. Naquele momento, ocorreu a intervenção estrangeira e a ascensão de movimentos feministas, hippies e ecológicos. Os anos correspondentes aos anos dourados, de 1946 a 1964, foram considerados democráticos, segundo Pinsky (2014, p. 16):

[...] comparados aos anos anteriores e aos imediatamente posteriores, eles delimitam um intervalo de tempo com maior liberdade de expressão. Entretanto, apesar da representatividade formal garantida, das medidas populares tomadas pelo governo e da aparente autonomia dos três poderes, ocorre uma ampliação do poder estatal e se mantêm inabaladas velhas concepções de poder autoritário baseado na figura forte do chefe da nação. Nem tão liberal, nem tão estável como acreditam alguns, o período em si, do ponto de vista institucional, é marcado por uma certa continuidade. A relativa liberdade existente não é suficiente para promover transformações radicais com mecanismos eficazes e irreversíveis de democratização no país.

Com isso, na década de 1950, o Brasil avançou em seu desenvolvimento, principalmente na urbanização e na industrialização. Mesmo o capital estrangeiro influenciando de maneira intensa, ocorreu nesse momento um forte sentimento nacionalista. Com a implementação de novas empresas, aumentaram os setores de produção e de consumo, resultando em uma mudança nos padrões de consumo por parte da população.

A partir da demanda de serviços e das transformações econômicas, muda a relação da mulher no mercado de trabalho, segundo Pinsky (2014, p. 17):

[...] o incremento do setor secundário e as mudanças na produção eliminam várias ocupações artesanais ou domésticas, expulsando um número significativo de mulheres do mercado de trabalho. Por outro lado, surgem para elas novas oportunidades em consequência do aumento de empregos no setor terciário. Cresce também nessa época a demanda por trabalhos considerados femininos.

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho teve como consequência a maior presença delas nas escolas, pois a atuação feminina nesse espaço passou a ser mais valorizada. De acordo com Pinsky (2014, p. 18), as transformações ocorridas a partir da urbanização diminuíram as distâncias entre homens e mulheres, como as novas práticas de

lazer, regras e práticas sociais; no entanto, prevalecem aspectos tradicionais das relações de gênero.

Naquele momento, o modelo de família matrimonial era o modelo dominante, mantendo o padrão de casamento e das relações de gênero, inclusive amparados por lei, na qual se entendia que a mulher era exclusiva ao lar. Segundo Pinsky (2014, p. 18), a Igreja era poderosa e a sua instituição era movida pelos ideais conservadores. Exemplos disso eram as orientações pela submissão da esposa ao marido, a instituição era contra o trabalho feminino fora do lar e proibiam a dissolução do casamento e críticas às mudanças que estavam ocorrendo na sociedade.

As discussões sobre a emancipação feminina ficaram mais evidentes por conta da influência dos movimentos feministas ao mesmo tempo em que estavam acontecendo campanhas governamentais de incentivo aos valores tradicionais da família. Nos anos dourados, ocorreram as principais transformações na música, no teatro, na literatura e nas ciências sociais e as manifestações culturais se devolveram principalmente entre a classe média.

A “mulher moderna” representada na revista *Jornal das Moças* foi o resultado das transformações que ocorreram no mundo. As mudanças nos aspectos econômicos e sociais possibilitaram à mulher o acesso a novas formas de lazer, trabalho e educação. A sua inserção no mercado de trabalho foi possível através da reestruturação econômica que ocorreu, sobretudo, em países que atuaram diretamente nos conflitos da Segunda Guerra Mundial. A “mulher moderna” não era apenas a mulher inserida no mercado de trabalho, mas era também a mulher que adquiriu comportamentos considerados modernos, segundo a revista. Entre essas vias de comportamento, mencionamos o incentivo ao consumo, maior liberdade feminina ao trazer questões sobre a emancipação feminina e maior participação nos espaços públicos.

A “mulher moderna” foi construída envolta de estereótipos de sua personalidade, no seu saber, nas suas roupas e especialmente em seu corpo. A manutenção da beleza era um tema tratado com recorrência na revista. Destacamos que encontramos pouca diversidade de mulheres na revista, seja em suas matérias, como nas fotografias, o perfil demonstrado era o de mulheres brancas e magras, as críticas quanto ao sobrepeso era muito frequente, como podemos ver “Se é gorda, leitora amiga, não se amofine em esperar o ônibus; siga a pé para seu destino” (*Jornal das Moças*, 1950, edição 1817, p. 27). A revista usava o padrão de beleza para fazer propagandas de remédio para emagrecer, conforme mostra a propaganda a seguir.

corpo esbelto e faceiro, SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR
DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE

CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de peso é natural, não faz mal e não provocará rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna (Jornal das Moças, 1950, edição 1817, p. 68, grifos no original).

O corpo magro era o que a revista acreditava ser o bonito. Por isso, afirmações como essas eram tão frequentes. Na página 54 da edição supracitada aparecia: “Se ao mirar-se ao espelho, verifica que sua silhueta se engrossa, é necessário tomar medidas de precaução a fim de não ultrapassar seu corpo as medidas normais” (Jornal das Moças, 1950, edição 1814, p. 54) pois, para a revista, a beleza da mulher era ser magra, bem arrumada e de boa aparência.

Portanto, havia um modelo burguês de mulher que deveria ser seguido independentemente da classe social, e a moda era uma forma de representação de poder e dominação. Assim, as mulheres da classe dominante se apropriavam da moda para mostrar sua imagem de moderna, civilizada e honrada; diferentemente das mulheres de classes populares, vistas como de conduta duvidosa, que andavam pelas ruas sozinhas e com vestimentas impróprias, com saias curtas e vestidos colantes. A mulher, imaginada de acordo com um padrão burguês pela sociedade, estava em busca de reconhecimento e era representada a partir dos valores conservadores que conjugam tradição e modernidade.

As mudanças no comportamento feminino nas primeiras décadas do século XX incomodaram os conservadores, pois era recente a aparição de mulheres jovens das camadas médias e altas nas ruas da cidade. A liberdade imposta para as mulheres refletia em códigos de conduta e bons costumes, e o principal canal para expô-los era a imprensa. A “mulher moderna” representada na revista usava salto alto, cabelos presos e vestidos longos com cintura marcada, o que refletia no contraste da representação masculina de paletó em um corte reto. O uso de roupas formais era uma maneira de demonstrar que o espaço público era um lugar onde homens e mulheres desempenham diferentes papéis que exigem cuidado na sua apresentação.

Havia mulheres que, mesmo vivendo dentro de uma educação tradicional, tiveram a permissão dos seus pais para os estudos, chegando, inclusive, à faculdade, mas por conta da realidade do período, somente a minoria das mulheres conseguia alcançar tal privilégio. Estudar ainda era uma condição para poucas, seja pela questão econômica ou pela cultural, e o espaço público não era permitido às mulheres. Evidenciamos que, no período, a realização pessoal de muitas mulheres apresentadas na revista era através do casamento e, conseqüentemente, na construção de sua família, deixando seus estudos e formação como segunda opção. A revista pouco tratava sobre essa possibilidade. O seu público-alvo eram as donas de casa, por isso seu

discurso era acerca da realização plena que o matrimônio lhe traria e no cumprimento do seu dever materno. A respeito disso, Saffioti (1976, p. 8) comenta:

A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos. E a asserção é válida quer se tomem as camadas ociosas em que a mulher dependia economicamente do homem, quer se atente para as camadas laboriosas nas quais a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família.

O uso do título de “mulher moderna” passou a fazer parte da revista a partir do ano de 1954. Nesse momento, iniciaram as discussões referentes à emancipação feminina. Entre as pautas, estava a inserção da mulher no mercado de trabalho. Como já mencionado, nos anos dourados havia um forte incentivo ao consumo. Os novos bens de consumo eram apresentados no periódico como uma necessidade. A maneira que a revista encontrou de tratar a presença da mulher no mercado de trabalho sem deixar de lado as obrigações de que a casa precisa e a atenção de que seu filho e marido necessitavam foi usar os bens de consumo como forma de otimizar seu tempo, iniciando paralelamente as discussões sobre a independência financeira.

A emancipação da mulher era tratada de forma sutil. Quando a sua presença nos espaços públicos se tornou mais frequente, a revista se posicionou, dizendo que aquela era a nova realidade de suas leitoras, embora afirmasse que esse não deveria ser o motivo de deixarem a feminilidade ou sua família de lado para pôr à frente seus desejos pessoais, pois para a revista esse era um comportamento exclusivo dos homens.

A revista compreendia que a emancipação feminina era um novo passo na vida da mulher, mas salientava que sua prioridade deveria ser sua família, pois para a mulher ser uma boa profissional, ela precisava, antes, ser uma boa dona de casa e mãe. Mesmo sendo cautelosa quanto à nova ocupação de trabalho e formação das mulheres, *Jornal das Moças* afirmava que essa nova condição lhe traria bons resultados, principalmente no que dizia respeito à valorização da mulher e a sua força de alcançar seus objetivos. A respeito do tema, encontramos na revista uma nota.

EMANCIPAÇÃO DA MULHER

A mulher vem procurando a emancipação por todos os meios ao seu alcance, sendo alguns atentatórios à sua feminilidade.

Ela não quis resignar-se a um papel passivo e optou por lançar-se em busca de aventuras nas ocupações antes só destinadas ao sexo forte, procurando, assim, penetrar no campo da luta para suprir as necessidades materiais da vida.

Não a moveu apenas o espiritual e, na maioria dos casos tomou essa decisão por motivos naturais, pela satisfação de bastar-se a si mesma, crendo que, assim teria o mesmo valor dos homens e também proceder como eles, fazendo o que bem entendesse.

Tomando tal atitude, as mulheres anelavam adquirir o que sua imaginação achasse mais adequado, sem precisarem recorrer os homens e, para isso, invadiram as fábricas, os escritórios, o comércio, os bancos, etc.

Conseguiram, assim, os seus propósitos, e foram até mais longe, solicitando uma independência emanada de seu trabalho e de novos costumes adquiridos com a posição que o dinheiro lhes granjeou, não ganho com esmola ou atenção, mas como prêmio de seus esforços, de seu trabalho, de sua inteligência.

E' evidente que as mulheres, ao igualar-se com os homens, se elevaram com o respeito à sua condição social, porém perderam bastante em sua feminilidade.

O campo das evoluções sofreu demasiadas mudanças em período de tempo relativamente curto. Se circunstâncias especiais fizerem com que as mulheres ocupassem postos deixados pelos homens durante a guerra, ou por trabalharem somente em indústrias atinentes a ela, depois de tudo normalizado, elas não se decidiram a voltar para as ocupações anteriores, abandonando os serviços do lar para desfrutarem uma liberdade econômica. Decidiram-se a lutar pela vida num plano de igualdade. Logo houve milhares de mulheres que foram admitidas em quase todos os setores de trabalho, aumentando a crise de ocupações, do luxo, das diversões e da vaidade.

Devemos olhar com simpatia a mulher que se incorporou a todas atividades. Não devemos menosprezar sua tenacidade e seu desejo veemente de prosperar, de assegurar seu futuro, independente do matrimônio, que era considerado como carreira exclusiva do sexo feminino.

Renunciar a agradar, renunciar aos deleites puros, emanados do carinho, o abraçar unicamente as vantagens materiais, implica em dar sentido vão e estéril à existência, convertendo-a em coisa secundária, aceitando-a como aceitamos o sol, a lua e o oxigênio.

A mulher não comete dano ao incorporar-se às atividades múltiplas que solicitam sua atenção, se souber manter-se com toda sua delicadeza e ternura, evitando manchá-las, cuidando sempre para que sua integridade feminina não sofra.

A humanidade ganhou uma incorporação da mulher à reserva de suas energias, dando-lhe chance de ver que o matrimônio não é mero contrato para a subsistência.

Se não houvesse acontecido essa transformação, o que seria das solteironas, obrigadas a serem uma carga pesada para sua família, sofrendo humilhações. Graças a emancipação, o futuro não as atemoriza e são donas de seu destino porque sabem que, lutando poderão ser independentes.

Porém, essa emancipação obrigou o homem a trata-las como igual concorrente na luta pela vida, e isso faz com que elas percam a feminilidade (JORNAL DAS MOÇAS, 1954, edição 2039, p. 62).

Percebeu-se que a revista se manifestava a favor das novas mudanças ocorridas na vida das mulheres, principalmente ao dizer naquele momento que não deveriam julgar as mulheres por escolherem alcançar sua independência. No entanto, a revista dizia que a escolha da mulher ao buscar sua emancipação era na intenção de alcançar o mesmo reconhecimento que os homens, embora saibamos que, por conta do contexto histórico vigente, isso não seria possível. Quando mencionava sobre a independência financeira, a revista dizia que o retorno financeiro possibilitou às mulheres a prática de novos costumes, não sendo dinheiro de esmola, podendo ser uma provocação para com aquelas que ainda dependiam financeiramente de alguém. Sobre a emancipação, a revista comentava que antes o casamento era considerado dedicação exclusiva da mulher, porém, quando a mulher adentrou no mercado de trabalho, ela renuncia a essa realidade, mas não poderia deixar de lado a delicadeza, pois essa era o que configurava a sua integridade. A partir dessa nova realidade, o matrimônio passou a não ser sua única opção. Sobre as mulheres que não se casaram, a revista faz uma provocação ao dizer que elas eram consideradas uma vergonha para a família. Dessa maneira, percebemos que, mesmo iniciando a discussão acerca da independência feminina, os textos vinham com críticas subentendidas.

Conforme Soihet (2013, p. 43), o adjetivo de emancipada era entendido como

Através do malicioso título de “emancipada”, pretende-se passar uma mensagem acerca do terror e do grotesco das mulheres no exercício de atividades profissionais fora do recinto da casa. Para muitos, tal situação configurava-se catastrófica e era objeto de grosseiras caricaturas buscando assinalar o avesso da ordem das relações entre os gêneros. O epílogo seria trágico, ou seja, levaria a uma mudança nos papéis de gênero: homens teriam que “velar pela cozinha e pelos filhos”. Este argumento far-se-á recorrente em inúmeros momentos [...].

A participação feminina nos espaços públicos abriu muitas possibilidades na vida das mulheres, tanto em oportunidade de trabalho quanto em sua formação. Principalmente na sua vida pessoal, o incentivo ao estudo passou a fazer parte do seu cotidiano, inclusive modificando o pensamento para as próximas gerações, pois elas viam uma melhor oportunidade de desenvolvimento pessoal, dando início às discussões e pautas como corpo livre, divórcio e considerando a escolha das mulheres que optaram por não se casar e se dedicar ao lar ou a sua carreira, chamadas como “solteironas” na revista. É a partir de tais discussões que se inicia o processo de reconhecimento da mulher enquanto um sujeito histórico, dona de sua própria história e não aquela lembrada apenas a partir de um homem.

Em meados da década de 1950, encontramos na revista com mais frequência conteúdos acerca da sua mudança na conquista do espaço público, direitos e sua emancipação. Por isso,

destacamos neste capítulo matérias que evidenciavam aspectos da vida da “mulher moderna”, influenciada pela realidade do país e as transformações na economia e na sociedade, participando de novas formas de lazer ou mesmo buscando seus direitos.

O pensamento tradicional se mantinha; no entanto, não foi um empecilho para a venda de produtos, mas sim, um incentivo para o consumo. É nesse momento que, além de produtos para o cuidado da casa, surgem a moda, os produtos de higiene e beleza. O discurso da revista era de que se a mulher trabalhava fora de casa, esse não deveria ser o motivo para não se cuidar, afinal, quanto mais tempo ela passasse fora de casa, mais abertura ela dava para uma suposta traição de seu companheiro, por isso era necessário sempre que possível ela estar bem arrumada e perfumada para não deixar sua feminilidade e encanto de lado.

A ocupação das mulheres no espaço público, além de se tornar uma realidade, abriu espaço cada vez mais para a conquista de novas experiências. As mulheres passaram a fazer atividades que antes lhes eram negadas, como por exemplo, as práticas de lazer. Nesse aspecto, evidenciamos o esporte, que foi negado às mulheres por não ser considerado feminino. Sobre isso, encontramos uma matéria sobre a presença das mulheres nos esportes e como elas se destacavam ao praticar modalidades que exigiam maior preparação física e empenho, opostamente ao que a revista entendia como “natural timidez”, como aparece na matéria a seguir.

Rompendo tradições – Invadem as mulheres o mundo dos esportes

Nos dias que correm as mulheres se dedicam aos mais perigosos esportes com o mesmo espírito audacioso dos homens e por vezes arriscando-se muito mais que estes já que está no seu natural vaidoso de conquistar lauréis que as tornem famosas e requestadas. Há trinta anos atrás as filhas de Eva limitavam-se apenas a montar a cavalo e praticar o tiro ao alvo com arco e flecha, ou mesmo jogar “peteca” e outros exercícios que não lhes exigiam grande atividade física. Mas esse tempo passou, como passa tudo neste mundo e as mulheres deixando de lado a sua natural timidez (?) e esquecendo as tradicionais costumes, se abalçaram o praticar a natação, o atletismo o tênis, o cestobol e até luta romana, havendo mesmo as que calçam pesadas luvas de couro e distribuem socos dignos de um Dempsey ou Joe Louis. Mas os exercícios arriscados de terral, mar e ar também lhe causam temos e ei-las dirigindo possantes aeronaves, formidáveis “bólios” de corrida e lanchas-motoras, fazendo-o com a mesma facilidade de um Lindbergh, um Fangio ou Farina.

Hoje as mulheres batem recordes de corrida a pé e levantam pesos que mesmo os mais fortes carregadores de docas não conseguiriam mover da lugar, tal fato despertando o interesse dos especialistas em filosofia feminina a dedicar-lhes longos estudos, como por exemplo, o professor Nils Peterson, que diz existir grande influencia da mulher esportista no desejo dos homens de obter resultados sempre melhores, naturalmente temerosos de perderem a primazia que lhes dá o direito de chamar-se “sexo forte”. De fato, tem razão Nils Petersen. De alguns anos para cá, os esportistas de todo o mundo vêm batendo recordes e mais recordes antes julgados impossíveis e se formos observar as antigas marcas dos maiores especialistas do passado, confrontando-as com as

atuais conquistas femininas chegaremos à conclusão de que as representantes do sexo oposto levam considerável vantagem. E no caminho em que vão, lograriam superar os antagonistas masculinos do presente, caso estes não se esforçassem ao máximo para conseguir a supremacia que data da era das cavernas.

Diz o professor Nils Petersen que a influencia feminina nos esportes não se limita às competições somente, bastando a sua presença nos espetáculos públicos de agilidade e vigor para que a vaidade dos homens seja espicaçada e tentem mostrar maior vigor para que a vaidade dos homens seja espicaçada e tentem mostrar maior vigor para com isso conquistar os seus aplausos. Nos campos de futebol, por excelência, os jogadores se transformam em verdadeiros gigantes, correndo o tempo todo e suando por todos os póros, sabedores que são que mil olhos de inquietas jovens lhes seguem os movimentos e mentalmente os criticam pelos seus fracassos e por sua falta de perícia no controlar a bola. Segundo as mais recentes estatísticas oficiais, nos Estados Unidos as mulheres representam de 5 a 15 por cento o total das assistências que ocorrem aos estádios, enquanto as demais preferem permanecer no recesso do lar... assistindo os encontros esportivos pela televisão.

O BOX, O PREFERIDO

O esporte que mais atrai as representantes do sexo fraco é o box e na América do Norte a sua presença é obrigatória nas primeiras filas de cadeiras, juntos aos “rings”. Elas influem poderosamente no ânimo dos pugilistas, que se tornam “cavaleiros medievais” desejando mostrar a sua superioridade física sobre os rudes adversários e conquistar-lhes as boas graças. Certa vez um pugilista revelou que, enquanto lutava, observava as mulheres sentadas nas cadeiras próximas e sentia-se estimulado ao vê-las gritar entusiasmadas quando acertava poderosos murros no nariz dos contendores e os deixava abalados. “Era hipnotizado pelas minhas admiradoras – acrescentou êle – e lutava como um louco furioso, esquecendo a cautela necessária e os eventuais truques dos adversários, o que me valia receber também homéricos castigos. Todavia sempre levava vantagem e ganhava as contendidas mercê do meu entusiasmo e prazer de comprazê-las e acostumei-me de tal forma que me sentia como se estivesse desamparado quando entrava no “ring” e não havia mulheres para me incentivar. Para finalizar a história, casei com uma das minhas admiradoras e mais tarde “retirei-me do “ring”, passando a exercer atividades de treinador, mas sempre tenho o cuidado de convidar lindas e entusiasmadas jovens para assistir às lutas de meus pupilos (Jornal das Moças, 1958, edição 2237, p. 8-9).

Figura 1 - Mulheres no Esporte



Fonte: Jornal das Moças (1958, edição 2237, p. 9)

Na matéria supracitada, percebemos o modo como a revista apresentava a maior procura de mulheres por modalidades de esporte que antes não eram permitidos a elas. No entanto, a revista não deixa de fazer uma provocação utilizando termos como “timidez natural” ou “sexo fraco” a fim de inferiorizá-las, mesmo quando aponta que elas já estavam quebrando recordes e tendo um bom desempenho.

Figura 2 - Mulheres praticando esporte



Fonte: Jornal das Moças (1958, edição 2237, p. 9)

Podemos ver na Figura 2 as mulheres praticando esporte acompanhadas de um homem. Supomos que a presença masculina nessas fotos simboliza que aquela era uma modalidade

majoritariamente masculina ou que, mesmo alcançando bons resultados, era somente ao lado de um homem que uma mulher ganhava visibilidade.

Figura 3 - Mulheres unidas pela prática do esporte



Fonte: *Jornal das Moças* (1958, edição 2237, p. 8)

Na Figura 3, o que nos chama a atenção é a quantidade de mulheres praticando um esporte que, como aparece na matéria, deixando de lado os tradicionais costumes, rompendo com as barreiras que lhes eram impostas e vivenciando momentos em que seu desempenho é melhor do que o dos homens.

Ao trazer dados acerca da emancipação feminina, *Jornal das Moças* apresentava conteúdos vindos do exterior. Infere-se que isso podia ser em decorrência de um conteúdo exclusivo que a revista trazia por causa da ausência de uma representatividade brasileira na mídia que se encaixasse no modelo de mulheres que a revista esperava. Por consequência, sabemos do impacto que tais informações poderiam despertar nas mulheres a partir do sentimento de inquietação. Toda influência acerca da sua liberdade era importante em um periódico tradicionalista, como informa a matéria a seguir sobre a disponibilidade de documentação acerca das questões femininas. Esse é um dos exemplos da mudança de disponibilidade de informações na revista sobre a emancipação feminina, o que não acontecia no início da década de 1950.

A mulher no mundo (coluna)

Um arquivo internacional sobre questões femininas

Poucas pessoas sabem que, desde 1935 existe em Amsterdam, na Holanda, um arquivo internacional sobre questões femininas. Nesse arquivo, que possui dezenas de milhares dos mais curiosos documentos sobre o movimento

feminino de emancipação, encontra-se também uma coleção, única no gênero, de quase 20.000 fotografias da história e dos problemas femininos. O arquivo reúne numerosos livros, periódicos femininos, recortes de jornais, cartas e outros documentos. O arquivo está aberto a todas as pessoas que desejam estudar a história dos movimentos feministas, em todos os países do mundo (Jornal das Moças, 1958, edição 2237, p. 22-23).

A revista não deixa explícitas as questões acerca da emancipação feminina. No entanto, ao analisar a década de 1950, percebemos que nos anos finais da década conseguimos perceber uma mudança nas matérias, pois elas traziam um discurso emancipatório ou mesmo informações às mulheres quanto a uma realidade nos espaços públicos. A forma como *Jornal das Moças* apresentava a “mulher moderna” envolvia as questões acerca da sua independência e principalmente de um breve incentivo aos estudos e qualificações.

Jornal das Moças mostrava a realidade da “mulher moderna” como sendo a mulher que estava no espaço público, estava estudando e buscava realizar suas vontades, muitas vezes fazendo e vivendo situações que lhe eram negadas, uma mulher intimidadora para outras mulheres e para os homens que ainda viviam em uma realidade conservadora. Esse pode ser um dos motivos que para algumas mulheres a realidade da esfera privada não a representava, pois naquele momento suas ambições e vontades eram as melhorias e conquista de direitos. Mesmo ocupando lugares que antes lhes eram negados, as mulheres, ao ingressarem no espaço público, não recebiam o mesmo prestígio que os homens ao executarem as mesmas funções, além de serem sujeitas a provocações depreciativas, como apresenta a matéria a seguir ao questionar um industrial francês sobre a presença das mulheres na indústria, ela responde: “É bem mais agradável ditar a um palminho de cara bonita uma carta, do que a um rosto com a barba por fazer” (Jornal das Moças, 1958, edição 2241, p. 42)

A MULHER DE HOJE PODE SUPERAR O HOMEM

Indiscutivelmente, a mulher de todas as latitudes deste planeta, vem conquistando, diariamente, o seu “lugar ao sol”. Os grandes cataclismos sociais provocados pelas duas guerras mundiais, fizeram com que o “belo sexo” passasse, quase que sem transição contender ao homem, todas as atividades humanas nos campos da indústria, do comércio, da lavoura, das ciências, das artes, da literatura, da magistratura e quejando.

Já vai longe a época das sufragistas que, em Londres, arriscando a própria liberdade e entrando, às vezes, em sérios conflitos com a severa Scotland Yard, pugnavam “horrorizando” a burguesia de então, pelos direitos de igualdade entre os dois sexos.

Hoje a mulher tende a se situar em plano superior ao homem. Pelo menos no que toca aos empregos, sejam eles públicos ou privados, a mulher mantém o certo da liderança. Mesmo porque, segundo argumentou um grande industrial francês, “é bem mais agradável ditar a um palminho de cara bonito uma carta,

do que a um rosto com a barba por fazer”. (Jornal das Moças, 1958, edição 2241, p. 42)

Na maior parte do tempo, a revista apresentava a “mulher moderna” como sendo a mulher que estava no espaço público. No entanto, chamamos a atenção para aquelas que ficaram no lar mas assumiram um comportamento moderno, pois agora elas poderiam ir a teatros e cafés sem estar exclusivamente acompanhadas e fazer uso de eletrodomésticos que otimizassem seu tempo. Tínhamos a realidade das mulheres que decidiram estudar mesmo sabendo que não iriam exercer a profissão. A modernidade deu-lhes a escolha do que fazer. O resultado dessas transformações, segundo a revista, foi que isso as fez ficar mais exigentes, tanto no que dizia respeito às suas escolhas quanto nas situações que as cercavam. Na matéria a seguir, percebemos que havia uma ironia por parte da revista ao dizer que a mulher fica mais exigente quanto a gastar o dinheiro do seu marido, mas não sabe como ele irá ganhar o valor correspondente aos seus gastos. Passou a ser frequente, com isso, ao menos uma matéria em cada edição que abordasse a realidade da “mulher moderna”, uma vida de classe média e de alto custo, como podemos perceber a provocação da revista quanto à mulher usar um determinado valor de consumo mesmo quando não podia.

A mulher moderna é muito exigente
O seminário sociológico de Londres provou, com métodos científicos (pelo menos assim o afirmam) que a mulher moderna, durante os últimos 10 anos, tornou-se um “sêr cheio de exigências”. O Seminário fêz pesquisas entre quase 1020 mulheres, a partir de 20 anos de idade, e estabeleceu que a maioria delas sonha com o aumento do padrão de vida, em gastos que não podem fazer, por causa do pouco que ganham os seus maridos. Os cientistas calculam que as suas necessidades, em média, são equivalentes ao salário de 120 libras por mês, ou sejam, 25 mil cruzeiros. Elas sabem como gastar esse dinheiro, mas não explicam como seus maridos vão ganhar (Jornal das Moças, 1958, edição 2237, p. 55).

Um dos aspectos que *Jornal das Moças* discutia era a respeito do salário das mulheres. É sabido que elas ganhavam menos que os homens, mesmo ocupando o mesmo cargo e desenvolvendo a mesma função, justificado isso pela diferença do gênero. Quanto a uma discussão mais aprofundada sobre direitos iguais, a revista não se posicionava, mas dizia que elas mereciam ganhar de modo igualitário, realidade esta que já estava acontecendo em países como Japão e Nova Zelândia. A revista defendia que o valor ganho por seu trabalho deveria ficar sobre seu uso pessoal, ficando a cargo de seu marido o sustento do lar e de seus filhos. Com isso, o dinheiro da mulher era exclusivo para seu cuidado e investimento.

SALARIO IGUAL PARA A MULHER EMPREGADA

A organização internacional do Trabalho acaba de publicar uma informação sobre os esforços realizados pelos governos, pelos empregadores e pelos empregados de 22 países e 9 territórios não metropolitanos, no sentido de serem as mulheres beneficiadas do princípio “salário igual para trabalho igual”.

Os autores deste movimento demonstraram que, se esta discriminação não desapareceu, pelo menos alguns progressos têm sido realizados, graças a diversas medidas governamentais apoiadas pelos empregadores, sindicatos e organizações femininas.

Na nova Zelândia, por exemplo, observa-se uma diminuição constante do desequilíbrio existente entre o salário pago às mulheres e aos homens. No Japão, as mulheres empregadas nos serviços de circulação da polícia de Tóquio ganham o mesmo ordenado que os homens e fazem jus a um sistema idêntico de aumento de salário. No México, por sua vez, os salários são calculados sem consideração alguma de sexos (Jornal das Moças, 1959, edição 2278, p. 21).

Jornal das Moças, quando apresentava matérias acerca da emancipação feminina, trazia exemplos de mudanças ocorridas principalmente na América do Norte ou Europa. Sabemos que a revista possuía um conteúdo exclusivo, e alguns dos jornalistas eram do exterior, mas nos inquieta pensar se a forma de apresentar uma mudança na vida das mulheres de outros países era apenas para mostrar que em alguns lugares isso já era possível ou se era para demonstrar que aquela poderia ser uma realidade no Brasil.

A revista defendia que o salário da mulher ficaria sob seu uso exclusivo, portanto, segundo o *Jornal das Moças*, a “mulher moderna” seria uma mulher elegante, arrumada, perfumada e que colocaria sua aparência como prioridade. Essa era uma das formas que a revista usava para influenciar o consumo. São inúmeras as sugestões de cosméticos, produtos de higiene pessoal e de roupas, principalmente na seção *Jornal da Mulher*, que apresentava variedade de roupas de festas, do dia a dia e do ambiente de trabalho.

A “mulher moderna” era representada como elegante, alegre, com disposição para a “execução do seu ofício do ser mulher, mãe e esposa”. A representação da “mulher moderna” era de uma versão da “rainha do lar” somada à modernidade. Essa mulher trabalhava, usava eletrodomésticos, prezava pelo melhor aproveitamento do seu tempo pessoal e o da sua família e fazia uso dos novos bens de consumo.

A ideia de modernidade estava calcada nas propagandas, nas reportagens, nas histórias fotonovelas, sempre evidenciando o quanto os produtos modernos e industrializados podem ser positivos na vida das famílias, e o quanto podiam facilitar a vida agitada das cidades. O desses diversos produtos poupava tempo, esforço, e ajudavam as mulheres a manterem seus lares como

exemplares espaços higienizados, ao mesmo tempo em que trabalhavam em empregos diversos (MOREIRA; CHORTASZKO, 2013 p. 14).

Na revista (Jornal das Moças, 1959, edição 2299, p. 21) dizia que “a mulher moderna é cada vez mais bela e que as medidas de seu corpo se aproximaram cada vez mais das medidas ideais da famosa Venus de Milo”, acrescentando que “as mulheres norte-americanas – conforme apurou o referido instituto – gastam em cosméticos mais dinheiro do que as mulheres de todas as outras nações reunidas”.

A revista escrevia sobre a realidade das mulheres nas jornadas duplas ou triplas e as incentivava, justificando a manutenção da feminilidade. Um exemplo disso é a matéria sobre a opinião dos homens em ajudar as mulheres nas tarefas domésticas que apresenta uma pesquisa em que 33% dos homens se declaravam contrários ao “sistema de escravização”, fomentando a prática do patriarcado no qual eles não podem ajudar suas companheiras, mas elas, mesmo trabalhando fora, têm o dever de cuidar do lar.

A AJUDA DOS MARIDOS NAS TAREFAS DA CASA

A colaboração do marido, nos serviços domésticos, tem servido de assunto a muitos humoristas e, por outro lado, como tema de animadas polêmicas, por parte das mais variadas organizações femininas de várias partes do mundo, especialmente dos Estados Unidos.

Ainda recentemente, estatísticas oficiais revelaram, por exemplo, que 53% dos maridos norte-americanos sentem-se felizes em ajudar as esposas a lavar e enxugar os pratos; 33% declararam-se abertamente contrários a esse sistema de escravização, enquanto que 14% afirmaram que levam e enxugam a louça, vestem o avental e bancam a “dona de casa” apesadamente para poderem “viver em paz”... Estes 14% representam o sexo-forte amenizado por complexos ou terror do “páu de macarrão”! (Jornal da Mulher, 1959, edição 2274, p. 24-25).

A revista traz a informação a partir da sátira ao mencionar que esta vem sendo uma pauta entre os humoristas. Os homens embargados pelo patriarcado veem os serviços domésticos como forma de escravização quando com eles, mas quando suas esposas estão fazendo tais tarefas, era visto de forma natural. Demonstrando assim as relações de poder dentro de casa, um homem não podia assumir as tarefas domésticas, pois isso o diminuiria e era entendido como “escravização”, mas quando são desempenhadas pelas mulheres, era visto como algo natural, pois aquilo representava a sua vocação dentro do espaço privado.

Sobre a submissão e o papel econômico da mulher, Saffioti (1976, p. 8) comenta:

A tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem, contudo, ser vistas isoladamente. Sendo a família a unidade econômica por excelência nas sociedades pré-capitalistas, a atividade trabalho é também desempenhada pelas mulheres das camadas

menos privilegiadas. Embora não se possa falar em independência econômica da mulher (esta é uma noção individualista que nasce com o capitalismo), pois o trabalho se desenvolvia no grupo familiar e para ele, o mundo econômico não era estranho à mulher. Não se trata de indagar aqui se o papel econômico da mulher lhe tirava posição social compensatória de sua submissão ao de decisões da família: o homem. Trata-se, isto sim, indagar-se não obstante sua incapacidade decisória, a mulher encontra via de integração nas sociedades pré-capitalistas.

A revista apresenta uma matéria (Jornal das Moças, 1960, edição 2336, p. 42), na qual traz a informação de que a mulher que morava nos centros urbanos e era dona de casa trabalhava 70 horas por semana, e se fosse equivaler ao número de horas de um trabalho formal, acabava trabalhando mais. Acerca dos dados, a revista apresentava que a dona de casa realizava uma atividade tão intensa e produtiva que o próprio Estado devia lhe dar grande parte de sua riqueza.

As revistas podiam reproduzir costumes conservadores, mas não deixavam de ser fonte de conteúdo sobre o que estava acontecendo no mundo. A possibilidade de acesso a tais informações fazia com que despertasse cada vez mais o interesse das mulheres por determinados temas que antes eram exclusivos aos homens, como por exemplo, a política. De acordo com Prado e Franco (2020, p. 194),

[...] graças às pesquisas históricas mais recentes, nomes esquecidos e vozes abafadas ou excluídas voltam à cena, conferindo legitimidade e visibilidade às atividades intelectuais e políticas de mulheres que, de fato, participaram da vida pública do Brasil no passado. Aos que sugerem que tais mulheres tinham “ideias avançadas”, estavam “à frente de seu tempo” e “fugiam às convenções sociais”, podemos dizer que elas pensavam e agiam como indivíduos pertencentes à sua época, e assim, entre outras atividades, também se envolviam com política (mais intensamente do que se assinalado e não apenas a partir do final do século, quando as lutas sufragistas ganharam destaque).

Foram essas mudanças que caracterizaram a construção da mulher moderna. Conforme a matéria a seguir, ao dizer: “Reclamam um ministro feminino no governo!”, o uso da exclamação nos mostra o espanto que esse assunto ainda causava ao público no geral.

RECLAMAM UM MINISTRO FEMININO NO GOVERNO!

Os jornais da Alemanha ocidental publicaram recentemente o protesto, bem enérgico, assinado por 21 organizações femininas da Alemanha Ocidental, que representam quase oito milhões de mulheres. O objetivo do protesto é o fato de o chanceler Adnauer, ao formar o seu governo, não convidou a mulher nenhuma para o cargo de Ministro. Assim, as mulheres protestaram contra o que chamaram de “um govêrno 100% masculino”, fato que na sua opinião, vai prejudicar muito o país. “Uma mulher no govêrno é elemento que garante a sua dedicação aos problemas sociais e, especialmente, da assistência social, médica, etc”. - frisa o protesto – As mulheres esperam que em breve, a

Alemanha possa contar, de novo, com um Ministro feminino (Jornal das Moças, 1958, edição 2237, p. 56).

Na matéria demonstrada anteriormente, percebemos a indignação das mulheres ao cobrar uma representação feminina no governo da Alemanha, argumentando que um governo representado somente por homens deixa de lado questões sociais e quem iria sofrer mais as consequências seriam as mulheres. Outro exemplo de informação e posicionamento que a revista não tomava no início da década de 1950.

A revista apresenta (Jornal das Moças, 1960, edição 2335, p. 20) uma matéria sobre a mulher e a educação, na qual dizia que um dos fatores fundamentais para o progresso dos povos era a educação feminina, pois quando uma mulher detinha o conhecimento, todos a sua volta, como filhos, maridos e família, se beneficiavam, sobretudo no desenvolvimento social, pois acreditava-se que era nas mãos das mães que se sustentava o futuro, por isso era inadmissível naquele ano o número de mulheres sem acesso à educação e meninas analfabetas.

Com base na análise das edições, foi possível perceber uma mudança no discurso da revista frente às questões femininas. Assuntos sobre a sua emancipação se tornaram mais frequentes, fomentados principalmente pelo estereótipo de “mulher moderna” e pelas questões sobre a sua independência financeira e formação. No entanto, o seu posicionamento conservador se mantinha. Sabemos que o exercício das funções domésticas deveria ser anterior à sua vontade profissional e que as mulheres eram ensinadas desde criança sobre a sua responsabilidade enquanto mães e esposas, e romper com tais costumes não era simples e rápido, sobretudo quando defendiam que as mulheres deveriam ter condutas adequadas. Mas ao trazer nas seções e suplementos abordagens sobre a vida moderna, a revista demonstrava seu posicionamento ao dizer que “mesmo exercendo uma rotina cansativa no seu trabalho as mulheres não devem deixar de lado suas funções domésticas e em países como Estados Unidos e China vinha sendo uma realidade” (Jornal das Moças, 1960, edição 2346, p. 28), pois suas funções dentro da esfera privada deveriam ser superiores às suas ambições da esfera pública.

ANTES DE MAIS NADA ELAS SÃO MULHERES!

A mulher moderna começou a ter parte ativa na vida pública e a luta pelo voto lhe ensinou a organizar-se para obter a abolição de algumas inabilitações restantes. Porém, sua evolução política não tem prejudicado, de forma alguma, os assuntos de especial incumbência da mulher: o cuidado do lar, a maternidade, o bem-estar da família, a educação dos filhos. É que elas são, antes de mais nada, mulheres, situação que nenhuma carreira ou profissão consegue sobrepujar (Jornal das Moças, 1960, edição 2338, p. 21).

No discurso da revista, uma mulher poderia ter títulos, profissão, ocupação em cargos públicos, mas nada devia receber tamanha atenção e cuidado como o lar, pois essa deveria ser sua prioridade antes de se envolver com qualquer outra coisa, reforçando a ideia do patriarcado. De acordo com Perrot (2007), as mulheres estão na esfera privada, estão cuidando do lar e são invisíveis, o seu silenciamento e sua invisibilidade se tornaram parte da sociedade. Sua presença no espaço público causa medo e desordem, toda a representação da mulher era voltada ao privado, seu corpo deve ser preservado. Enquanto os homens são figuras públicas conhecidas, as mulheres só têm seu nome, elas não são vistas, não se fala sobre elas.

A revista afirmava que o século XX foi o século da mulher, pois ela alcançou lugares e posições por mérito próprio, se equiparou aos homens não na intenção de competir, mas de colaborar. O veículo de comunicação dava a entender que, se a presença feminina nos espaços públicos era aceita desde o princípio, e principalmente que ela era tão valorizada quanto os homens ao afirmar que ela era insubstituível. Para isso, comentava que a mulher cientista, professora e de áreas afins conquistou o lugar em que elas estavam pela ambição de realizar tarefas mais significativas. A mulher pode desenvolver qualquer atividade técnica, científica ou administrativa porque esse é o seu século (Jornal das Moças, 1960, edição 2348, p. 29). Para justificar esse fato, a revista dizia que as mulheres alcançaram a realização profissional por conseguir manter-se feminina, pois “mesmo quando ela dá provas de superioridade numa atividade que os homens antes acreditavam que somente eles seriam capazes de executá-la, é porque, até mesmo aí, a mulher não deixa de agir como mulher, de pensar como mulher, de sentir como mulher”. (Jornal das Moças, 1960, edição 2355, p. 29 sic).

Com o passar dos anos, os discursos acerca da emancipação feminina e da conquista de seus direitos vão se aprimorando. A revista passou então a trazer com recorrência abordagens sobre a participação política e econômica das mulheres no país, o que acabava trazendo um discurso de incentivo à procura de formação e pertencimento aos espaços públicos.

É preciso apontar que na década de 1950, já havia grupos feministas no país, os quais eram fomentados por partidos políticos e centros universitários. A trajetória da mulher militante em busca dos seus direitos ganhou destaque principalmente na década de 1930 com a conquista do voto. As pautas feministas eram apresentadas principalmente em sindicatos e jornais independentes. O movimento do sufrágio, a segunda onda feminista e suas conquistas não são mencionados nas revistas. Todo movimento de mulheres era repudiado. Os movimentos e articulações feministas não estavam presentes no periódico, mas eles já existiam e eram bem consolidados, principalmente na cidade de São Paulo.

A primeira onda do feminismo surgiu no século XVIII logo após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa na Europa. No Brasil, o movimento teve início no século XIX, quando as mulheres buscavam pela emancipação feminina e pela conquista de direitos. Naquele momento, as mulheres não faziam parte da política, ou seja, não eram consideradas cidadãs de direito. Na luta pelo voto, as mulheres ficaram conhecidas como *sufragetes*. De acordo com Pinto (2010, p. 15), em 1913, em Londres, ocorriam manifestações pedindo o voto feminino. O marco na luta das mulheres ocorreu quando durante uma corrida de cavalos, em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se em frente ao cavalo do rei e faleceu. No Brasil, uma das lideranças desse movimento foi Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A conquista pelo voto feminino foi alcançada somente no ano de 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. De acordo com Soihet (2020, p. 226), “assim, embora a campanha sufragista de maior alcance não se tenha aqui tomado um movimento de massas, esta se caracterizou pela sua excelente organização o que fez do Brasil um dos primeiros países a garantir o direito ao voto às mulheres”.

A demanda principal era a conquista do voto e melhores condições de trabalho, liderada pelas operárias de ideologia anarquista. Conforme Pinto (2003), a “União das costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. Em um manifesto de 1917, elas proclamam: “Se refletirdes um momento verei quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (apud PINTO, 2010, p. 16) A partir da primeira onda, muitas mulheres participaram de lutas sociais, questionando sobre a realidade em que viviam, na qual eram ignorados os seus direitos, e por conta do contexto acabavam ficando aprisionadas dentro do espaço privado. Lutar pelos direitos feministas era a única forma de conquistar sua liberdade, pois conforme apontam Marques e Xavier (2018, p. 1),

Falar do movimento feminista é entrar em um caminho repleto de estudos e teorias esclarecedoras, sobre a relação de poder na sociedade em que estamos inseridos. O movimento feminista apresenta suas próprias reflexões críticas que se aprimoram com o decorrer do tempo e o aprofundamento de seus estudos levam a tomada de consciência das condições impostas à mulher na sociedade.

As mulheres trabalhadoras eram exploradas, viviam em situações precárias e possuíam uma jornada extensa de trabalho. Lutar pelo movimento feminista era lutar pelos seus direitos. As mulheres romperam com o silêncio. Após a década de 1930, esse movimento enfraquece, vindo a ganhar evidência novamente a partir da década de 1960. Naquele momento, suas

demandas ganharam força pelo movimento que estava ocorrendo nos Estados Unidos e na Europa, onde as feministas lutavam pela conquista de direitos, liberdade feminina, autonomia de seu corpo e a conquista do espaço público. Foi nesse momento que as relações de poder entre homens e mulheres ganharam visibilidade, as formas de dominação passaram a ser questionadas com maior ênfase.

Segundo Soihet (2013), a partir do século XIX, as mulheres, insatisfeitas com a exclusão do espaço público, criaram movimentos feministas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, onde criaram uma imprensa própria e organizaram associações pelo reconhecimento de seus direitos. A presença da mulher no espaço público era apavorante ao pensar que essa poderia vir a configurar em uma confusão de papéis, por isso elas eram chamadas pelos homens como “solteironas de calças” (SOIHET, 2013, p. 26).

Na década de 1950, havia a articulação de mulheres pedindo pela igualdade de direitos e a anistia. De acordo com Teles (1999), no ano de 1947, foi criada a Federação das Mulheres do Brasil (FMB). Entre suas discussões, estava a luta por seus direitos, a proteção à infância e a paz mundial. Somente no ano de 1951 ocorreu o primeiro congresso da FMB. Entre as participantes, estavam “donas-de-casa e as demais operárias, funcionárias públicas, professoras, profissionais liberais, estudantes e camponesas” (TELES, 1999, p. 49). Em 1952, ocorreu a 1ª Assembleia Nacional das Mulheres, e em 1956, foi realizada a Conferência Nacional de Trabalhadoras.

A partir de década de 1960, ocorreu uma efervescência de transformações, sucedeu uma revolução na cultura através da música e da arte, enquanto na política as mulheres sofreram um golpe. De acordo com Pinto (2010), enquanto nos Estados Unidos e Europa o momento era propício a tais transformações, no Brasil estávamos passando por uma ditadura, e o momento mais rígido de censura através do AI-5. As movimentações feministas eram entendidas pelo governo como sendo uma articulação de esquerda política e moralmente perigosa, por isso elas eram punidas e silenciadas.

As mulheres exiladas sofriam com o silenciamento e oposição por parte de seus maridos, pois conforme apontado por Pinto (2003), eles acreditavam que a articulação com as feministas europeias e as brasileiras iria desviar a luta pelo fim da ditadura, pois

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que

conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista (PINTO, 2010, p. 17).

Com o passar dos anos, a luta pelos direitos das mulheres ganhou novas demandas, como as discussões sobre violência, trabalho, equidade e sexualidade. O movimento, que ganhou força através das universidades e entre as mulheres de classe média, passou a ser inseridos nos partidos políticos, grupos estudantis, grupos de mães e mulheres nos bairros, alcançando as classes populares, pensando na necessidade desses grupos, e juntas somaram forças para lutarem por saneamento, escolas para seus filhos, melhores condições políticas e sociais e diferentemente dos países como Estados Unidos e França, onde o movimento feminista teve maior alcance e desenvolvimento, no Brasil a luta pelos espaços de poder foi tardia. A representação de mulheres no cenário político oscilou ao longo dos anos. No ano de 1950, temos apenas uma mulher na Câmara dos Deputados; no ano de 1954, temos duas; e em 1958, novamente temos uma. Os dados foram coletados da tabela fornecida pela Câmara dos Deputados (BRASIL, 2018). Os números vão ser mais evidentes no ano de 1966, quando temos seis deputadas. Mesmo sabendo que os números são baixos, se comparados à presença dos homens, ter mulheres nesses cargos de poder representa uma vitória para a sua luta, pois antes não se reconheciam como sujeito político, pela falta de representatividade. A presença de mulheres na Câmara não significava que eram feministas, mas que sua presença naquele espaço ganha força para as discussões das lutas femininas. A respeito disso, Pinto (2010, p. 18) comenta

[...] esta presença não garante que as mulheres tenham se eleito com plataformas feministas ou que sejam feministas. Mesmo assim é muito provável que as demandas por direitos das mulheres sejam defendidas por mulheres do que por homens, independente da posição política, ideológica e mesmo da inserção no movimento feminista [...].

Foi somente a partir da década de 1970 que as mulheres formaram 20 representantes na Câmara. A partir de então, os números foram ascendendo paralelamente ao momento em que a luta feminista ganha força no Brasil. A não representação das mulheres nos espaços públicos era o resultado da dominação à qual elas foram impostas, a permissões sobre lugares em que elas poderiam ou não estar. Desses lugares, o mais perigoso era a política, por isso havia tanta oposição com relação à sua presença nesse espaço.

A participação de feministas na política era entendida como uma afronta aos homens, pois elas estariam ocupando um lugar não aceito para as mulheres. A dominação era para além

dos grupos de gênero e de classe, era uma questão cultural. A visibilidade das lutas femininas através de uma mulher assustava e irritava os homens, pois seu machismo fomentava o pensamento conservador de que as mulheres deveriam permanecer silenciadas e afastadas das discussões públicas.

[...] Ao próprio feminismo foi dado um lugar neste arranjo de dominação. As mulheres feministas podem falar algumas coisas e não outras. As mulheres não-feministas terão poderes outros, porque não-feministas. Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal. Se a fala de uma mulher feminista, é o particular do particular (PINTO, 2010, p. 20).

O movimento da segunda onda no Brasil ficou conhecido, conforme apontado por Pedro (2020), como um movimento contemporâneo comparado aos outros nas quais as mulheres participavam. No entanto, o movimento feminista lutava contra a violência sobre as mulheres, reivindicava por seus direitos embasado no pensamento de que as dominações foram construídas ao longo dos anos. A forma com a qual as mulheres brasileiras compartilhavam suas ideias e articulações acerca do movimento era através de grupos de reflexão dos quais só participavam mulheres. Quando esse grupo se compunha de um número expressivo de participantes, ele se dividia para criar novos grupos.

Dessa forma, observamos que o movimento e as articulações feministas já existiam, mesmo que a revista não mencione, já havia grupos consolidados a fim de lutar pela emancipação feminina. A maneira como a revista apresentava os textos, dava a impressão de que a realidade em que essas mulheres viviam era divergente, quando na verdade, no fim da década de 1950, os grupos já estavam bem estabelecidos e as pautas cada vez mais ganhando adeptas. A construção da mulher moderna, conforme apresentado na revista *Jornal das Moças*, estava totalmente envolta na reflexão do capitalismo em sua vida, uma estrutura de relações de poder que as moldava e as definia. Suas mudanças não foram rápidas. A década de 1950 foi o início de determinadas ideias que vão se concretizar na década de 1960, mas foram essas modificações que as fortaleciam para seu desenvolvimento e aprimoramento.

Ao pesquisar sobre o movimento de mulheres da década de 1950, um dos questionamentos que nos foi levantado foi sobre a representação de pesquisadoras e autoras que embasavam as lutas das mulheres a fim de provocar inquietações nas mulheres do período. Dessa forma, Méndez (2008), em sua tese intitulada “Com a palavra, o segundo sexo: percurso

do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos de 1960”, analisa de que forma as mudanças sociais e culturais interferem na intelectualidade do pensamento feminista. Nesse trabalho, ela analisa três autoras que foram fundamentais para a construção desse pensamento: Heleieth Saffioti como pesquisadora, Rose Marie Muraro como editora e ativista e Carmem da Silva como jornalista.

Em sua pesquisa, ela realiza uma entrevista com Saffioti e Muraro, em que elas mencionam sobre as mulheres que influenciaram na construção de suas obras e carreiras profissionais, sendo elas, Carmem da Silva, Maria José Fontelas Rosado Nunes, Lélia Gonzales e as europeias e norte-americanas, tais como Betty Friedan, Viola Klein, Alba Myrdal, Evelyne Sullerot e Simone de Beauvoir. São essas mulheres que serviram, em grande parte, de aporte teórico para o movimento de mulheres do período.

Em uma das questões feita por Méndez (2008) a Saffioti, ela pergunta por que a autora denominou seu livro *A Mulher na sociedade de classes* como não sendo feminista. Segue a seguir a resposta da autora

Hoje eu não faria. Porque eu ia muito à televisão, me convidaram muito e toda a vez que eu ia à televisão, você sabe, o que interessa para este tipo de sociedade é denegrir o feminismo [...] (MENDEZ, 2008, p. 290).
[...] é que os meios de comunicação pegavam sempre o que era pior para usar como rótulo de feministas. Então, houve uma corrente que nunca foi muito expressiva mais que era a pior que era das feministas radicais. Elas nunca foram radicais do ponto de vista político. Elas eram radicais porque advogavam uma sociedade só de mulher. E eu sou partidária do radicalismo, mas do radicalismo político, o que este não era. Toda a vez que eu ia à televisão ou ao rádio eu tinha que explicar de que feminismo eu era, por isso que saiu assim (MENDEZ, 2008, p. 291-292).

Havia uma distinção entre feministas e femininas. Até o fim da década de 1980 eram poucas as mulheres que aceitavam ser rotuladas como feministas, pois acreditava-se que estas eram as mulheres feias e masculinizadas, além de criarem o estigma de que o uso do termo feminista significava algo ruim, utilizado como forma de deslegitimar o movimento. De acordo com Pedro (2020, p. 240), “se as mulheres que eram a favor da emancipação feminina não queriam ser vistas assim, o que dizer dos homens que, por apoiarem-nas, estavam sujeitos a todo tipo de gozação machista? Definir-se como feminista no Brasil era um grande risco”.

Méndez (2008), ao questionar Muraro se o pensamento feminista que ocorria no Brasil era original ou se acompanhava a “onda” do feminismo internacional, recebeu a seguinte resposta:

De jeito nenhum! Nós mesclamos o feminismo, desde A construção da mulher no mundo futuro você vê que ele estava mesclado com a luta de classes. Só as negras americanas nos entendiam, porque elas tinham gênero e raça. As negras americanas me adoravam. Não, nosso feminismo era muito mais avançado que o delas (refere-se ao feminismo internacional)

Quem dizia que o feminismo brasileiro era um reflexo deste feminismo internacional era o pessoal do partido comunista que queria acabar com a gente, sem ter lido o que a gente escreveu (refere-se aos seus livros e de Heleieth). Inclusive, a Heleieth era marxista, brava, maravilhosa, ela é inteligentíssima e ela fez também o feminismo com luta de gênero e luta de classes. Nós começamos o feminismo nos 70 e o resto da América Latina foi atrás da gente nos anos 80 (MÉNDEZ, 2008, p. 264).

Destacamos que Méndez (2008) ao compartilhar sobre a trajetória acadêmica de Saffioti, mencionou que no período havia poucos textos traduzidos. Em sua maioria, eles estavam em francês e inglês. Isso nos faz refletir sobre a questão do acesso à educação e os desafios que as mulheres encontravam. Entrar nos espaços de saberes já era um desafio; se manter diante de tais condições era uma situação complexa. A presença das mulheres nesses espaços era uma forma de resistência, pois eles eram majoritariamente compostos pelos homens.

A partir de tais informações, percebemos que ser uma pesquisadora no Brasil sempre foi um desafio. As situações que as mulheres encontravam no espaço público sempre foram um entrave para sua permanência, nos fazendo refletir sobre a potência que o patriarcado se encontrava nesses espaços. A influência do patriarcado sobre as mulheres e a intervenção nas suas escolhas estava relacionado às hierarquias, um contrato entre homens que influencia toda a sociedade e o Estado, sobre isso Saffioti (2004, p. 55) comenta

a diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição, dentro das relações entre homens e mulheres há dois polos de poder, mas essa relação é desigual, sendo percebida essa diferença entre nos espaços públicos e privados. Sendo o patriarcado uma forma de expressão do poder político, esta abordagem vai ao encontro da máxima legada pelo feminismo radical: “o pessoal é político”.

Pateman (2013, p. 16-17) ressalta que

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime

paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno.

As desigualdades de gênero são fomentadas pelo patriarcado, principalmente sobre sua presença dentro dos espaços privados, onde há uma estrutura hierárquica e desigual, configurando a opressão feminina e o seu silenciamento. A construção do patriarcado se baseia na violência e submissão.

É compreender que a submissão, por mais sutil que seja, é o resultado de um processo de tal forma brutal, que acaba por impedir a própria vontade de viver dignamente. Ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade. É um ser social, criativo e inovador (TELES, 1999, p. 9-10).

Estudar a História das Mulheres e os impactos culturais e sociais da década de 1950 nos fez compreender a mudança da representação da “rainha do lar”, a “mulher moderna”, e não que a “mulher moderna” não pudesse ainda ser a “rainha do lar”, mas que ela poderia escolher o que ela queria ser, sobretudo enquanto um sujeito histórico. Nesse aspecto, também damos importância às lutas das mulheres por seus direitos. A mudança política é fundamental. Quando pensamos sobre essa mudança, o patriarcado vigente fez com que a presença feminina nos espaços públicos fosse tão combatida. O não pertencimento, o não direito de escolhas, são amarras de um sistema desigual que só valoriza uma das partes, os homens. Com isso, no capítulo a seguir, trataremos as discussões acerca das mulheres na História e de que forma a sociedade e a imprensa as representavam.

CAPÍTULO 2

AS MULHERES NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA SOBRE AS MULHERES: IMPrensa E SOCIEDADE

As formas de escrita da História, em especial aquelas que se referem às mulheres, costumeiramente foram efetivadas por escritas masculinas, conforme aponta Tedeschi (2012, p. 9): “No decorrer da história há uma relação entre gênero e poder que precisa ser estudada, revelada, reescrita, pois a história tradicional antropocêntrica e universalizante criou o mito do sexo frágil, da impotência feminina e da sua dependência existencial do masculino”.

As mudanças ocorridas a partir dos Annales, em 1929, nos possibilitou pensar e compreender a História a partir de novas abordagens, já que o que vinha sendo produzido anulava muitas pessoas de suas narrativas e não dava o devido protagonismo que as mulheres mereciam diante do seu regime de historicidade. As novas percepções possibilitaram o acesso a novos espaços públicos, como a política, universidades, mercado de trabalho e na construção de saberes.

As alterações ocorridas na História proporcionaram a ascensão do feminismo. De acordo com Pesavento (2004, p. 8), a “[...] a crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionou rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História”, pois “sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial” (PESAVENTO, 2004, p. 9).

Os motivos pelos quais as mulheres não estão presentes em grande parte da História se deu pelas relações de poder que as cercavam, reduzindo-as ao invisível. Aas lutas feministas engajadas por pesquisadoras, tais como Michelle Perrot, Joana Maria Pedro, Joan Scott, Heleieth Saffioti, entre outras, vão de encontro a esse silenciamento, mostrando que as questões frente ao movimento emancipatório das mulheres e a reescrita da História das Mulheres precisa apontá-las como protagonistas de suas histórias, pois há muitas reproduções fomentadas a partir das relações de poder, machismo e sexismo que precisam ser recuperadas.

Por esse ponto de análise, a subjetividade e a conduta dos indivíduos eram simplesmente a expressão e o efeito da experiência do real e a tomada de consciência dos significados que esse real possuía. E, portanto, a linguagem com que os indivíduos se referem ao mundo em que vivem e o lugar que ocupam nele, definem sua identidade e seus interesses e dão forma expressiva

a suas crenças, porém para esses modelos de análise, era somente um meio através do qual a própria realidade objetiva é reconhecida e enunciada (TEDESCHI, 2012, p. 10).

O confinamento das mulheres nos espaços privados e o seu silenciamento tiveram como consequência a exclusão de memórias, identidades e representações, naturalizando a desigualdade de gênero. Quando estudamos sobre a representação das mulheres, percebemos o imaginário masculino presente na cultura. “Tradicionalmente se empregam argumentos extraídos da natureza, da religião, do político para legitimar a subordinação feminina” (TEDESCHI, 2012, p. 30), pois para Scott (1995, p. 77), a subordinação das mulheres foi explicada pela “necessidade” masculina de dominar as mulheres.

O imaginário social naturalizou a divisão do trabalho, explicando-a como decorrente das características biológicas de cada sexo. Segundo Scott (1995, p. 74),

[...] Para os/as historiadores/as das mulheres, não tem sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das principais revoltas políticas da civilização ocidental. A reação da maioria dos/das historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, seu confinamento ou relegação a um domínio separado (“as mulheres tiveram uma história separada da dos homens, em consequência deixemos as feministas fazer a história das mulheres que não nos diz respeito”; ou “a história das mulheres diz respeito ao sexo e à família e deve ser feita separadamente da história política e econômica”).

Houve um controle da escrita do protagonismo feminino, principalmente nos séculos anteriores ao século XX, quando a maioria das mulheres estava presente nos espaços privados. Mesmo nesses espaços, é necessário dar o seu protagonismo, pois foi nesses locais que ocorreram as resistências, frustrações e, principalmente, a reafirmação da sua identidade enquanto mulher. De acordo com Tedeschi (2012, p. 12-13),

Produto desse, resultado da manipulação, do controle da palavra, da escrita, que assegurou a instalação do poder, da lei, do imaginário social na História (com H maiúsculo) e a legitimação de uma minoria social, que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, não permitindo o livre exercício da autonomia do narrar e escrever das mulheres. O patriarcado teve como uma de suas funções na história, a construção e a reprodução de uma memória implacável, móvel, endurecida controladora do poder epistêmico.

A educação das mulheres na década de 1950 era restrita, poucas eram as mulheres que tinham acesso à escola, sobretudo incentivada pelo conservadorismo do período que acreditava no não pertencimento das mulheres nos espaços públicos. Evidenciamos que a mulher

representada nas páginas de *Jornal das Moças* era a mulher de classe média. Mulheres pobres trabalhavam desde cedo, inclusive estavam inseridas dentro das casas de classe média ao serem empregadas, cozinheiras, babás e afins. Ressaltamos que a realidade de grande parte das mulheres de classe média ficava a cargo da administração do lar. Sobre as mulheres trabalhadoras, Saffioti (1976, p. 7) comenta

A MULHER das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental.

Até o século XIX, poucas mulheres sabiam ler e escrever. Acreditava-se, segundo Perrot (2019, p. 93), que “[...] ao longo do século XIX, reitere-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário”. Ainda segundo a autora, uma mulher culta não é uma mulher. A sociedade entendia que a educação das mulheres era perigosa, pois eles sabiam de seu confinamento, sabiam que quando as mulheres buscassem por educação e seus direitos o sistema de controle sobre elas iria ficar cada vez mais difícil, por isso a sociedade se amparava nos segmentos religiosos dominantes, pois era uma forma de dominar as mulheres e seus saberes.

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. Esse conteúdo, comum a todas, varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo (PERROT, 2019, p. 93).

No Brasil, a educação das mulheres era excludente, nem todas tinham acesso à educação. A ideia dominante era que o conhecimento deveria ser para os homens, por eles possuírem melhor desempenho racional. Havia um desejo de prepará-los para a vida moral, política e econômica da nação; e às mulheres, o “destino que a providência lhes deu” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 9), conduzidas de modo emocional, sendo atribuídas a elas as

funções domésticas, e sua principal tarefa seria a maternidade. Conforme Maluf e Mott (1998, p. 373),

A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa.

A educação feminina era uma importante demanda no movimento de mulheres. Essa reivindicação foi uma das principais lutas das feministas, que buscavam direitos iguais aos dos homens, mesmas condições de trabalho e de remuneração. O movimento de mulheres surgiu entre os anos 1940 e 1960. Soihet (2020) comenta que as mulheres lutavam por uma sociedade mais justa frente aos desequilíbrios estruturais e uma postura crítica frente ao *status quo* capitalista, sendo a favor da emancipação feminina e a sua qualificação para o mercado de trabalho e assim se assumirem sujeitos de sua própria história.

Com a modernização, a experiência se afasta da expectativa, dando espaço para a entrada de algo novo. Porém, no Brasil, na passagem do século XIX para o XX, o progresso estava vinculado ao positivismo, sem apagar o papel da religião, responsável por manter a ordem. Essa junção fazia com que o passado permanecesse com carácter pedagógico, ensinando como o homem deveria romper com esse caráter, fazer diferente, mas sem radicalizar. Além disso, o processo de modernização, por ser endereçado à classe dominante, era marcado por um carácter excludente, pois existia uma descrença na capacidade da população negra e mestiça. Com isso, acabaram-se criando novos discursos.

Ao se trabalhar com impressos, é necessário compreender a quem se destinava, ou seja, quem era o público leitor privilegiado, colaboradores, redatores, bem como as disseminações ali presentes, contextos históricos, político e econômico que poderiam vir a influenciar diretamente os escritos. Em síntese, é preciso prestar atenção aos aspectos materiais da sua fonte. Conforme Chartier (2010, p. 8), ao trabalharmos com impresso precisamos ter um olhar apurado para sua estrutura, “[...] assim, por exemplo, no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções tipográficas e a pontuação”.

Ainda de acordo com Chartier (1991), analisar impressos requer alguns cuidados, pois exige um deslocamento relativo às abordagens iniciais, como o reconhecimento dos desvios socialmente mais enraizados, já que as pessoas se apropriam dos textos, pois o mesmo texto

pode ser entendido, compreendido e manipulado de diferentes formas. É por isso que é necessário atentar aos modos, sejam eles históricos e socialmente diferenciados. Pois

[...] Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. A questão é de importância, pois não revela somente a distante estranheza de práticas por longo tempo comuns, mas também os agenciados específicos de textos compostos para os usos que não são os de seus leitores de hoje [...] (CHARTIER, 1991, p. 181).

Os escritos, ou a falta deles, nos fez compreender de que modo os silenciamentos e/ou resistências estavam presentes. A maneira como *Jornal das Moças* apresenta seu conteúdo nos fez refletir de que modo se pensava sobre as mulheres e como a revista as representava, sobretudo nos aspectos que envolvem a presença feminina na esfera privada e pública. A partir das análises, conseguimos identificar o que a revista entendia sobre o que eles descrevem como sendo do interesse feminino. No periódico citado, podemos acompanhar a disseminação do mito da feminilidade, maternidade e o casamento como um ideal a ser alcançado para uma vida feliz e plena. Sobre a presença de homens e mulheres nos espaços públicos e privados, respectivamente, Maluf e Mott (1998, p. 373-374) comentam

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho.

Jornal das Moças era enfática ao abordar as questões sobre a realidade das mulheres e suas funções no lar. Naquele momento, havia mulheres que gostavam de estar na posição de “rainha do lar”, muitas mulheres escolhiam essa realidade e eram felizes na posição em que se encontravam.

A partir do exame da revista, encontramos poucas informações sobre os editores e o corpo editorial. Segundo Albuquerque (2016), que se dedica a estudar sobre *Jornal das Moças*, não foram encontradas informações profissionais relevantes sobre eles para compreendermos melhor suas opiniões em seus textos. Na edição do ano de 1931 temos essa matéria na qual a revista felicita Álvaro Menezes por seu aniversário.

Figura 4 – Álvaro Menezes

ALVARO MENEZES

Alvaro Menezes, redactor-secretario do *Jornal das Moças*, é uma dessas creaturas que os proprios deuses amam desde o berço, desde a candida idade



fechados ás fraquezas do mundo e ás mentiras da vida.

No evolver dos annos, que é sempre accidentado, e através do qual ninguem escapa ás leis irrevogaveis de um dualismo fatal, Alvaro se fez homem, guardando, dia a dia, no coração as reservas de bondade e de ternura que lhe attrairam sobre a cabeça a benquerença dos deuses, agora de mistura com a vehemente affeição das creaturas que lhe vivem perto.

Benquerença dos deuses e affeição das creaturas que Alvaro merece legitimamente pelos thesouros occultos no seu coração e pelo esplendor da formosura da alma que illumina a sua personalidade. Espirito talhado nos sagrados moldes da religião, ninguem pôde ao certo calcular o limite em que o seu desvelado amor de filho se confina com o seu grande amor de pai. Mas a sua vida se reparte numa trigono de affectos singulares: — pela religião, pela familia e pelo proximo, que elle ama, cunprindo a determinação de Deus, como amamos a nós mesmos.

Foi por isso que no sabbado ultimo, data do seu natalicio, a sua figura heraldica se viu objecto das mais carinhosas manifestações de jubilo, a despeito dos irritantes exageros da sua modestia, manifestação que registramos para deixar nestas linhas o nosso abraço fraternal ao joven companheiro de intelligencia radiosa e de acção dinamica, ao qual tudo deve *Jornal das Moças* nos seus triumphos successivos.

dos mais doces embalos nos braços maternus, quando o coração e os olhos ainda se conservam

Fonte: *Jornal das Moças* (1931, edição 816, p. 13)

Já Agostinho Menezes ganha uma matéria (*Jornal das Moças* 1950, edição 1803, p. 8) na qual a revista comunica o seu falecimento e coloca os nomes das pessoas e empresas que enviaram telegramas de condolências à família.

AS SOLENES EXÉQUIAS POR SUA ALMA:

Na terceira sexta-feira do mês de dezembro último, dia 16, foram celebras, às 11 horas, na igreja de S. Francisco de Paula, solenes exéquias pela alma do nosso extinto e inesquecível director-gerente Agostinho Xavier de Oliveira Menezes, que contou com uma afluência incalculável de figuras de tôdas as classes sociais, enchendo literalmente a imensa nave daquele templo tradicional. Mandaram-n'as celebrar a inconsolável família do desaparecido e a Empresa JORNAL DAS MOÇAS, onde não foi menor, nem menos cruel, o choque provocado no coração de todos nós. A família de Agostinho Menezes assim como nós de JORNAL DAS MOÇAS, expressamos, aqui, de público, o nosso sincero agradecimento a todos que nos trouxeram seu conforto em tão

amargo transe e que são, além de outros [...] (Jornal das Moças, 1950, edição 1803, p. 8).

As revistas possuíam em média 70 páginas, que traziam textos e ilustrações, abordando assuntos de economia doméstica a notícias do cinema. Eram compostas de gravuras, charges e fotografias de notícias dos famosos a dicas de moda. Até a década de 1930, circularam com impressão em escalas de preto e cinza. No entanto, a partir da década de 1940, passaram a ser impressas e comercializadas em cores e com qualidade de impressão mais sofisticada, possivelmente para se adequar ao suporte de fotografias. Nas capas estavam mulheres com a roupa que seria destaque no suplemento *Jornal da Mulher*. Sua forma de distribuição era através das bancas de jornais, e as assinaturas podiam ser anuais ou semestrais.

Além de constituir-se como um caderno impresso, elas proporcionavam entretenimento, informação e conhecimento de costumes. *Jornal das Moças* era prescritiva ao se posicionar sobre a civilidade feminina. Os impressos eram uma alternativa comum e popular de se ditar um comportamento social às mulheres, potencializando o papel idealizado pela sociedade, principalmente como forma de instruí-las para a vida enquanto mulheres casadas e, conseqüentemente matriarcas da família, sendo aquela que iria cuidar do lar, do esposo e dos filhos, tornando sua instrução voltada aos ambientes privados.

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. Esse conteúdo, comum a todas, varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo (PERROT, 2007, p. 93).

A estrutura da capa foi mudando com o passar dos anos. Nos anos anteriores a 1950, encontramos as informações sobre os diretores e a localização da sede na contracapa. A revista sugeria que estava de acordo com o comportamento tradicional ao afirmar que “Jornal das Moças criou no Brasil um tipo padrão de revista para a mulher no lar”, “Jornal das Moças é a revista cem por cento familiar”, “Jornal das Moças é a revista para a mulher no lar e na sociedade” (Jornal das Moças, 1953, edição 1976), ambas afirmações feitas em *Jornal das Moças*, no suplemento *Jornal da Mulher* de Yara Sylvia. Essa era a principal seção da revista.

Conforme escrita na primeira edição, *Jornal das Moças* era a revista que se preocupava com “o encantador da mulher brasileira”, o que entendemos como sendo um atributo social

relacionado a sua honra e moral. Na matéria é mencionado sobre as novas revistas que surgiram na época e seu diferencial

Surgiram várias revistas ilustradas [...] simples álbuns de photographias, modas e revistas litteraria, com acentuada feição mundana humorística [...] porém, poucas se preocupam com o cultivo de espirito de nossas gentis patricias ou em outras... dos conhecimentos humanos. E essa a tarefa a que se impõe o *Jornal das Moças* (*Jornal das Moças*, 1914, ed. 0001, p. 5).

Jornal das Moças descreve em sua primeira edição o que as leitoras poderiam esperar de seu conteúdo:

Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que olgam, da música e canto que embalam, os brincos e contos infantis que deleitam, a moda que agrada, do romance desdaz as visões tristes da existencia, da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos uteis que instruem, eis certamente a mais bella feição da imprensa que procura viver do favor publico (*Jornal das Moças*, 1914, edição 0001, p. 5).

Sobre o “encantador” da mulher, encontramos esse excerto de um discurso feito por uma amiga no dia do seu casamento e apresentado em (*Jornal das Moças*, 1914, edição 0002, p. 24) sugere que parte do encantador dessa mulher devia-se ao seu recato e a sua castidade.

Dentre todos os mais belos sonhos da humanidade é certamente o casto ideal esponsalício o que mais prende, mais aviva e mais seduz o espirito das gerações
Para a alma das virgens então esse encantado pendor humano, que resume a atração dos sêres pelo affecto mais puro, representa quasi que a única preocupação de sua existencia.
Ante a visão encantadora de seu futuro, essa risonha apparição de amor surge como radiosa florescencia de sonhos felizes.
E essa doce e imacula aspiração de seus devaneios, ao sentir-se realisada, assume aos olhos das virgens, nesse supremo instante de sua suprema ventura, como que a divinisação de seus pensares terrestres [...] (*JORNAL DAS MOÇAS*, 1914, edição 0001, p. 24).

Conforme Almeida (2007), *Jornal das Moças* se inspirava nos magazines ilustrados que eram muito comuns na Europa. Até a década de 1930, na capa havia ilustrações, e sua organização era no formato grid², mas a partir da década de 1940 passou a ter fotografias e assumir o formato de revista como conhecemos até hoje. Segundo Silva e Soares (2013, p. 7),

² A grade (*grid*), em um projeto gráfico de revista, é responsável pela unidade das diferentes edições da publicação, de forma que, mesmo que o conteúdo varie bastante de uma para a outra, todas tenham sempre “a cara” daquela revista. Ela consiste num conjunto específico de relações de alinhamento que funcionam como guias para a distribuição dos elementos num formato (FURTADO, 2009, p.12).

“eram impressos em papel jornal e havia algumas folhas soltas semelhantes ao tamanho A2, que eram dobradas na forma de um caderno, contendo roupas da moda vigente e moldes de roupas, trilhos de mesa, guardanapos e etc.”

Figura 5 – Capa da revista Jornal das Moças em 1914



Fonte: Jornal das Moças (1914, edição 0001 p. 1)

Figura 6: Capa Jornal das Moças no ano de 1950



Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1805, p. 1)

A revista *Jornal das Moças*, identificada como sendo para o público feminino, era composta majoritariamente por homens em seu corpo editorial. São poucas as mulheres que aparecem como autoras das matérias. Supomos que boa parte de seu conteúdo, como os conselhos e as imposições de comportamento, era escrita por homens, levando-nos a pensar como a revista percebe o olhar masculino sobre as mulheres e suas representações em seus artigos. Sabemos que entre as características das revistas femininas uma delas era não apresentar informações rápidas, como o jornal, e suas matérias nem sempre eram de datas próximas. Sobre isso Luca (2020, p. 448) comenta

A imprensa feminina orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento. Moda, beleza, casa, culinária ou o cuidado com os filhos comportam uma abordagem circular, ligada à natureza e às estações do ano: afinal, receitas, recomendações e conselhos indicados para o inverno ou verão podem ser retomados em anos subsequentes, desde que revestidos de ar de atualidade e apresentados como a última palavra no assunto.

A revista propiciava momentos de descontração e entretenimento, composta por imagens coloridas e bem pensadas para chamar a atenção da leitora; sua linguagem informal fazia com que a leitora se sentisse acolhida. Conforme Luca (2020, p. 438) descreve “de alguém próximo e que aconselha, ampara, aplaca angústias, resolve dúvidas, sugere, fazendo as vezes de uma amiga e companheira à qual sempre pode recorrer”. Em relação à autoria dos textos publicados, na maioria das vezes não há identificação direta. Observamos a presença de médicos, psicólogos e advogados para legitimar as publicações. Havia, nas matérias do cotidiano, celebridades que compartilhavam algo pessoal a fim de aproximar a artista de sua leitora.

As publicações das revistas femininas se mostraram altamente lucrativas. Conforme Luca (2011), tudo na revista passou a ser pensado para vender, o projeto gráfico, diagramação, dimensões, conteúdo, linguagem, capa, tudo influenciava no resultado final, que é a revista.

Assim, percebeu-se que o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos proposto, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboraram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão de capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais (LUCA, 2011, p. 2).

De acordo com Martins (2008) as revistas tiveram grande impacto no Brasil, sobretudo as publicações ilustradas, a influência da imprensa estrangeira veio muito forte principalmente em um momento na qual não existia um referencial imagético, a revista ilustrada aproximava seu público aos bens de consumo por se mostrar tão próxima do seu público leitor e principalmente incentivando ao consumo através de frases de impacto nas propagandas.

De acordo com Luca (2020) geralmente a leitora não percebe que o perfil na qual a revista buscava contemplar era o da mulher branca, de classe média, heterossexual, que visava manter a ordem em seu casamento e a felicidade de seus filhos, na qual sua preocupação devia ser a manutenção da sua beleza e certificar-se de sua conduta. A revista não tratava sobre a representação de mulheres negras e indígenas, a realidade na qual a revista trazia sobre as mulheres contemplava a um único padrão que era da mulher branca, elitizada, dentro dos padrões de beleza e consumo.

Tema recorrente na revista tanto nas matérias como nas propagandas era o cuidado com o corpo, a mulher de maneira nenhuma poderia se descuidar, principalmente no período do casamento ou após ter filhos, a falta da vaidade poderia ser um fator decisivo para a traição. Matérias em vias de manutenção da beleza são altamente persuasivas nas páginas de *Jornal das Moças*, conforme Luca (2020)

[...] A beleza tomada como padrão único e universal, comparece como algo a ser conquistado e/ou adquirido via força de vontade, rigor e disciplina capaz de vencer estrias, celulite, quilos a mais. É certo que disponibilidade de recursos entra na contagem, sobretudo para as que estão dispostas a se valer de cirurgias invasivas para corrigir, retirar, preencher ou acrescentar o que se considera inadequado (LUCA, 2020, p. 464).

Um fato para pensarmos sobre *Jornal das Moças* era a ausência de temas como economia e política, o que nos mostra a posição da revista frente ao contexto em que vivia, no qual as mulheres não faziam parte dessa discussão e nem seria um assunto de interesse entre elas. *Jornal das Moças* reproduzia a ideia de que a mulher nascia para ser dona de casa, esposa e mãe. A mulher zelosa e inteligente prezaria pelo seu matrimônio mesmo sabendo das infidelidades do seu marido, pois acreditava-se na ideia de que a traição era impulsionada por um fator biológico, no qual o sexo se manifestava de maneira diferente em cada gênero. Esperava-se da mulher os esforços para a manutenção do lar, para manter sua família unida. As revistas conheciam o lugar das mulheres na sociedade e buscavam lembrá-las dos papéis que lhes eram atribuídos, ou seja, no espaço privado.

A questão da infidelidade deveria estar presente nas conversas entre mães e filhas a fim de dar conselhos sobre sua vida futura enquanto esposa. Pinsky (2020) demonstra em sua pesquisa um teste presente em *Jornal das Moças*, cujo título é “Bom senso”, e nele contém uma discussão sobre traição, na qual as leitoras deveriam respondê-lo e, através das respostas, a revista aconselharia sua leitora sobre seu comportamento.

Teste de Bom Senso

Suponhamos que você venha a saber que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tanta na vida dos homens. Que faria você?

1. Uma violenta cena de ciúmes?
2. Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo?
3. Deixaria a casa imediatamente?

Resposta

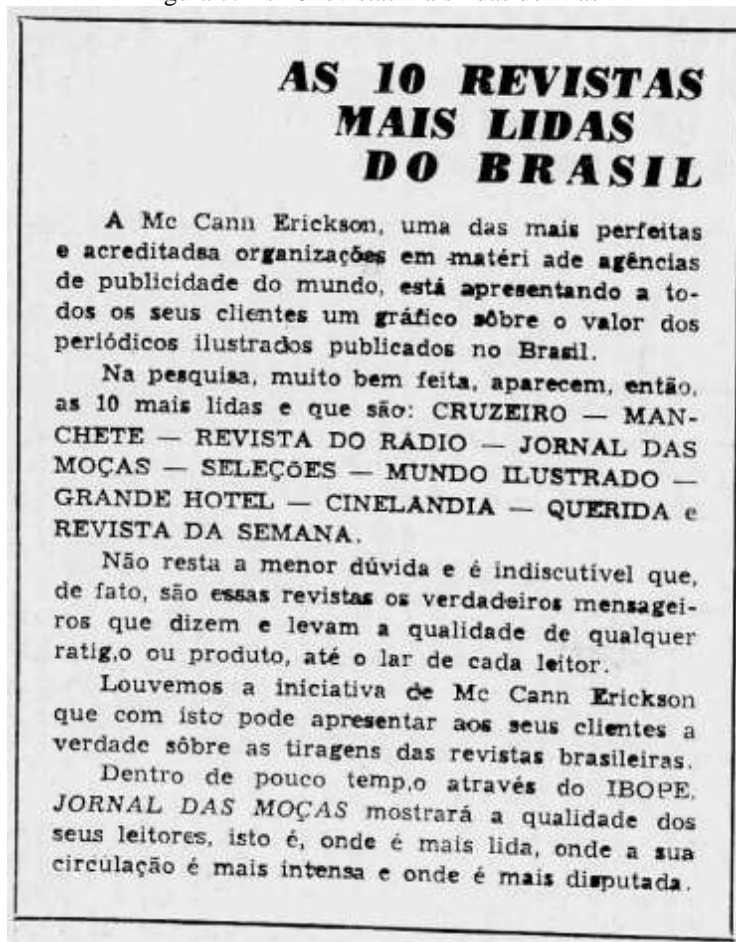
- A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que, após uma dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com um certo remorso.
- A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.
- A terceira é a mais insensata. Qual mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância (PINSKY, 2020, p. 607).

Nesse teste, percebemos a naturalização, por parte da revista, da poligamia masculina, justificada por ser um fator biológico, quando sabemos que a justificativa pela aceitação desse fato se deu pelo machismo, pois homens podiam e eram incentivados a trair; já das mulheres era esperado o zelo e o recato. A realidade da mulher casada defendida pela revista mostrava que em caso de traição, inteligente era a mulher que ignorava a situação e aproveitava essa oportunidade para reconquistar seu marido, pois naquele momento ele estava mais carinhoso. A partir da análise do teste supracitado percebemos a forma de conduta que a revista esperava das mulheres, na qual constatamos a forma como o seu silenciamento perante as questões que as incomodavam eram compreendidas como recato, quando sabemos que isso era somente uma forma de legitimar os privilégios masculinos.

A revista *Jornal das Moças* contemplava a uma série de assuntos considerados pelos diretores e redatores da revista como sendo de interesse feminino. Ela foi considerada uma das revistas mais lidas do país, conforme apontam os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). A revista ocupava o primeiro lugar na imprensa feminina, em 1945, e o primeiro lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 1950

(PINSKY, 2014). No ano de 1956, uma das edições apresentava as 10 revistas mais lidas do país, entre as quais *Jornal das Moças* novamente se encontra citada.

Figura 7: As 10 revistas mais lidas do Brasil



Fonte: *Jornal das Moças* (1956, edição 2154, p. 34)

Jornal das Moças foi um espaço de práticas e representações. Segundo Albuquerque (2016), uma revista voltada para a família, para a mulher, era um projeto de formação de educação para as mulheres. Educação em seu sentido amplo, trazendo elementos de reflexão, entendimento de historicidade e da pluralidade dos significados que as envolve e os interesses que as cercavam. A revista evocava um jogo identitário entre a leitora, o autor e o seu discurso estabelecido e tinha um projeto formador fechado para a mulher e seu recato.

Jornal das Moças, em suas primeiras publicações, na década de 1950, sinalizava em suas páginas que era uma produção voltada à família, no entanto, percebemos que a partir da metade da década de 1950 ela se dedica à mulher, sobretudo ao apresentar matérias que “conduziam” as mulheres a como se portar, a lidar com as situações no lar e na sua família. Ao

longo da revista encontramos os diversos temas e gêneros textuais, sendo eles poemas, testes, entrevistas, artigos, contos e crônicas.

A seguir detalharemos como se deu o mapeamento desta pesquisa frente às nossas análises. Perpassaram as nossas pesquisas observar as incidências, assiduidade, mudanças de preço, mudança no material editorial e melhorias por parte do periódico. No Quadro 1, apresentamos o exame preliminar de publicações durante a década de 1950.

Quadro 1 - Mapeamento dos exemplares da publicação em circulação entre os anos de 1950-1960

Ano da Publicação	Quantidade de Exemplares Publicados
1950	37
1951	51
1952	52
1953	53
1954	52
1955	52
1956	45
1957	52
1958	58
1959	53
1960	52
Total	557

Elaborado por: SOUZA, Ana Clara. 2020.

Fonte: Jornal das Moças

Em face do volume de publicações resultantes do mapeamento realizado na década de 1950-1960, nos dedicamos a analisar seções específicas na revista a fim de perceber a representação da mulher, as perspectivas e as limitações que as cerceavam. Para isso, trabalharemos com as seções *Jornal da Mulher*, *“Carnet” das Jovens* e *Evangelho das Mães*. Destacamos que a revista era composta de várias colunas e seções, tais como, *Trocas e Traços*, *Radioatividades*, *Pausa para Meditação*, *Sugestões para o Lar*, *Pausa para Meditação*, *Os Grandes Inventores*, *Galeria dos artigos de rádio*, *Fora da Tela*.

A seleção de tais seções deve-se à percepção de que trazem questões importantes para compreendermos o cenário e as condições de vida das mulheres nos anos dourados. Observamos que, no início, sua abordagem era pensada para a família, mas com o passar dos

anos foi sendo exclusiva ao público feminino, por isso adota o slogan “revista feita exclusivamente para a mulher no lar”.

Quadro 2 - Mapeamento das seções selecionadas para estudo

Seções	Incidências	Edições em que foram localizadas
<i>Jornal da Mulher</i>	557	1950 (37); 1951 (51); 1952(52);1953(53);1954(52);1955(52);1956(45);1957(52);1958(58);1959(53);1960(52)
<i>Evangelho das Mães</i>	88	1950 (12); 1951 (11) 1952(0);1953(0);1954(4);1955(11);1956(0);1957(5);1958(1); 1959(15);1960(29)
“ <i>Carnet</i> ” <i>das Jovens</i>	79	1950(21);1951(31);1952(13);1953(10);1954(4);1955(0);1956(0);1957(0); 1958(0);1959(0);1960(0)

Elaborado por: SOUZA, Ana Clara. 2020.

Fonte: Jornal das Moças

Na análise do Quadro 2, observamos um hiato nas edições de *Evangelho das Mães* e “*Carnet*” *das Jovens*. Percebemos que nesse período surgiram novas seções; no entanto, não se tratavam da mesma temática. Nossa inquietação sugere pensar se foi o contexto político ou o conservadorismo do momento no país que fez tais seções serem retiradas do periódico, pois não há nenhuma explicação na revista que o justifique.

“*Carnet*” *das Jovens* parou sua publicação no ano de 1954. Percebeu-se que sua publicação era em menor número, não houve nenhuma outra seção do mesmo formato e que continha uma linguagem de aproximação como Dorothy Dix fazia. Quanto ao *Evangelho das Mães*, houve uma maior oscilação de publicações. Com o passar dos anos sua forma de linguagem se modificou, não eram tantos sermões como no início dos anos 1950 e passou a conter mais dicas quanto à criação das crianças.

As seções selecionadas para análise nesta pesquisa serviram como referências para mulheres solteiras e casadas. Além de trazer conselhos sobre o modelo de civilidade feminina, havia críticas sobre seus comportamentos diante das situações. A revista, em muitos momentos, ocupava o lugar de uma amiga próxima com a qual a leitora se sente confortável para dividir segredos e também como espaço de tirar dúvidas. Era muito frequente, na seção de *Dorothy Dix*, trazer pautas relacionadas às dúvidas das leitoras, principalmente quando era algo relacionado a assuntos considerados “constrangedores”. A liberdade entre mãe e filha limitada. Por conta disso, as revistas ficavam com a missão de aconselhar essas mulheres com relação ao período da puberdade, quando a mulher já estava sendo preparada para o casamento e, quando recém-casada, a melhor maneira de lidar com as mudanças ocasionadas pela gravidez.

Sobre os textos de civilidade, Colling e Tedeschi (2019, p. 471 apud ELIAS, 1988, pp. 317-318) descrevem:

Estes textos funcionavam e funcionam como operadores práticos dessa dinâmica, desse lento “processo de educação e refinamento”. Eles dão-nos a ver esferas distintas que Norbert Elias designou no “processo civilizacional”: “a orientação do momento de civilização para uma “privatização” cada vez mais pronunciada e mais completa de todas as funções corporais, e para a rejeição em recintos especializados e para a sua deslocação “fora do campo visual da sociedade” [...] é a estranha clivagem entre os aspectos da vida humana que se podem expor à luz do dia, quer dizer as relações sociais, e as outras que é preciso reservar na intimidade, na esfera “secreta” [...] Dito de outra maneira, assiste-se no curso do processo de civilização, à formação progressiva de duas esferas diferentes da vida humana, uma é íntima e secreta, a outra aberta, de um comportamento clandestino e de um comportamento público

Jornal da Mulher, “*Carnet*” das *Jovens* e *Evangelho das Mães* eram seções que tinham um importante destaque. *Jornal da Mulher* tinha cerca de 15 a 20 páginas na revista. Nesse suplemento, percebemos os conselhos, o posicionamento da revista diante das circunstâncias, moldes para roupas, dicas de como limpar a casa e afins, esteve presente em todas as edições da revista analisada e sua seção está no início da revista.

“*Carnet*” das *Jovens* era a seção em que fica mais evidente o contato com as leitoras pelo modo de escrita impessoal e direcionado. Nos seus textos havia uma demonstração de “uma leitora me mandou uma carta”, “há muita dúvida entre as leitoras”, fazendo com que a leitora se sentisse mais próxima da autora. Essa seção não apareceu em todas as edições publicadas e normalmente estava logo após *Jornal da Mulher* na estrutura de páginas da revista.

Evangelho das Mães, comparado às duas seções anteriores, foi a que mais sofreu oscilações de publicação. No entanto, se posicionou mais diante das críticas às mães e futuras mães, com um discurso mais direto e pouco acolhedor. Comparado aos demais textos da revista, não era assinada por nenhum redator, o que nos instiga a pensar se seriam várias pessoas a construí-la ou se não houve certo padrão de estrutura textual na seção. Geralmente estava localizada nas últimas páginas da revista. Além dos conselhos às mães, trazia dicas referentes ao cuidado com uma criança e dicas de limpeza, cuidado com o lar, chamado de “*As donas de casas não devem esquecer que*”.

A mídia impressa feminina é uma das instâncias sociais que produz cultura, veicula e constrói significados, identidades e representações. Por meio dela, sujeitos podem ser constituídos a partir de um modelo predominante, correspondente ao sistema político, social e

cultural do qual fazem parte. Na sequência, apresentamos aspectos mais detalhados sobre as seções.

2.1 JORNAL DA MULHER

O suplemento *Jornal da Mulher*, revista semanal de figurinos e bordados, com direção de Yara Sylvia, trazia em seus escritos os principais modelos de vestimentas femininas para a época, cortes estes de criações exclusivas posadas diretamente para o *Jornal das Moças*. No suplemento, além de breves comentários acerca dos tecidos utilizados, o modelo da costura. Nas fotografias encontramos ricos detalhes das peças e modelos famosas, principalmente internacionais. Essa era a seção da revista que mais recebia destaque por conter um número mais expressivo de páginas. A revista não faz qualquer menção a Yara Sylvia e não encontramos dados sobre sua formação ou mesmo nacionalidade.

Além de fotografias de modelos exclusivos das tendências brasileiras, nessa seção havia modelos de bordados e ponto cruz. Abaixo de cada modelo havia uma explicação da imagem e incentivo à compra ou à confecção, dizendo que aquelas seriam peças fundamentais para fazer parte do enxoval. Entre os modelos de corte e costura, havia propagandas e conselhos femininos, como esse: “A espôsa cujo marido sai todas as noites sem motivo plausível não se deve aborrecer por isso porque poderá aborrecer-se mais se conhecer o motivo” (JORNAL DAS MULHERES, 1950, edição 1803, p. 52), sugerindo como as frustrações femininas deveriam ser mantidas em silêncio para a preservação do casamento. Em *Jornal da Mulher* havia receitas para a preparação do enxoval, desde panos de pratos a jogos de cama, tudo pensado para o lar.

Figura 8 - Capa de Jornal da Mulher seção de Yara Sylvia



Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1803, p. 19)

Yara Sylvia trazia no suplemento diversos conteúdos para as mulheres. Ainda na edição supracitada, havia sugestões de nomes para os futuros filhos: “Gabriel é nome que significa intérprete de Deus” (JORNAL DAS MULHERES, 1950, edição 1803, p. 57). Nessa seção, percebemos um forte incentivo na construção dos estereótipos em volta da mulher e sua feminilidade. *Jornal da Mulher* era rica em informações, fotografias, discursos e posicionamentos do que era o ideal para a leitora. A forma de coerção presente nos textos e sermões nos faz observar como se dava a construção da mulher perfeita para a revista e a forma como as mulheres, de fato, se viam representadas nesses discursos ou os via como objetivo. Nessa seção estavam presentes das mulheres mais novas as mais velhas, havia modelos de roupas adequadas para cada ocasião, inclusive, para as mulheres que preferiam o recato. Em uma edição do suplemento *Jornal da Mulher*, a mulher conseguiria tirar uma modelagem de roupa, receitas para bordar seu enxoval, bem como dicas de como cuidar de sua casa, como propagandas de comércios.

A revista dava destaque à vaidade feminina: “A mudança de cor do cabelo de muitas damas é mais um fruto da política feminina que do espírito da vaidade” (JORNAL DA MULHER, 1950d, edição 1808, p. 56). Havia modelos de vestido para os eventos comuns e vestidos de festas. Entre uma matéria e outra transcorriam trechos com bastante sátira referente aos comportamentos e às adversidades femininas:

Para triunfar em qualquer carreira, a mulher deve possuir dez vezes mais talento que o homem. O homem encontrará amigos que lhe ajudem; a mulher,

em compensação, só achará inúmeras dificuldades postas em seu caminho pelos mesmos homens” (Jornal das Moças, 1950, edição 1808, p. 49).

Havia uma dedicação por parte da revista para trazer uma diversidade de conteúdos, por isso, entre os modelos de vestidos havia dicas de preservação de móveis, educação financeira, conselhos amorosos e regras de comportamento.

Figura 9 - Detalhes da roupa na seção Jornal da Mulher



Fonte: Jornal da mulher (1950, edição 1803, p. 23)

Em *Jornal da Mulher*, era possível ter acesso aos cursos de corte e costura, tricô e bordado disponíveis. A estratégia de divulgação dos cursos se dava entre um molde e outro. A formação por correspondência era muito comum na década de 1950. O curso em questão estava sendo bastante divulgado, pois naquele momento era uma profissão que estava em ascensão. Havia, no decorrer de suas páginas, o relato das experiências de sucesso das mulheres após a conclusão do curso. Ao analisar o *Jornal da Mulher*, percebemos alguns fatores da mudança na vida da mulher ao longo da década de 1950. Entre eles, a moda e a roupa, que expressavam o controle sobre o corpo feminino. Sobre isso percebemos que os decotes passam ao modelo U, mostrando mais o colo, e as saias e shorts têm menor comprimento.

Na primeira meia década de *Jornal da Mulher*, as representações das vestimentas das mulheres são longas, de decote fechado e a característica mais próxima de marcar o corpo

feminino era através da cintura marcada. A silhueta era muito valorizada, mesmo ressaltando o quadril, eram peças retas, nada justo. As únicas que usavam shorts curtos eram as crianças e algumas mulheres consideradas modernas. Quando elas usavam saias, ou eram retas ou plissadas, mas ambas na altura do joelho ou poucos centímetros acima. Essa seção nos serve de exemplo de como analisar a representação da mulher, pois havia um distanciamento considerável entre as mulheres que a revista retratava como respeitável e as que não estavam no mesmo padrão.

Jornal da Mulher era um complemento dentro de *Jornal das Moças*, “uma revista dentro de outra revista, ambas se complementando” conforme ressalta Menezes (*Jornal das Moças*, 1950, edição 1833, p. 11). Em comemoração aos 20 do suplemento, a revista destaca que já havia passado por duas grandes crises. Naquele momento, em 29 de junho de 1950, *Jornal da Mulher* era a primeira revista complemento do Brasil exclusivamente em *Jornal das Moças*. Ele também menciona Agostinho Menezes por ter tido a ideia de criar *Jornal da Mulher*, dizendo: “Vamos criar uma revista para a mulher dentro do lar, uma revista de figurinos, bordados e tricôs, porque não há nenhuma no Brasil. Mas essa revista terá que ser anexada ao JORNAL DAS MOÇAS, porque não pretendo fazer concorrência de uma à outra, matando ambas” (*Jornal da Mulher*, 1950, edição 1833, p. 11), conforme apresenta a figura a seguir.

Figura 10 - Comemoração 20 anos de Jornal da Mulher

**JORNAL
das
MOÇAS**

Fundador:
Agostinho Menezes

Diretor-responsável:
Alvaro Menezes

Redação

Administração:
Av. Rio Branco, 31
1.º andar

Telefones:
Diretor: 23-1472
Garçaria: 43-0831
Redação: 43-2431

Oficinas em
edifício próprio:
Rua Euclides da
Cunha, 106
Tel.: 28-8943
Rio de Janeiro

UM DIA FESTIVO E... ..UM PREITO DE SAUDADE!

ALVARO MENEZES

HÁ vinte anos passados, aparecia, pela primeira vez, no Brasil, uma revista dentro de outra, antes se completando.

Em 1930, a 29 de junho, surgia o primeiro número de JORNAL DA MULHER, dentro de JORNAL DAS MOÇAS, sendo convidada para dirigir a revista Yara Sylvia, que se houve de tal modo que JORNAL DA MULHER é, ainda, indubitavelmente, a primeira revista do Brasil.

E aqui, porém, que devemos parar com quaisquer considerações sobre o valor de quantos ainda trabalham nas duas revistas, para levar o nosso pensamento a quem hoje, se vivo fosse, estaria comemorando da nossa alegria, tão feliz ele se sentia, cada março que JORNAL DAS MOÇAS ia assentando na sua estrada jornalística.

Era nosso dever, antes de qualquer comentário, lembrar o nome de Agostinho Menezes; todavia, algumas apreciações deveriam ser feitas sobre a vida de JORNAL DAS MOÇAS, por isso que é, Agostinho Menezes, fora o vencedor daquela jornada heróica! Heróico não é só vencer combates na guerra. A luta pela vida, pela sobrevivência, pelo ideal sonhado, tudo é uma forma de heroísmo! Para vencer tudo isso é preciso ser herói.

E ele o foi como poucos. Quem o conhecia, ainda agora, ao saber do seu desaparecimento, comenta o valor, a capacidade intelectual, a capacidade de trabalho, o dinamismo, a energia sem desalento de Agostinho Menezes. Nasceria para o jornalismo. Funcionário pública achou que seria um imprudente, se continuasse na profissão. Abandonou-a e ingressou para o jornal, trabalhando em alguns dias. Mais tarde, estava de cam com JORNAL DAS MOÇAS enfrentando todos os obstáculos, lutando contra tudo, mas contente, porque essa era a sua vida, saberes, lutando contra tudo, mas contente, porque essa era a sua vida.

Em 1930, chamou-nos, não porque estivesse cansado, mas para dividir com o seu filho parte da luta que tentava de enfrentar, sem tréguas, mas que seria um passo para revolucionar a imprensa ilustre do Brasil. E, então, como um verdadeiro condutor de massas, gritou:

— Vamos criar uma revista para a mulher dentro da luta, uma revista de feminismo, bordados e tricô, porque não há nenhuma no Brasil! Mas essa revista terá que ser anexada ao JORNAL DAS MOÇAS, porque não pretendo fazer concorrência de uma à outra, matando ambas.

Claro que, na época, era um absurdo tão grande, e uma coisa tão esquisita, que não teve o beneplácito de ninguém. E o imperativo do seu caráter se impõe com toda a pujança, inquietador e consumado:

— Mas eu quero é assim!

... JORNAL DA MULHER, que hoje entra no seu 21.º ano

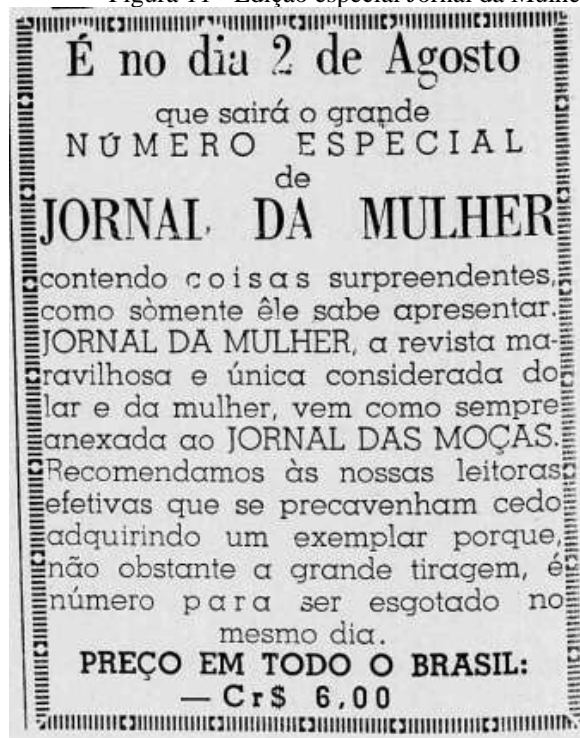
A vida é, sem dúvida, festiva para todos que trabalham na Empresa; é de alegria para os nossos leitores, que nos acompanharam passo a passo, dia a dia e ano a ano, não é assim? — vim a falar, por um momento, mas ainda me envolve a emoção para me unir a mim só bloco de contentamento, sentindo que é ele, Agostinho Menezes, quem ainda dirige todo a Empresa do JORNAL DAS MOÇAS, que é ele, ainda, quem está conduzindo todas as máquinas desta máquina monumental que JORNAL DAS MOÇAS.

Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1833, p. 11)

Por ser um suplemento importante e de grande aceitação entre as leitoras, o jornal viu a oportunidade de vender edições especiais, podendo ter temas específicos de conteúdo e festividades, conforme podemos ver na Figura 11.

71

Figura 11 - Edição especial Jornal da Mulher



Fonte: Jornal da Mulher (1950, edição 1831, p. 16)

Jornal da Mulher, conforme escrito por Alvaro Menezes foi pensada por Agostinho Menezes para ser um novo formato de revista, um suplemento que ainda não existia no Brasil com essa ideia de um suplemento na revista que traria conteúdos exclusivos sobre o universo feminino com especial dedicação às receitas de bordados e modelos de corte. *Jornal da Mulher* teve alta aceitação entre o público que foi comparado por seus fundadores e editores como fator principal para tirar a revista da crise. Vale lembrar que *Jornal da Mulher* era a única seção da revista que continha edições especiais, como para noivas e noivos, dia das mães e festas de fim do ano.

2.2 “CARNET” DAS JOVENS

O título desta seção já sugere que era uma publicação voltadas às moças solteiras ou recém-casadas, pois a palavra “carnet”, de origem francesa, significa caderno. Ela traz assuntos mais descontraídos e informais. Entre as seções analisadas, essa era a mais aberta a novos conteúdos, trazendo temas como arte, política, moral, comércio etc.

“Carnet” das Jovens, dirigido por Dorothy Dix, trazia em sua seção sugestões de regras sociais e conselhos às mães, que reafirmavam os costumes da época. A revista era um importante meio de reprodução de costumes e hábitos. Essa seção era bem suscinta, no máximo

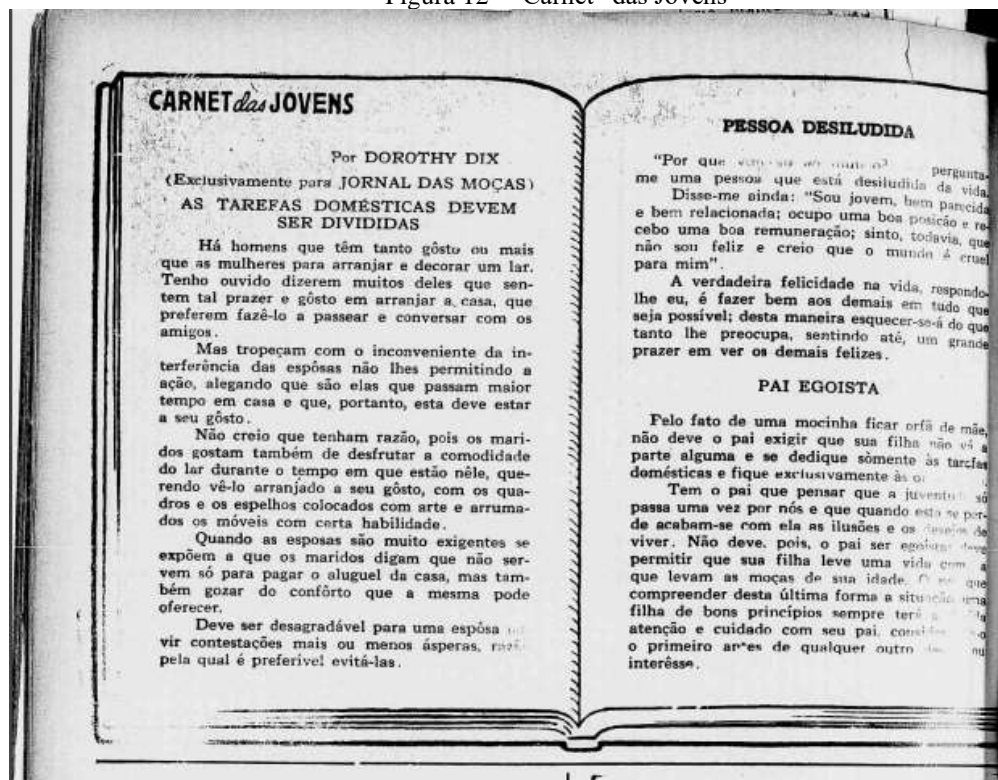
continha três textos sobre assuntos diferentes. Por vezes ocupava uma página de *Jornal da Mulher*. Possuía uma linguagem informal e expressava melhor o que Luca (2011) diz sobre a leitora compreender a escritora como sua amiga, principalmente ao trazer temas considerados mais delicados ou tabus, como esse, na edição de nº 1805, onde Dorothy discorre sobre os lugares para se conhecer um bom esposo.

[...] Há muitos lugares onde se encontra tal oportunidade, onde jovens de ambos os sexos se conhecem e entabulam conversões que os levam a um perfeito conhecimento da qualidade de cada um. Em casas de família, igrejas, centros sociais, etc, são todos lugares mais propícios a tal entendimento (Jornal das Moças, ano 1950, edição 1805, p. 82).

De acordo com a pesquisa de Santos (2011), Dorothy Dix era o pseudônimo de Elizabeth Meriwether Gilmer (1861–1951). Ela era uma jornalista e colunista americana, considerada precursora dos colunistas de conselhos populares. Dix tinha tanta popularidade e reconhecimento que era a jornalista feminina mais bem paga e lida da América quando morreu. Ela participou de algumas conferências sobre o sufrágio feminino. Em suas publicações, nos jornais dos Estados Unidos, era possível encontrar seu posicionamento incentivando as mulheres a trabalhar e a votar³.

³ Elizabeth M. Gilmer como Dorothy Dix: uma mulher jornalista reescreve o mito da dama do sul. Disponível em: <https://library.apsu.edu/collections/dix/beasley.html> Data de Acesso: 15/03/2022

Figura 12 - "Carnet" das Jovens



Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1808, p. 78)

Os assuntos mais abordados nessa seção eram sobre relacionamentos. Dorothy era responsável por ditar quais comportamentos eram aceitáveis, zelando pela honra e a moral, como vemos no excerto a seguir:

REGRA SOCIAL – Ao efetuar-se o compromisso matrimonial dos filhos, chega o momento de decidir várias questões. A primeira que se apresenta é se o próprio noivo depois de se haver efetuado o compromisso ou se é o noivo que vai procurar os futuros sogros. Se querem seguir ao pé da letra as regras da sociedade, o noivo e sua família devem ser os primeiros a fazer a visita aos pais da noiva [...] (Jornal das Moças, 1950, edição 1803, p. 48).

Entre as seções analisadas, "Carnet" das Jovens era a mais diversa e despojada. No entanto, encontramos uma reprodução de comportamentos conservadores a respeito da vida da mulher. Dentre eles, o noivado. Dorothy descrevia qual atitude era melhor perante a sociedade, desde a escolha do noivo ao encontro das famílias. Mesmo tendo um ponto de vista considerado moderno para o momento, alguns contextos, grupos sociais e familiares ainda seguiam as tradições, tal como o pagamento das festividades, que ficava por conta da família da noiva (Jornal das Moças, 1950, edição 1803, p. 64)

Havia uma inquietação em "Carnet" das Jovens referente à independência das mulheres, levando em consideração principalmente o conforto para aquelas que, seja por algum

motivo não estava comprometida, como pela perda de algum familiar ou por escolher a sua independência, principalmente apoiadas pelos seus pais e amigas. Sobre isso, Dorothy menciona que a mulher deve pensar na construção de sua família, mas não pode deixar que essa seja a sua única alternativa, que a mulher pode estudar, ter uma profissão e adquirir a sua independência, mas que, se por acaso, ela tiver uma família essa deve ser a sua prioridade. Para conciliar a sua profissão, a alternativa era o desempenho de uma jornada dupla. Essa crítica se dava sobretudo porque Dorothy trabalhava e administrava o lar, era casada, mas não possuía filhos; portanto, ela vivenciava aos desafios de uma “mulher moderna”, mesmo que na maior parte do tempo mantivesse um posicionamento antiquado.

Desse modo, como nas demais seções da revista, Dorothy tecia críticas ao comportamento feminino, sobretudo ao relacionamento. Ao ser questionada por uma leitora sobre ser requisitada sua atenção por seu marido e filho ao mesmo tempo, ela foi enfática ao dizer que a mulher deveria se preocupar primeiro com seu marido.

O MARIDO É O PRIMEIRO

Acabo de receber uma carta de uma leitora dizendo que tem dois bebês e me perguntou qual dos dois deve dar a preferência. “Quando os dois me pedem algo”, pergunto-me, “a qual dos dois devo atender primeiro”.

Minha comunicante dá-me a entender que um dos dois bebês é o esposo. Minha resposta, em sequência, é muito simples: deve atender ao mais velho dos dois, isto é, ao esposo.

Se o esposo quer sair a passear é preciso dar esse prazer, pois o filho pequeno – ainda que precise de atenção e cuidados – é possível deixa-lo em casa com alguma pessoa de confiança que o faça atender. Do esposo deve cuidar é a espôsa.

Os maridos são seres humanos e gostam que satisfaça com prazer e carinho. A mulher que se encontra em conflito igual resolver-se primeiro pelo “bebê” mais velho e pelo verdadeiro bebê (Jornal das Moças, 1950, edição 1813, p. 18).

Ou seja, mesmo trazendo uma maior variedade de assuntos e tendo algumas opiniões modernas, a colunista se mostra reprodutora dos costumes tradicionais e reafirma opiniões sobre a posição subalterna da mulher perante os homens, cuja representação era remetida à figura do homem. Dentro do lar a mulher necessitaria estar bem arrumada, assumindo os papéis que lhe eram esperados. Já para o homem destina-se o espaço público, e na intitulação de “homem da casa”, aquele que justificava sua ausência dentro de casa, pois estava mantendo a ordem financeiramente, como se pode ver na edição 1808.

AS TAREFAS DOMÉSTICAS DEVEM SER DIVIDIDAS

Há homens que têm gosto ou mais que as mulheres para arranjar e decorar um lar. Tenho ouvido dizerem muitos deles que sentem tal prazer e gosto em arranjar a casa, que preferem fazê-lo a passear e conversar com os amigos. Mas tropeças com o inconveniente da interferência das esposas não lhes permitindo a ação, alegando que são elas que passam maior tempo em casa e que, portanto, esta deve estar a seu gosto.

Não creio que tenham razão, pois os maridos gostam também de desfrutar a comodidade do lar durante o tempo em que estão nêles, querendo vê-lo arranjado a seu gosto, com os quadros e os espelhos colocados com arte e arrumados os móveis com certa habilidade.

Quando as esposas são muito exigentes se expõem a que os maridos digam que não servem só para pagar o aluguel da casa, mas também gozar do conforto que a mesma pode oferecer.

Deve ser desagradável para uma espôsa vir contestações mais ou menos ásperas, razões pela qual é preferível evita-las (Jornal das Moças, 1950, edição 1808, p. 78 sic).

Conforme o excerto supracitado, Dorothy nos chama a atenção com seu título ao dizer que as tarefas domésticas devem ser divididas. No entanto, no decorrer do texto, a colunista menciona apenas o aspecto da decoração, que se o homem se sentir confortável em tomar essa decisão na casa, cabe às esposas ceder, mas não menciona sobre as outras decisões e ações de que uma casa precisa para se manter organizada.

O bom pai de família faz tudo para preservar a honra de sua esposa e filhas. No entanto, isso não quer dizer que ele não mantivesse uma conduta sexual fora de casa. O respeito que esse homem tinha na sociedade dependia da honra das mulheres dentro de sua casa. Segundo Pinsky (2020, p. 125), se uma mulher fosse “desviada” (termo utilizado no período), isso comprometeria a honra de toda a sua família. Os conceitos de “honra”, “reputação” e “respeitabilidade” são utilizados como referência que estabelecem e legitimam a hierarquia de gênero que favorece o masculino.

Dorothy, por manter um contato mais próximo com suas leitoras, expressava opiniões sobre as dúvidas recorrentes entre as jovens da época, como por exemplo, a maior preocupação que uma jovem deveria ter seria achar um marido. Para isso, a colunista orientava as jovens mulheres a conquistar o marido sem ultrapassar os limites da educação e serem vistas como “atiradas” e sobre os lugares que essas mulheres deveriam frequentar quando estivessem na idade de assumirem compromissos.

ONDE ENCONTRAR UM BOM ESPÔSO

Há muitos lugares nos quais as jovens que desejam contrair matrimônio podem encontrar um bom companheiro.

Algumas crêem que concorrendo a “boites” ou clubes encontrarão mais facilmente que em outra parte jovens com quem flertar ou até conquistar para seu esposo. Estes são os piores sítios para tal fim.

Há muitos lugares onde se encontram tal oportunidade, onde jovens de ambos os sexos se conhecem e entabulam conversações que os levam a um perfeito conhecimento da qualidade de cada um.

Em as casas de família, igrejas, centros sociais, etc, são todos lugares mais propícios a tal entendimento.

Os elementos mais numerosos são constituídos por pessoas instruídas, bem educadas e com seletas qualidades que deixam prever um feliz matrimônio quando se casam (Jornal das Moças, 1950, ed. 1805, p. 82).

De acordo com Pinsky (2014, p. 130), os textos são escritos à base de subentendidos. Os termos “menstruação”, “fertilidade” e “relação sexual”, por exemplo, não aparecem. Assim, embora reconheça a importância do assunto, a revista parece encarar sexo e reprodução como temas embaraçosos.

Na imposição de tarefas entre homens e mulheres, o discurso era bem definido, principalmente para as mulheres, que realizavam funções triplas, tendo de lidar com a organização da casa, manutenção de sua beleza e desempenho no trabalho nos espaços públicos, sendo bem consolidada a ideia de que a mulher não poderia se descuidar. Dorothy expressa sua opinião sobre os homens que não dão um tempo para sua esposa se cuidar, dizendo que era preciso a mulher ter um tempo para si, e se ela não se cuidasse, não descansasse, acabaria mal humorada.

AS ESPÔSAS NECESSITAM DISTRAÇÃO E DESCANSO

Os maridos frequentemente se esquecem de que a espôsa é quem passa a maioria dos maus momentos do lar na luta doméstica e nos trabalhos com os filhos, julgando que só ela é quem tem essa obrigação e que eles podem sair todas as noites deixando-a só com aqueles encargos

Ambos têm que compartilhar essa obrigação. A mãe tem direito também de ter seus momentos de descanso e distração, devendo, pois, haver certa solidariedade do marido, auxiliando-a em suas obrigações.

Se o marido não dá à espôsa êsses momentos de expansão, é bem possível que dentro de pouco tempo ela não possa dirigir-lhe sorrisos amáveis a tornar-se, pois, quase sempre mal humorada (Jornal das Moças, 1951, edição 1865, p. 12).

Percebe-se que, quando Dorothy mencionava sobre o cuidado com os filhos, ela dizia que era a esposa que tinha essa obrigação. Isso nos faz refletir sobre a consolidação do patriarcado. A revista defendia que a mulher precisava dar conta das responsabilidades domésticas, pois aquela era a sua função; enquanto o homem chegaria ao fim do dia para o seu descanso. Ao se deparar com a não realização das tarefas, ele poderia ficar aborrecido, segundo a interpretação da autora:

PARA SER BÔA ESPÔSA TEM QUE SER BÔA DONA DE CASA

Todo homem, ao contrair matrimônio, espera que sua esposa seja uma bôa dona de casa, que saiba dirigir os empregados e preparar-lhe uma bôa comida. Não há hoje motivo que justifique que u'a mulher não saber como se prepara uma bôa comida. Há uma infinidade de livros e revistas que explicam facilmente como fazer pratos saborosos, sem complicações e como apresentá-los atraentemente.

Não se deve culpar um marido que, depois de chegado a casa, de seu trabalho, se zangue por não lhe ser oferecido um agradável jantar.

Quando um esposo sofre essas decepções geralmente acaba irritadiço (sic) (Jornal das Moças, 1951, p. 16).

Como era um caderno para as mais jovens, e principalmente as solteiras, Dorothy se encarrega de já prepará-las para os costumes com que irão se deparar como uma mulher casada, comentando, inclusive, sobre a posição de subalternidade a seu marido, que ela não deveria se sentir superior ao seu companheiro, devendo ser levadas ao marido medidas sobre a resolução do governo do lar. Quanto à maternidade, a autora dizia que, para ser uma boa mãe, era necessário fazer sacrifícios, entre eles privar-se de diversões para cumprir o dever que Deus lhe impôs (Jornal das Moças, 1951, edição 1886, p. 12), e que o trabalho da mãe não termina, devendo ser executado em tempo integral. Portanto, fomentando a concepção do que a revista entende como o ideal.

Encontramos a ideia de patriarcado sistematizada por Lins (2022), que reflete que um dos principais motivos dessa consolidação de poder foi a monogamia e a propriedade privada, pois confinaram as mulheres a fim de obter seu controle. Nesse aspecto, as mulheres acabaram sendo oprimidas, violentadas e humilhadas. A mentalidade patriarcal que surgiu há cinco mil anos dividiu os gêneros, sugerindo que a mulher era inferior ao homem. A mudança começa com o surgimento dos movimentos feministas, que reflete na vida das mulheres, cuja propriedade privada é um dos principais meios desse controle. Com isso, inferimos que essa pode ser uma das percepções que levou *Jornal das Moças* a defender que o lugar da mulher era dentro de casa.

2.3 EVANGELHO DAS MÃES

Evangelho das Mães trazia em seus textos dicas sobre a criação dos filhos, abordando aspectos da educação, fases de desenvolvimento e saúde. Diferentemente das outras duas seções já citadas, essa é a única não assinada. Sua linguagem era mais formal. Talvez por tratar de uma questão mais séria, necessitava mostrar em sua linguagem a formalidade. As publicações não eram assíduas.

O uso da palavra evangelho nos fez pensar sobre a forma como a revista traz a referência aos assuntos e comportamento. Evangelho significa “boa notícia” ou “boa mensagem”, ou seja, o que era escrito nessa seção era entendido como algo importante. Segundo a revista, as informações ali apresentadas eram uma forma de conduta fundamentada pelos princípios cristãos e conservadores. Na década de 1950, a religião ainda mantinha influência no lar. A partir dela eram tomadas decisões que determinavam comportamentos esperados entre homens e mulheres. Portanto, *Evangelho das Mães* nos fez refletir sobre os deveres esperados das mulheres, tendo em vista que a Igreja, com seus grupos e congregações de mães e divisão de gênero, fomentou uma realidade, já que diante dos princípios religiosos o modelo de mãe é Maria. Conseqüentemente, vinculava a representação a sua semelhança de conduta.

Os assuntos mais frequentes nessa seção eram sobre saúde e educação, como podemos ver nesse trecho que menciona o uso de medicamentos caseiros: “Protelar uma cura com remédios caseiros é uma falta imperdoável, principalmente quando o doente é uma criança” (JORNAL DAS MULHERES, 1951, edição 1856, p. 65). Outro assunto tratado com seriedade era a educação das crianças. Nessa seção, dizia-se que era preciso ser firme, defendia-se o equilíbrio entre conversar e punir, mas se dizia contra agressões, conforme podemos ver no trecho da edição a seguir.

Cascudos, puxões de orelha, palmadas, palmatoadas, chineladas e outros gestos pretensamente educativos, de há muito deviam estar banidos da educação doméstica. Muitas das crianças que são tratadas dessa forma por falhas que cometeram tornam-se em futuro próximo terrivelmente pessimistas, desconfiadas e revoltadas [...] (JORNAL DAS MULHERES, 1951, edição 1856, p. 65).

Ao apresentar dicas sobre a criação das crianças e mesmo sobre repreensões, não fica claro se eram apenas conselhos passados de geração para geração, ditos populares ou se era aconselhado por um médico ou psicólogo. No entanto, essa seção foi fundamental, principalmente no que diz respeito às mães de primeira viagem, pois continha dicas de como observar sinais de que a criança estava doente, melhores opções de alimentos e observações quanto aos saltos de desenvolvimento. O resultado disso eram os agradecimentos de mães através de breves relatos que a revista dispunha em suas páginas.

O recurso à ciência para explicar doenças ou recomendações médicas passou a ser mais comum a partir dos anos 1950. Conforme Pinsky (2014, p. 27), esses assuntos, quando mencionados, trazem no início argumentações como, “costuma-se” e “não fica bem”. Mas

sabemos que era comum recorrer a remédios caseiros e à sabedoria de avós e parteiras. Na análise da revista percebemos que essas trocas eram silenciadas.

Em *Evangelho das Mães* encontramos um artigo sobre o equilíbrio entre a vaidade e o amor, no qual as mulheres eram pressionadas antes mesmo de ter filhos de que elas não poderiam falhar em seu desempenho ou deixar seu filho com uma aparência ruim, pois as crianças devem estar bem vestidas. No entanto, no impulso de mostrar que o seu filho está sendo bem cuidado, usando tecidos de boa qualidade, algumas mães deixam de lado a saúde de seus filhos a fim de priorizar a imagem que irá passar para os outros, como podemos ver a seguir.

VAIDADE E AMOR

Tôda mulher que pretenda casar-se e pretenda, outrossim, criar os filhos que a natureza lhe der deve ser perfeitamente educada em conhecimentos de maternidade a fim de que não se malogrem suas verdadeiras funções de mãe. Possuir filhos não é apenas dizer que os tem, apresentando-os bem à sociedade, asseados e bem vestidos, sob uma constante preocupação de ser considerada mãe zelosa e de muito gôsto.

Deixando-se levar pela impressão que causam, certas mães vão cada vez mais aprimorando a apresentação do filho ao mundo exterior, levando tão alto esse fanatismo que chegam, quase todas, a descurar-se da saúde do mesmo e de sua apresentação física.

Pode o corpinho do bebê estar envolvido por fazendas finíssimas e de custo astronomicamente alto, trazendo a etiqueta da principal casa da cidade, deitado em fofo berço onde as rendas penduradas flutuem sua ótima qualidade em derredor dos visitante, pode emanar-se das dobras das almofadas o aroma suavíssimo do melhor talco do universo perfumista, pode o cortinado balouçar à brisa seu preço caríssimo, mas se a saúde do bebê não for olhada através de um prisma mais elevado que este, apresentando-o robusto e esperto, cáem fragosamente as prendas preciosas ao solo da pena e da compaixão (Jornal das Moças, 1950, edição 1805, p.72).

Figura 13 - Evangelho das Mães

EVANGELHO DAS MÃES

O ÚNICO REMÉDIO

Convindo e sendo palavras de mostras de higiene, delas nos valemos para transmitir-las a nossas amáveis leitoras quanto de verdade elas encerram.

Muita razão exprimem quando afirmam que para destruir os males que infestam a sociedade urge que apósemos a quem foi concedida uma parcela de força, de inteligência e de bousfado intencional, por todos os meios, o combate à triologia sinistra: fraqueza, má-habitude e imbecilidade.

Contra a fraqueza e a doença a Medicina e a Higiene têm armas poderosas. É a tarefa dos médicos e dos higienistas.

Contra a má-habitude urge levar a educação moral ao alcance do maior número de criaturas que conhecem a viver, formando em fôlego das mesmas um ambiente capaz de apertecar-lhes o caráter. É esta uma tarefa a ser cumprida pelos pais, mestres, pastores e sacerdotes, cuja ação oral deve ser concretizada pelo exemplo.

Contra a imbecilidade, a não patológica (pois há duas espécies de imbecilidade: a não patológica e a patológica, sendo que contra esta a endocrinologia já possui alguns recursos) só existe um remédio: a instrução.

UMA BOA ÉPOCA À DA ESCOLHA

Im o segundo ano de vida de uma criança, esta começa a desenvolver os hábitos de alimentação de acordo com sua natureza, e de grande importância para a vida dessa ser esta fase de sua evolução.

Quando o leite materno foi inteiramente suprimido, a alimentação da criança deve ser realizada, tanto quanto possível, de acordo com a usança pela família, sendo que o imprescindível é o leite, que deve ser fornecido diligentemente em uma quantidade que pode variar entre setecentas e mil grammas.

Entretanto com o leite, a criança devem ser fornecidos também sopas, mingaus ou outros pratos lácteos indispensáveis para um ser em evolução. Transformados em purê com o leite podem as crianças comer verduras cozidas.

A mãe nessa época pode incluir no fôlego a escolha dos bons alimentos.

A variedade na alimentação é um fator de grande valia para a nutrição dos que iniciam a vida, e de tal modo deve ser realizado que, a criança, se sirva atenda pelos alimentos, por seu aspecto e por seu gosto.

O ESPÍRITO AFETIVO DA CRIANÇA PELOS ANIMAIS

Todos nós sabemos como se inclinam as crianças

O Coração Bate com **Baton COLGATE**

Qual o tipo dos seus Lábios?



Descubra uma nova personalidade nos seus lábios com PINK CICLAME — o matiz ardente do BATON COLGATE!

Feito de Karanava, o emoliente superior - BATON COLGATE tem um perfume adorável, permanente.

PINK CICLAME a moderna cor do BATON COLGATE... traz romance para seus lábios!...

O Coração Bate com **Baton COLGATE**

pelos animais domésticos, mas poucos sabem que muitos são os cuidados que devemos ter por essa afecção infantil.

Desde cedo devemos inculcar no espírito da criança que os animais sujos devem ser maltratados.

Além da profilaxia que devemos praticar no sentido de evitar os males que comumente atacam os animais, é muito importante convencer a criança de que não deve provocar do animal qualquer reação.

Apreçamos a estima da criança dos animais mas defendamo-la da ira desses mesmos animais.

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE:

- quando se contrata uma empregada não se deve cogitar apenas de suas qualidades profissionais, mas, principalmente, de seu estado de saúde.
- o ovo reforça o conteúdo em ferro do leite, razão pela qual o seu uso conjunto é vantajosamente indicado em gemadas, mingaus, papas, pudins, etc.
- a carne não deve ser postergada na alimentação da criança, devendo esta ser essencial a chomar um bife magro cru, de carne ou de fígado.
- as duas principais refeições da criança devem conter pelo menos uma verdura bem cozida, preferentemente verdura de folha.

Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1803, p. 65)

Em *Evangelho das Mães* acompanhamos a crítica feita a casais que, ao se casarem, não pensaram em constituir uma família, deixando opiniões e ambições externas ao lar se tornarem prioridade, como por exemplo, conseguir mudar de emprego, se mudar para uma casa melhor ou mesmo alcançar uma formação.

UMA ADVERTÊNCIA QUE DEVE SER OUVIDA E CUMPRIDA

Uma advertência que sempre deve ser ouvida não o está pela maioria dos casais de agora.

Unindo-se pelos laços matrimoniais, as moças da atualidade se regozijam mais com a libertação que adquirem da tutela paterna que com a constituição de seu lar, pensando mais na vida do exterior que na vida doméstica, que,

convenhamos, está cada vez mais embaraçosa. E a idéia de que um filho pode aparecer aumenta ainda mais o mau panorama que se estende aos olhos dos que pretendem viver a vida doméstica.

Não se esqueçam, porém, moças folgazãs de que a advertência deve ser ouvida com todo acatamento: não retardem por nenhuma razão a chegada do filho e, se depois de uma no de casadas, observarem que o herdeiro não chega, colaborem com o médico especialista para tratar de corrigir, o mais breve possível, as causas que impedem sua chegada (Jornal das Moças, 1950, p. 14).

Já para os casais que porventura encontrassem qualquer tipo de dificuldade de engravidar, a revista tratava de forma muito objetiva que deviam procurar um médico, pois era necessário para a vida conjugal um herdeiro, e que após um ano de casamento, se não o tiver, era um indicativo de problema que deveria ser observado com maior atenção.

ESFORÇOS QUE COMPENSAM

Quando se apresentem os primeiros sintomas de uma provável perda da gravidez, convém a mulher pôr-se na cama, mantendo um repouso absoluto até a chegada do médico, que indicará, certamente, as medidas a serem tomadas para evitar tão desagradável situação.

Deve a mulher nesse estado e mesmo não em estado tal, cooperar com o médico, desde o momento em que desejam ter um filho.

Todas as mulheres mesmo aquelas que tiveram a infelicidade de perderem filhos em abortos, podem, tratando-se a tempo, conseguir o desejado herdeiro.

E realmente, todos os esforços que se façam ficam compensados com a alegria que proporciona a presença de um bebê no lar (Jornal das Moças, 1950, p. 14).

Sobre o silenciamento feminino diante das relações de poder em *Evangelho das Mães*, comenta-se que a mulher não deve desrespeitar um homem ou agir no impulso de agredi-lo, caso ela sofresse algum tipo de situação que a deixasse vulnerável, pois isso poderia ter como consequência a fama de desrespeitada ou de ser selvagem.

ASCENDÊNCIA SELVAGEM

Muitas mães censuram suas filhas quando estas se revoltam publicamente contra o abuso de certos homens nas ruas, cinemas e veículos de transporte, incriminando-as de escandalosas e de reveladoras de baixa educação. Até certo ponto, isto é, quando a moça não tenha absoluta certeza da ofensa, ela não deve proferir qualquer palavra ou fazer qualquer gesto reacionário, mas quando a ofensa é concretizada por um gesto insofismável, só um gesto e consequente ação poderão definir a revolta causada: a bofetada.

E' a única linguagem que certos conquistadores compreendem.

Isto exposto, essas mães não devem deixar que suas filhas cheguem a nenhum dos extremos: a reação incabível ou a tolerância demasiada. A permissão de um excesso de lotação nos coletivos muito tem concorrido para a degradação de nossos costumes, por isso que os audaciosos se prevalecem da falta de espaço para justificarem suas atitudes, dando uma prova insofismável de sua ascendência selvagem (Jornal das Moças, 1950, p. 72).

Ressaltamos que a revista afirmava que era responsabilidade das mães aconselharem suas filhas sobre o que fazer nessas situações, mas cabe a ressalva de que a agressão deveria ser evitada. Para isso eles diziam que a moça deveria evitar os extremos, ou seja, se o homem fosse desrespeitoso com a mulher e ela se defendesse, mesmo assim ela poderia levar a “fama” de agressiva. No entanto, a revista não problematiza o comportamento masculino, mas sim, a falta de refinamento das mulheres mesmo quando foram elas as desrespeitadas. Aqui podemos perceber o posicionamento da revista frente a situações desrespeitosas e inadequadas com as mulheres, em que transferem a culpa das agressões à vítima, quando sabemos que as afirmações do patriarcado sustentam esse comportamento a ponto de ser considerado natural.

Na seção encontra-se um subitem com o título “As donas de casa não devem esquecer que”, no qual eram apresentadas recomendações dos diferentes temas acerca da maternidade.

AS DONAS DE CASA NÃO DEVEM ESQUECER QUE

A criança deve ser estimulada a andar gradualmente sem forçar a marcha, antes que seus músculos estejam para isso preparados.

Colocar a criança dentro de um cercado ou passar-lhe debaixo dos braços uma cinta, segura pelas mãos de alguém, de modo a facilitar o exercício.

Não devem forçar a criança que mal ensaia os primeiros passos, a elevar os pés numa escada ou a recuar num movimento que ela ainda é incapaz de fazer. Graduar o esforço educacional de acordo com o desenvolvimento da criança, que estará em condições de subir uma escada, recuar, correr, trepar, saltar, incessantemente, dos dez aos doze meses até dois anos (Jornal das Moças, 1950, p. 14).

Ao longo da revista são apresentadas matérias sobre as questões religiosas, principalmente em datas comemorativas. Essas matérias nos fizeram refletir acerca da influência da religião sobre a revista e no modo como ela traz os ensinamentos e reproduções de ideias, principalmente sobre a conduta das mulheres, a partir do uso de nomes como evangelho, mandamento e escolha divina.

Na revista, percebemos a crítica referente à incapacidade das mulheres para determinadas atividades ou para o raciocínio lógico, maliciando a respeito de determinadas profissões femininas e defendendo a superioridade dos homens sobre as mulheres. Aos homens, cabia o prestígio, o público; às mulheres, a subordinação e o privado. De acordo com Saffioti (1976, p. 7-8), “[...] em todas as outras esferas, quer de trabalho, quer de vida ociosa, a mulher sempre foi considerada menor e incapaz, necessitando da tutela de um homem, marido ou não”.

As revistas femininas foram uma principal fonte de acesso à prática da leitura. Com o tempo o cenário foi mudando e novas perspectivas foram alcançadas, como o acesso à

educação. As revistas foram, com o passar do tempo, cada vez mais aceitas entre as leitoras, por isso no século XX surgiram tantas revistas femininas. Havia público, interesse e, principalmente, notícias para se publicar nos periódicos. A partir da prática da leitura foi mais frequente presenciar nos salões, livrarias, cafés e espaços de convivência, mulheres com revistas e livros, trocando dicas de leituras entre elas e até mesmo momentos de leituras em voz alta.

Nesses espaços, os escritores garantiram o monopólio da primeira edição das futuras obras a serem lidas, à luz de vela ou lampião a gás, nos longos serões das noites brasileiras. Os salões, assim como os jornais tinham sua importância como formadores de opinião e de público: em ambos circulavam informações de leitura. Nos salões formava-se uma nova fração de público, modificando o perfil do jornal e do leitor: eram as mulheres (MORAIS, 2002, p. 62 apud ALMEIDA, 2016, p. 3).

A presença da mulher no mercado de trabalho necessitava de conhecimento. Por isso, a prática era a melhor forma do desenvolvimento da leitura, pois naquele momento, para muitos cargos, tais como professora, enfermeira, vendedora, era necessário saber ler e escrever. Com isso, os folhetins, revistas e livros se tornaram necessários em sua vida. Conforme aponta Pinsky (2014, p. 24), “[...] as leitoras de *Jornal das Moças* são donas de casa, estudantes, professoras, funcionárias públicas, balconistas, costureiras, bordadeiras, etc., e correspondem a faixas etárias, graus de escolaridade e poder aquisitivo variados [...]”. Nesse sentido, embora não destaque diretamente a importância das instituições escolares na formação da vida da mulher, a revista reconhece sua importância, como demonstra o excerto apresentado anteriormente.

Jornal das Moças apresentava referências da moda estadunidense e europeia, inspiradas em grandes estilistas europeus e trazia forte referência de saias e camisas. As inovações feitas aqui no Brasil foram nas adaptações de tecidos de fibras naturais, que são mais leves, já que temos um clima tropical, mas os designs eram mantidos no formato “*ready-to-wear*” (pronto pra usar), que mais tarde foi chamado pelos franceses de “*prêt-à-porter*”, tendência adotada no pós-Segunda Guerra Mundial (SILVA, 2013, p. 7). No Brasil, nos anos 1950, ocorre uma valorização dos modistas, alfaiates e costureiras que, além de adaptarem as roupas ao clima brasileiro, são responsáveis pelo design das peças, tendo como inovação a confecção especialmente para corpos e estruturas das mulheres brasileiras.

A influência norte-americana era muito forte no Brasil. Tanto com relação ao estilo de vida quanto às questões culturais e econômicas. A revista *Jornal das Moças* trazia isso de forma

bem explícita em suas propagandas, na moda, nas matérias sobre atores e atrizes americanos e o seu comportamento. As influências e a forma com a qual o modelo de vida americano foi disseminado no país teve como maiores apoiadores a mídia: rádio, jornais, revistas, pois haviam um grande público consumidor.

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a, definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguiu-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos (MARTINS, 2008, p. 40).

Ao analisar as revistas femininas, precisamos pensar que elas eram feitas para serem vendidas. As matérias contemplavam as demandas do período, além de serem grande responsáveis pela veiculação de discursos na vida das mulheres. Conforme Pinsky (2014), era preciso contemplar a realidade da grande maioria das mulheres e os pensamentos e costumes que as cerceiam. Com isso, percebemos a enunciação das desigualdades econômicas, sociais e de gênero presentes em suas páginas. Os textos serviam como um conselho para a forma correta de lidar com sua civilidade.

A revista abordava o estilo de vida de personalidades da mídia. No entanto, havia uma preocupação por parte do periódico em mostrar que esse estilo de vida era um tanto quanto extravagante e não recomendável para as moças de família. As mulheres que seguissem o padrão de comportamento esperado eram consideradas “mulheres de bem”, zelando por sua família e pelo cuidado do lar. A imprensa, em geral, ratifica princípios conservadores, inclusive na realidade retratada no cinema (ALMEIDA, 2007, p. 8). Mesmo trazendo estrelas de cinema, o rádio e a TV mostravam o lado da mulher-mãe. Conseguimos encontrar na revista frases como essa publicada na matéria de Lídia Matos, em 16 de maio de 1956: “Antes de sua carreira está a felicidade do lar e a responsabilidade de mãe” (PINSKY, 2014, p. 26).

A matéria supracitada trazia o caso de Heleninha Costa, cantora e compositora, que no auge de seu sucesso, ao abordar sobre seu casamento, a revista descreve: “Concretiza-se o maior sonho de Heleninha Costa”, apontando que em “todo coração da mulher: o seu sonho de ser esposa”, “ela era a imagem viva da felicidade”, tratando do casamento como sendo a sua maior realização.

Figura 14 - Casamento de Heleninha Costa



Fonte: Jornal das Moças (1952, edição 1907, p. 6)

Quanto as “más condutas” presentes nas matérias da revista, notamos o posicionamento dos editores expondo que aquele comportamento não era bem interpretado. Geralmente, essas matérias eram sobre estrelas estadunidenses e explicavam isso como um comportamento de fora, como se no Brasil a realidade fosse diferente e principalmente que isso não fazia parte dos bons costumes. Era a função da mãe cuidar para que sua filha não se perdesse e não se tornasse desrespeitável, enquanto seu pai cuidaria de sua educação e dos meios para sua formação. O cinema era um entrave para a educação respeitável, tendo em vista que ele continha imagens que seriam consideradas inadequadas. No entanto, *Jornal das Moças* garantia que seu periódico seria seguro o suficiente para entrar nos lares e manter os costumes tradicionais a fim de manter os princípios da moralidade. A edição 1806 do ano de 1950 em *Evangelho das Mães* traz uma crítica ao cinema.

O CINEMA E A INSTRUÇÃO

O cinema tem ampliado nossa visão no tempo e no espaço, como consequência lógica, exerce na vida moderna uma influência muito considerável.

Sem embargo muito superficialmente têm sido desenvolvidas suas gigantescas possibilidades no terreno da educação mental, científica e social da juventude.

O tão preconizado princípio em que se fala desde o princípio da civilização no sentido de ensinar deleitando os aprendizes tem no cinema um magnífico auxiliar, eficientíssimo até, pois ninguém desconhece quão valorosa é a figura para os jovens, a qual, com sua atração poderosa imaniza a atenção desses entes que vivem quase em permanente desatenção. Mostrar uma figura e tirar da mesma um ensinamento vale muito mais que repetir mil e uma vezes esse ensinamento por meio de palavras somente, por mais belos e agradavelmente ressonantes sejam elas. São em centenas de milhares as novelas e enredos românticos ou trágicos que se têm exibido em cinemas, mas, destoando, se acha em ponto muito aquém do necessário a exibição cinematográfica dos ensinamentos da ciência e da história.

Devemos fazer em casa programa uma não só agradável mas também útil combinação. Bem coordenada e sistematicamente praticada.

Que a indústria do cinema procure auferir lucros compensadores de seu esforço é admissível, mas não é admissível que vise apenas isto, deve procurar também proporcionar vantagens àquêles que lhe dão a compensação (Jornal das Moças, 1950, p. 81).

Jornal das Moças tinha um cuidado acerca das matérias publicadas. Acompanhamos isso desde o marketing até as fotografias. Qualquer sinal de “má conduta” de comportamento era repudiado, pois para a revista, um dos fatores essenciais na vida de uma mulher era a elegância e a honra. Para isso, a mulher precisava estar em um ambiente controlado e sem acesso a conteúdos inadequados. A valorização da feminilidade na reprodução do destino natural da mulher era tratada como a única forma de ser feliz na sociedade patriarcal. No exemplo apresentado com a cantora Heleninha Costa analisamos isso, pois mesmo fazendo sucesso, tornando-se independente, ela apenas se torna realizada quando se casa, a representação da valorização do sagrado era paralelamente conjugada à mulher.

O modelo de civilidade e os estereótipos são um importante exemplo da revista sobre a valorização da mulher. A conduta que a revista emprega, de que a menina precisa ser bem educada para se tornar uma boa esposa, possibilita-nos pensar como a sua representação era construída. As obrigações, responsabilidades e escolhas devem corresponder ao que se esperava dela, e por vezes escolhidas para elas. A realidade que *Jornal das Moças* apresentava sobre a mulher no espaço privado nos fez compreender a influência que o patriarcado e as relações de gênero exerceram na vida das mulheres.

Quando se trata de gênero e sexualidade, os significados hegemônicos em relação à forma como homens e mulheres são apresentados pela mídia impressa envolvem desde o

posicionamento na imagem e os lugares onde são mostrados até os adjetivos empregados para definir um e outro. O lugar das mulheres foi determinado em oposição ao lugar dos homens. Força, autoridade e virilidade foram estabelecidos como símbolos culturais em oposição à fragilidade, fraqueza e sensibilidade, características consideradas femininas por parte da revista. A partir desse binarismo, criaram-se códigos, formaram-se sistemas. E são esses binarismos que são reforçados e reproduzidos pela mídia e pela publicidade, mediante as formas de representar homens e mulheres.

No próximo capítulo apresentaremos aspectos mais pontuais da revista, sobretudo aqueles que adjetivam as mulheres de modo mais predominante, uma busca pontual para apresentar os estereótipos para as mulheres, a partir da perspectiva da revista como modelo ideal de mulher, especialmente, nas normas de conduta, representações criadas e imaginadas pelos homens sobre as mulheres. A fim de controlar a vida das mulheres, seja ela na educação ou no mercado de trabalho, os estereótipos eram uma maneira de expressar o controle que o patriarcado tinha sobre as mulheres.

CAPÍTULO 3

ESTEREÓTIPOS DE CONDUTA E MORALIDADE EM JORNAL DAS MOÇAS: PAPÉIS SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES

Neste capítulo, mostraremos a maneira como a revista apresenta as formas de conduta das mulheres, as representações criadas e imaginadas por homens sobre seu corpo, sobre suas vontades e sobre quem ela era, as quais, fundamentadas pelo conservadorismo, diminuem sua história, trajetória e conquistas ao público, silenciando-as e anulando-as da sociedade. Para isso, analisaremos os estereótipos a partir de um olhar analítico e suas categorias de análise. Sobre esse termo, Colling e Tedeschi (2019, p. 226 apud CASTRO 1999, p. 63-66.) comentam:

Estereótipos

Compreender o termo estereótipo exige que a análise equacione a complexidade, flexibilidade e crítica necessárias para que não se reconstruam modelos restritivos de abordagem da questão no campo teórico e prática-social (Castro, 1999)

O desafio é produzir conhecimento sem que se caia na armadilha conceitual de (re)produzir estereótipos. Mas a história dos pensamentos científicos evidencia que não foram poucos os equívocos de estereotipia cometidos nos mais diferentes campos, o que contribuiu para induzir os interlocutores a um comportamento reprodutivo.

Assumir um determinado conceito de estereótipo, como sendo o mais adequado ou apropriado para a análise, estimula o nascedouro de mais uma abordagem sem a crítica, complexidade ou flexibilidade que o termo exige.

Em diversas áreas os estereótipos são tomados como concepções rígidas sobre a realidade que não aceitam ponderações. Ou, ainda, como imagens mentais reduzidas, simplificadas sobre um fato cotidiano, pessoa, grupo, lugar, crença, instituição, manifestação, constituindo-se como um julgamento generalizado, resultado do acesso fragmentado, incompleto, a informações sobre o observado, ou que se dá mesmo anteriormente à observação. Esta forma de pensar conduz um modo de agir e ressalta algum(s) aspecto(s) específico(s), único que possa(m) ser impingido(s) como característica única e determinante do todo, de modo a ser visto qualitativamente como positivo ou negativo (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 226).

Sobre essa perspectiva, Perrot (2007, p. 19) comenta:

Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. É claro que falam das mulheres, mas generalizando. “As mulheres são...”, “a mulher é...”, a prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra

razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas [...].

Os estereótipos e atributos dados às mulheres simbolizavam o olhar masculino sobre o seu ser, o imaginário. A forma como as mulheres eram mostradas na revista nos fez questionar se de fato as leitoras se sentiam representadas ou não em *Jornal das Moças*. Perrot (2007) analisa essa questão pontuando que as mulheres podiam ver suas imagens e podiam se aceitar ou não. Elas podiam se subverter ou se submeter, mas acima de tudo, a imagem era uma tirania com a qual a mulher era confrontada a um ideal físico ou de indumentária com o qual deve se conformar.

Escrever sobre a história das mulheres necessita de fontes e documentos que, por vezes, foram apagados ou destruídos, pois não havia interesse em contar sobre as mulheres. *Jornal das Moças* é um exemplo de um material impresso desenvolvido para um público feminino, pretensamente escrito por homens. De todo o seu corpo editorial e colaboradores um número mínimo é de mulheres, quando identificadas, pois era comum os textos não estarem identificados. Sobre ter homens à frente da revista, Pinsky (2014, p. 35) demonstra o posicionamento deles que acreditam que, por ser “dirigida por homens, afirma que tratar de ‘assuntos femininos’ é uma forma de valorizar a mulher e suas atividades cotidianas”. Na revista, encontramos uma forma de conduta e comportamento sobre as mulheres ditados pelos homens. Durante muitos anos essa foi uma realidade, não apenas no espaço privado, mas também no público. O controle ao acesso é uma forma de limitar as mulheres dos espaços, entre eles, a escrita e a educação.

Historicamente, as diferenças na educação de meninos e meninas eram diversas. Desde o cuidado da mãe, que era superprotetora com a filha a fim de ter uma jovem recatada e que agisse de acordo com as “determinações da natureza”. Já os meninos eram incentivados aos interesses próprios a fim de constituir sua masculinidade. A partir deste estudo identificamos que trabalhar com a história das mulheres e as limitações que lhes foram impostas está vinculado ao processo histórico dessas mulheres. A conquista do espaço público a partir da década de 1950 fez com que as transformações urbanas que ocorreram impactassem na distância e na aproximação entre homens e mulheres e aos aspectos que dizem respeito às conquistas, lutas e desafios que confirmaram, anos depois, a categoria gênero.

Sobre o uso do termo gênero, Scott (1990, p. 73) pontua:

[...] gênero era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas

disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente.

Com a abertura do mercado e a emancipação feminina, ficou mais frequente a presença das mulheres no mercado de trabalho ocupando cargos tais como enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora etc. (PINSKY, 2020). A ideia de que as mulheres estariam independentes assustava alguns homens pela perda do controle de sua companheira. Outro aspecto levado em consideração seria uma suposta perda da feminilidade, pois conforme comenta Soihet (2013), relacionavam o desenvolvimento da inteligência das mulheres com a diminuição de suas qualidades femininas.

A educação feminina passou por vários momentos. A aceitação da família, o controle do acesso à leitura, os desafios de dar continuidade aos estudos, na escola recebiam o ensino básico e muitas famílias não permitiam as mulheres darem prosseguimento a sua formação, seja por não reconhecer a mulher na educação, pois isso poderia atrapalhar a sua “missão de ser mãe”, seja pelas questões econômicas, pois naquele momento estudar ainda era um privilégio da classe média. De acordo com Rosemberg (2020, p. 334),

[...] à educação formal e pública das mulheres foram sendo rompidas no transcorrer desse acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua “missão” de mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para as jovens brasileiras.

A maneira como se buscou controlar a educação das mulheres foi por meio de escolas cristãs e colégios femininos, onde o ensino era diferente do oferecido aos homens. Recebendo o básico de conhecimento matemático, era suficiente saber ler, escrever, contar histórias e uma forma geral da história do país e do mundo e, principalmente, saber desenvolver uma boa conversa. Nesse aspecto, a revista apresentava que as mulheres precisavam “ser um pouco instruída. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos da aritmética e de leitura. A mulher é o primeiro funcionário do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante função da despesa, de cuja anarquia rebentam tantas revoluções” (JORNAL DAS MOÇAS, 1914, ed. 02, p. 18 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 48)”

[...] Defendeu-se a educação diferenciada, porque mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Inclui-se Economia Doméstica em seu currículo, porque “a mulher é rainha do lar”. Criticou-se a escola mista, por ser “promíscua”. Estimulou-se a formação de professoras porque elas, “verdadeiras mães”, têm “vocação para o sacerdócio” que é o magistério. Combateu-se a educa o diferenciada, com o argumento de que servia para relegar a mãe de obra das mulheres ao “exército de reserva”, fazendo com que ocupassem postos com menor remunera o que os ocupados pelos homens no mercado de trabalho. Defendeu-se a amplia o da educa o de meninas e moças, porque “mulheres educadas adiam a primeira gravidez, espa am os partos, cuidam melhor dos filhos, impedem a reprodu o do círculo vicioso da pobreza”, e porque “seus filhos são mais educados [...]” (ROSEMBERG, 2020, p. 338-339).

A principal profissão incentivada para a mulher era a de professora, pois esta acabaria sendo uma extensão do que ela seria dentro do lar, mesmo a mulher não se dedicando apenas aos afazeres domésticos como há alguns anos atrás. Sobre o trabalho da mulher, *Jornal das Moças* não apresentou discussões sobre a divisão de tarefas domésticas, cabendo assim   mulher o cumprimento de tarefas duplas ou triplas ao ter de dar conta da casa, trabalho e, principalmente, de seu relacionamento.

A respeito disso, coletamos alguns dados a fim de exprimir a realidade educacional das mulheres no período. No ano 1950, o  ndice de mulheres analfabetas no país era de 66,7%; enquanto de homens era de 31,3%. Já nos anos 1960 ocorre uma mudança: as mulheres passaram a ser 57,3% de analfabetas; enquanto os homens, 53,2% (ROSEMBERG, 2020). Esses números mostram que em 10 anos o número de mulheres analfabetas diminuiu. Ao pensar no contexto social e cultural do país, estimamos que o acesso das mulheres   educa o se tornou mais acessível e houve uma maior procura. Inferimos também que as famílias passaram a compreender que a educa o seria um benefício na vida das mulheres, além de lhes proporcionar melhores condi es de acesso financeiro. Entendia-se que mulheres educadas eram melhores mães (ROSEMBERG, 2020).

[...] do tipo social de militante que impulsionou, pelo menos em um primeiro momento, o feminismo da segunda metade do século XX: as mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise. Pode se conhecer o movimento feminista a partir de duas vertentes: da história do feminismo, ou seja, da a o do movimento feminista, e da produ o teórica feminista nas áreas da História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise. Por esta sua dupla característica, tanto o movimento feminista quanto a sua teoria transborda seus limites, provocando um interesse embate e reordenamento de diversas naturezas na história dos movimentos sociais e nas próprias teorias das Ciências Humanas em geral (PINTO, 2010, p. 15).

O impedimento da mulher de ter acesso à educação era um exemplo da dominação masculina, que controlava os lugares nos quais as mulheres poderiam ou não estar. Com a ocupação das mulheres no espaço público, a procura pela qualificação profissional se fez necessária, principalmente ao buscar um emprego formal. Naquele momento, a participação de mulheres nas universidades se tornou mais frequente. Destacamos que nesse primeiro momento, quem ocupou as universidades foram as mulheres de classe média. Mulheres pobres sempre trabalharam, e a educação para elas nunca foi uma questão de escolha, mas uma questão econômica, pois elas não tinham como conciliar trabalho, estudos e o cuidado do lar. Estudar ainda era uma realidade das mulheres privilegiadas economicamente.

Sobre mulheres e educação, Pinsky (2020, p. 65) apresenta alguns dados ao dizer que “no ensino elementar e no médio, o número de mulheres já estava próximo ao dos homens. A proporção de homens para mulheres com curso superior, que em 1950 era de 8,6 para 1, baixou, em 1960 para 5,6”. Ou seja, era efetiva a mudança no acesso à educação. Cada vez mais mulheres estavam ocupando as universidades. Essa mudança só foi possível pelas transformações que estavam ocorrendo, seja no aspecto cultural, social ou econômico. A presença feminina dentro das universidades fomenta as pautas feministas, pois o espaço da academia foi de suma importância para essas discussões, já que era através de grupos estudantis que muitas estudantes tiveram acesso ao movimento feminista e a discussões sobre emancipação.

A representação da mulher na revista pode ser associada a um conjunto de estereótipos identificados em seus discursos, fomentados pela sociedade patriarcal na qual se tornou comum o uso e a reprodução de tais elementos, principalmente no que dizia respeito ao cumprimento das funções para homens e mulheres. Segundo Soihet (2013), a inferioridade feminina se encontra na diferença de gênero, vincula-se o seu ser mediante as suas faculdades mentais. Os filósofos se remetiam às mulheres como o ser da paixão, da imaginação, não do conceito. A beleza era o atributo do sexo, sendo incompatível com a faculdade nobre, figurando um elogio de caráter de uma mulher como prova de sua lealdade. O sentimento e a razão eram entendidos como suplementos da beleza.

Nelas, portanto, a inferioridade da razão era um fato incontestável, bastando-lhes cultivá-las na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos. Relacionando-se apenas com o mundo ao nível do concreto, mantinham-se perpetuamente na infância, incapazes de ultrapassar o mundo da domesticidade, que lhes fora legado pela natureza. Conclusões contraditórias, considerando-se, naquele momento, a existência de mulheres que animam os salões, nos quais se

difunde o espírito filosófico, contribuindo para o brilho da literatura e a difusão das ciências (SOIHET, 2013, p. 21).

O modo de conduta social define quais hábitos e costumes as mulheres deveriam ter enquanto noiva e depois enquanto esposa, como forma de honrar o lar, principalmente evitando comportamentos e ações que vinham aborrecer o seu marido. Segundo Chartier (1990, p. 17), “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.

Sobre a noção da representação coletiva, Chartier (1991) descreve como sendo um conceito de mentalidade que abrange três modalidades com o mundo social, no qual o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais é contraditoriamente construído pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade, pois as práticas que reconhecem uma identidade social são institucionalizadas e objetivadas em “representantes” que marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

Estudar sobre representação requer um cuidado, pois necessitamos compreender a relação de força entre as representações impostas. Conforme aponta Chartier (1991, p. 183), as identidades sociais podem classificar, denominar e definir a aceitação ou a resistência que uma comunidade produz de si mesma e outra que compreende que o recorte social objetivo na representação que cada grupo dá a si mesmo.

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 1991, p. 183-184).

Com as mudanças ocorridas após os Annales, a maneira como se faz pesquisa se altera, pois o modelo que estava sendo implementado silenciava muitas narrativas. Sobre isso, o autor supracitado comenta que as modificações ao se fazer pesquisa são essenciais, pois precisamos avaliar três aspectos na pesquisa: a história global, que contempla diferentes níveis de totalidade social; a definição territorial do objeto de pesquisa que nos proporciona fazer coleta dos dados; e o recorte social, que nos faz compreender as pluralidades culturais. Com essas modificações, foi possível apresentar histórias que antes estavam sendo negadas e/ou silenciadas.

Enfim, ao renunciar ao primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez, que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Donde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados (CHARTIER, 1991, p. 177).

As representações, segundo Chartier (2002), se dão a partir das formas de pensar e agir. Nos periódicos examinados, foi possível perceber certa reprodução de estruturas de pensamento vigentes no momento de sua circulação, o que se associa ao conceito de representação. A imprensa reproduzia representações de modo tão elucidativo que, além de fazer as leitoras se sentirem contempladas em seus textos, fazia também com que houvesse um despertar em outras que aos poucos vão sendo levadas a pensar sobre comportamentos esperados para aquele grupo social. A despeito disso, Chartier (1995, p. 40) comenta que a representação se transforma em máquina de fabricar respeito e submissão.

Neste período, mais do que no anterior, a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. A ênfase deve, assim, ser colocada sobre os dispositivos que asseguram a eficácia desta violência simbólica que, como escreveu Pierre Bourdieu, “só triunfa se aquele (a) que sofre contribui para a sua eficácia; ela só o submete na medida em que ele (ela) é predisposto por um aprendizado anterior a reconhece-la”. Um objeto maior da história das mulheres é então o estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: desta forma a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastar do “real” e de só indicar figuras do imaginário, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros.

De acordo com Pesavento (2004, p. 39),

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

A revista denominava “rainha do lar” as mulheres que se dedicavam ao lar, eram mães e esposas. A representação de feminilidade estava atrelada diretamente ao que se entendia como funções femininas, ou seja, comportamentos em que se acreditava que seriam virtudes da mulher. Conforme Maluf e Mott (1998), a imagem da “rainha do lar” era incentivada pela Igreja, legitimada pelo Estado e divulgado pela imprensa. As mulheres deveriam fazer ou ser, foi imposto, suas funções passaram a ser compreendidas como do deve ser. Havia uma valorização da castidade e da moral sexual diferenciada para homens e mulheres. A legislação reconhecia o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis, nesse momento, reconheciam a imagem da mulher exclusiva ou prioritária do lar e para a procriação.

A revista buscava se aproximar de seu público através de sua linguagem. Percebemos isso por meio dos estereótipos e papéis sociais que perpassam as suas páginas. Esses diálogos eram tratados por meio dessa aproximação que a revista visava a construir por certa associação aos padrões de conduta socialmente aceitos e/ou recomendáveis para o período. Mesmo tendo diversas mulheres e suas singularidades, a revista encontrou um modo de aproximá-las. Portanto, percebemos que dentre os chamados atributos sociais, percebemos o uso das expressões “patricias” e “mulher brasileira”, ainda em 1914; leitoras, damas, esposas, jovem, senhoras, donas de casa, senhorita, moças de família e moças levianas. Em 1950 alguns recursos foram empregados para dar esse sentido às leitoras e leitores: testes de comportamento ou mesmo em propagandas, o uso do termo “rainha do lar” foi muito usado no estilo *american way of life*, que se tornou comum entre as famílias de classe média.

Jornal das Moças, por ser uma das primeiras revistas femininas dos anos 1900 reproduzia afirmações correspondentes ao período de acordo com a moral e normas condizentes ao patriarcado. Era comum, nas primeiras edições, vincular a imagem da mulher a moças ingênuas, puras, que facilmente poderiam fugir ao padrão de comportamento esperado. Flertes, namoro, noivado e casamento eram temas recorrentes na revista, por isso eram muito habituais textos e sermões de como deveria ser cada um desses momentos, os limites que eram aceitos e recomendados para que a mulher não prejudicasse a sua imagem de pureza e de honra ao lar.

Segundo a revista, as mulheres deveriam amar seus companheiros mesmo que isso não fosse recíproco. Sobre isso, Pinsky (2014) comenta que a abnegação faz parte do amor feminino. A representação da mulher enquanto um ser amável, romântico e sonhador era altamente defendido em *Jornal das Moças*, para quem as mulheres vivem para o amor, desde que esse amor esteja dentro dos limites tradicionais da moralidade feminina. “Com relação ao

amor, a mulher é considerada superior ao homem, porque tem maior capacidade de amar, e o texto entende amor como sacrifício, doação. “transmissão da vida” e fidelidade” (PINSKY, 2014, p. 77).

Figura 15 - Espôsa Perfeita

DECÁLOGO DA ESPÔSA PERFEITA

Damos aqui dez conselhos para as futuras espôsas viverem em perfeita harmonia ao lado do homem que será seu marido.

1
O essencial para a felicidade conjugal é eleger um companheiro cujo caráter e disposição coincidam com os seus. Não é possível misturar-se o azeite com a água, nem conseguirmos uma boa combinação de duas naturezas constrúas.

2
Aceita teu espôso como ele é; não procures reformar os seus hábitos e seus costumes. Nada aborrece mais a um homem do que uma mulher que continuamente lhe fere o amor próprio.

3
Alimenta-o bem, pois bem diz o velho ditado: “é pelo estômago que se conquista o homem”.

4
Não discutas, quando ele estiver irritado. Nestas ocasiões, o melhor é calar, pois, assim, evitarás uma série de aborrecimentos futuros. Depois, quando ele estiver mais calmo, faze-o ver o teu ponto de vista.

5
Não pretendas converter-te em mentora de teu espôso. Não tentes corrigir suas maneiras acintosamente, nem indiques qual o modo dêle se conduzir; é preferível que outros o façam. Um homem poderá perdoar muitas coisas à sua espôsa, menos que o humilhe.

6
Concede a teu espôso amp'os direitos como chefe de família. Não o faças sentir que o lar é um cárcere e tu a carcereira: não o rechas como se tivesse cometido um crime, quando chega cinco minutos mais atrasado do que o costume, nem o esperes acordada e com um sermão na

ponta da língua, se, de vez em quando, fica na cidade para jantar com os amigos. Não haveria tantos maridos amigos da rua se existissem menos espôsas tirânicas.

7
Procura mostrar-te amável com os amigos de teu marido e que seus parentes sintam carinho por ti. Nada agrada tanto ao homem do que poder receber seus amigos em casa com tranquilidade; e, se sua espôsa tiver atenções para com sua mãe e suas irmãs, seu amor por ela se multiplicará.

8
Pede sempre a opinião de teu marido sôbre qualquer assunto; entretanto, não precisas agir de acôrdo com ele e teu espôso não se aborrecerá, se verificar que não seguiste os seus conselhos, mas aprecia êste gesto que reconhece como chefe da casa e no qual tu admites a superioridade dêle. Nunca ordenes que ele faça isto ou aquilo; dize-lhe simplesmente que te agradaria que ele o fizesse, e o resultado te assombrará.

9
Não te esqueças de tuas táticas de noiva. O casamento não permite que a mulher cruze os braços e permaneça tranquila e segura, enquanto a natureza segue o seu curso, porque, desgraçadamente, os homens se sentem atraídos pelas mulheres bonitas que o elogiam e o divertem, e não admiram as espôsas negligentes, que se descuidam de sua aparência e de sua inteligência, convertendo-se, assim, numa criatura completamente desprovida de encantos.

10
Repete a teu espôso, todos os dias, que o amas, que o admiras e que agradeces seus esforços para dar-te uma vida cômoda e tranquila. Enquanto um homem sentir que é o centro do universo de sua espôsa, tudo estará bem e não existirá o perigo da “outra mulher”.

Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1805, p. 6)

Na análise da Figura 15, notamos como a revista expunha maneiras de como deveria ser o comportamento das esposas para assim alcançar a perfeição. Ela apresentava o ideal de representação, como por exemplo, no tópico 2, ao dizer que a esposa deveria aceitar o marido como ele era; ou no tópico 9, quando dizia que a mulher deveria sempre estar à disposição de seu marido e não deixar a vaidade de lado, pois os homens se sentem atraídos por mulheres bonitas que o elogiem e o divirtam. De acordo com Pinsky (2014, p. 73), no período, a mulher precisava amar e se fazer amar, pois esse era o seu destino e sua realização plena, nem que para isso fossem necessários sacrifícios; diferentemente dos homens, cuja diferença era estava na “natureza” distinta dos sexos.

Chamamos a atenção para o título. O termo decálogo significa os dez mandamentos da lei de Deus. Era o modo de a revista expressar a influência da Igreja e de ideias cristãs sobre

assuntos relacionados à mulher. Eram comuns essas aproximações em que era discutida uma ideia e um argumento cristão para defendê-la.

A revista utilizava com frequência a ideia de perfeição, de posicionamentos, a fim de exaltar a “rainha do lar”. Eram postas sobre as mulheres expectativas sobre si, sobre seu relacionamento e filhos. Mesmo sendo uma revista que supostamente seria sobre os interesses femininos, pouco ou nada mostra a mulher como a dona de sua felicidade, a felicidade sempre era por alguém ou com alguém. A respeito disso, Saffioti (1976, p. 8) comenta:

A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos. E a asserção é válida quer se tomem as camadas ociosas em que a mulher dependia economicamente do homem, quer se atente para as camadas laboriosas nas quais a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família.

Ao analisar a revista, percebemos a ideia de que a mulher só seria realizada em sua vida diante do casamento, portanto, a preparação para esse momento da vida da mulher exigia muito cuidado e zelo. O período do namoro serviria como fase de conhecimento, em que ambas as partes deveriam manter o recato e evitar as intimidades silenciosas para não ceder aos encantos imediatos. Já o período do noivado era o momento no qual a noiva ficaria responsável em organizar o enxoval e observar aquele com quem ela iria dividir o lar e futuramente construir uma família, quando assim apresentasse comportamentos violentos ou que desrespeitasse os costumes tradicionais, esse compromisso deveria ser desfeito, pois após se casar essa já não era uma opção. Era necessário de toda forma e sob qualquer circunstância manter a união, mesmo que conflitos acontecessem, caberia à mulher trazer de volta a paz e a serenidade para a sua família. Frustrações ou traições por parte de seu companheiro deveriam ser perdoadas e até mesmo esquecidas, visto que essa era sua culpa por não ter cumprido com as obrigações do casamento e por isso seu marido foi “satisfazer suas necessidades” fora do lar.

A boa companheira seria capaz de adivinhar os pensamentos do marido; amar sem medir sacrifícios visando única e exclusivamente a felicidade do amado; receber o marido com atenção todo dia quando ele chegasse em casa; manter o bom humor e a integridade da família; interessar-se por vários assuntos para

poder conversar com o marido e ser uma boa anfitriã – e não envergonhá-lo na frente dos amigos -, saber falar e calar nas horas certas, quando o marido está cansado ou aborrecido, por exemplo (BASSANEZI, 2008, p. 628).

Manter o casamento e a harmonia dentro de casa era responsabilidade das mulheres. Com o casamento, deveria acontecer a perda da virgindade, que deveria ser mantida pelas moças até a noite de núpcias, por isso as famílias faziam o papel de vigiar as intimidades, a fim de evitar desonra ao lar, já que, para as mulheres, esse era um pré-julgamento sobre que tipo de mulher ela seria considerada; já os homens eram incentivados desde a adolescência a atender aos impulsos naturais masculinos voltados à sexualidade. Desde a infância, as meninas eram ensinadas sobre a forma de conduta de uma mulher. Entre as normas estava o seu comportamento como esposa.

A virgindade era vista como um selo de garantia de honra e pureza feminina. O valor atribuído a essas qualidades favorecia o controle social sobre a sexualidade das mulheres, privilegiando, assim uma situação de hegemonia do poder masculino nas relações estabelecidas entre homens e mulheres. E como geralmente, os rapazes de classe média e alta procuravam obter satisfação sexual com mulheres mais pobres, fora do seu meio, o critério de classificação e valorização das mulheres servia também como forma de reforçar as desigualdades sociais existentes (PINSKY, 2020, p. 614).

A fim de estreitar a relação com as leitoras, *Jornal das Moças* apostava em testes para ratificar os costumes tradicionais na intenção de provocar reflexões em seu público sobre seu comportamento enquanto esposa, “rainha do lar” e responsável pelo seu casamento. A esposa não precisava ser um modelo, pois essa não é mais que uma minúscula imitação do autêntico, mas podia ser perfeita. A esposa perfeita era aquela que satisfazia seus instintos normais e os correlacionava com as necessidades de seu companheiro e de sua família.

A forma mais próxima que a revista encontrou para um relacionamento para com suas leitoras foi através de testes, em que a partir dos resultados se traçava o tipo de personalidade que essas mulheres tinham e recomendavam quais deveriam ser suas ações perante os fatos. Nessas enquetes, um dos principais temas tratados era o comportamento da mulher no relacionamento.

Figura 16 - Que espécie de esposa é você?



Fonte: Jornal das Moças (1950, edição 1805, p. 6)

As mulheres que tivessem interesse em estabelecer seu “perfil” deveriam responder aos questionamentos propostos para identificar a qual grupo pertenciam. Quem tivesse mais que seis respostas afirmativas pertenceriam ao Grupo 1; conforme o número de respostas “sim” fosse menor, correspondia ao Grupo 2; e consequentemente ao Grupo 3. Apresentamos a transcrição dos questionamentos publicados na revista para cada grupo:

- Grupo 1
- 1- E’ importante para você ter as coisas prontas?
 - 2- Tem inclinação a preocupar-se e sentir-se ansiosa?
 - 3- Olha cuidadosamente para frente antes de dar um passo?
 - 4- E’ você clara nas palavras e na conduta?
 - 5- Aprecia muito uma sensação de segurança na vida?
 - 6- E’ naturalmente cuidadosa e econômica?
 - 7- Torna-se difícil para você encontrar desculpas para as pessoas descuidadas e imprevidentes?
 - 8- E’ capaz de economizar sistematicamente com o fim de adquirir uma casa ou outra coisa tão útil quanto esta?
 - 9- Tem medo de fazer mudanças?

Para o Grupo 1

As damas que satisfaçam plenamente os quesitos do quadro 1 são o tipo corrente de espôsa, que toma a sério seus deveres e responsabilidades. E que provê todas as necessidades, a que planeja, conserva e atende todos os detalhes do bem-viver. Orgulha-se de sua casa bem posta e de família. Isto se deve em parte ao íntimo desejo de obter segurança doméstica e, em parte, também à necessidade de ser amada e indispensável. Fará quanto possa para ajudar seu esposo a progredir e achar tôdas as comodidades materiais. Mas as pessoas dêsse tipo necessitam sorrir ao temor e ao futuro. Não lhe agradavam as opiniões acaloradas; prefere os fatos frios e, até as frivolidades. Isto contribuiu para uma vida estável, mas não deve permitir que o amor se converta em um fato frio. Deve ser menos intolerante, a fim de encontrar toda a felicidade que merece.

Grupo 2

- 1- Tem aptidão para explicar e ensinar?
- 2- Procura dar mais do que recebe em amor e amizade?
- 3- Pode compreender as pessoas em geral e simpatizar com as mesmas?
- 4- Desgostam-lhe a rotina e os detalhes?
- 5- Parece que desapareceram suas preocupações quando está em companhia de pessoas amigas?
- 6- Inclina-se a sacrificar-se e a negar-se a si mesma em favor dos seres queridos?
- 7- Ama realmente às crianças e aos anciãos?
- 8- Pensa que muitas outras pessoas querem ser boas e se seguir uma vida correta
- 9- O amor é o maior sentimento da vida para você?

Para os grupos 1 e 2

E' esta o tipo de esposa que constitui uma boa camarada e construtora do lar. Porque é uma pessoa prática e frugal, mas também romanticamente afetuosa. E' algo inadvertida; dependente quanto às pessoas, independente quanto às coisas, mas fundamentalmente equilibrada. Gosta de comodidade e da realidade da vida quotidiana. E, sem dúvida, ocupa a posição suprema no lar, porque é sensível e sentimentalmente a vencedora. Todavia, a necessidade que sente de recompensa e reconhecimento é tão grande, que pode ter uma vida secreta em que se dramatiza. Sua devoção à família é quase primitiva, mantendo suas amizades em constante renovação de afeto. Vence aos demais entregando-se a êles.

Grupo 3

- 1- E' rápida em suas decisões?
- 2- Toma providências para que ninguém lhe leve vantagens?
- 3- E' você com frequência quem analisa uma possível mudança?
- 4- Sente urgência por construir e criar?
- 5- Emociona-se facilmente no cinema, no teatro, nas reuniões sociais, etc?
- 6- Gosta de governar outras pessoas e ter primazia em decidir?
- 7- E' positivamente alegre ou melancólica sua disposição de ânimo?
- 8- Têm sido com você mesma suas maiores lutas?
- 9- Você se reconhece como capaz e eficiente?

Para os grupos 1 e 3

A espôsa que pertence a êsses dois grupos é o tipo de espôsa intensa e enérgica que constitui uma excelente dona de casa e uma fervorosa advogada do marido e da família. Tende à acumulação de funções e a desgastar-se, portanto. Para

conservar as aparências e enaltecer a posição de ser companheiro, trabalharia até o esgotamento, em sua casa ou fora dela. Mas se fica em sua casa, deve ter o cuidado de não se converter em uma tirana doméstica. Amante do luxo, apaixonada, luta por não corresponder com demasiada largueza aos demais, ainda que lhe agrade lhe dispensem êsses toda a atenção. Capaz e discreta, sabe esconder seus sentimentos; todavia pode pagar caro, dando ensejo à ironia, ao sarcasmo, ou ao repúdio. Normalmente, é o tipo oficial, enérgico e ambicioso, que poderia triunfar nos negócios ou na propulsão dos negócios do marido. Sua principal desvantagem é sua incapacidade para delegar tarefa aos demais; é tão difícil agradar, que considera necessário fazer as coisas por si mesma (Jornal das Moças, 1950, edição 1805, p. 7).

A revista entende como um “desastre” o comportamento que foge à boa conduta. Havia uma supervalorização dos bons modos. Nas páginas de *Jornal das Moças* encontramos sermões sobre situações consideradas inadequadas, visando a tornar essas mulheres uma “dama”, estereótipo criado para designar as mulheres elegantes e cultas.

Os grandes desastres exemplos, meninas

Para não serem vítimas de um grande desastre social, nossas damas não devem quebrar a linha.

E como não quebrar a linha?

E' simples; basta saber resolver bem certos casos que as fazem balançar.

Eis aqui alguns exemplos:

Se tem dúvida de que é importante saber tocar piano ou outro instrumento qualquer, não mantenha essa dúvida: não é preciso isto saber para causar boa impressão.

Cai em desastre, por exemplo, a dama que em uma conversação usa palavras de gíria e conta anedotas demasiado picantes.

Salva sua linha a dama que é vista em público somente em companhia de pessoas respeitáveis.

Escorrega em queda colamitosa e da qual quiçá não possa levantar-se, a dama que frequenta lugares suspeitos, embora não ponha em prática os métodos aí usados.

Firma sua linha a dama que mantém sua casa rigorosamente limpa e arrumada. Descarrila e fica na eminência de cair em grande desastre a dama que faz referência malévolas a outra ausente em uma reunião social, por isso que esta pode ser parenta ou amiga de um dos presentes, sem ter em conta ainda que as más referências a outrem são sempre uma nota desarmônica em uma conversação.

Embora o prato não cáia ao chão, cai em grande desastre a dama que bate com o garfo no prato para chamar o garção em um restaurante ou casa semelhante. E que linha inquebrável é a da dama que em um ônibus cede seu lugar a outra bem mais velha que ela, enquanto os homens válidos se conservam sentados! Bater numa criança, embora filho seja de batedora, em um lugar público, é um grande desastre social.

Eleva-se sublimemente a dama que maneiramente sabe evitar uma discussão, embora seja a mesma realizada em bons termos.

Estando a uma mesa de restaurante e caso verifique ao espelho um fio de sobrancelha salienta-se, deve a dama conter-se, não usando sua pinça para retirá-la aí.

Cáí em desastre a dama que diz claramente não acreditar em ninguém quando está falando com pessoas de certa cerimônia, pois dá a impressão de que procede falsamente.

Levanta sua linha a dama que se abaixa para apanhar um objeto de um senhor idoso de cuja queda foi ela a culpada ou mesmo quando a culpa não lhe caiba. Que desastre deplorável comete a dama que em público encapa o dedo com o lenço para limpar a orelha!

Dá boa impressão de si a dama que torna parte ativa nas obras de beneficência sem fazer referência às mesmas (Jornal das Moças, 1950, edição 1807, p. 18.).

Notou-se que a revista vê o mau comportamento das mulheres como sendo um “desastre social”, como mostra o excerto acima sobre as normas de conduta, podendo ser feito através de testes ou conselhos. *Jornal das Moças* discutia sobre o comportamento esperado às mulheres. Como era uma revista de grande aceitação entre o público, formava opiniões. Ao expor situações inadequadas para homens e mulheres, as revistas davam exemplos somente sobre as mulheres, pois tais atitudes seriam consideradas um “desastre”, enquanto para os homens seria somente uma falta de etiqueta ou de educação. Ao pensarmos acerca do confinamento que essas mulheres viviam, percebemos que as barreiras não eram apenas físicas, mas também sociais, pois a mulher não deveria frequentar lugares considerados inadequados, não poderia falar gírias e preferencialmente deveria andar em boa companhia. No entanto, a revista não vê problemas de a mulher ficar em casa e cuidar do lar sozinha, pois esse comportamento a fazia ser considerada uma “dama”. Explicitamente, a revista demonstra qual era o comportamento que ela julgava adequado. Sobre isso, Pinsky (2020, p. 610) comenta:

as moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio enquanto os rapazes eram permitidos ter experiências sexuais.

Temas sobre a intimidade dos casais não eram tratados de forma direta na revista. Quando havia um conteúdo dessa natureza, era em matérias com médicos ou educadores religiosos que diziam que aquele era um comportamento que só deveriam manter após o casamento, pois essa não era uma atitude que respeitasse as bases morais para mulheres solteiras.

Ao questionar sobre as problemáticas do trabalho da mulher fora do lar, a revista sugeria que a participação das mulheres nos trabalhos formais resultava no abandono das atividades domésticas, pois acreditava-se que o cultivo do lar era uma consequência natural de sua vida.

O trabalho era indicado para as solteiras ou para aquelas que queriam permanecer assim, já que não se identificavam como sendo esposas ou mães. A partir do fim da década de 1950, a participação das mulheres no espaço público passa a ser comum. Em um primeiro momento, a revista foi consistente em seu posicionamento, defendendo que o espaço privado seria o ideal para as mulheres por conta das demandas do lar, mas ao perceber que cada vez mais as mulheres saíam do espaço privado, a revista muda seu posicionamento de acordo com o comportamento de seu grande público, que também se alterou. Em vista do novo cenário, a revista se posiciona, dizendo que as mulheres precisariam redobrar sua atenção com o lar e a aparência, pois não poderiam fazer funções que as masculinizassem ou mesmo que abandonassem sua função prioritária como mãe e esposa.

Era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho. Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua (BASSANEZI, 2008, p. 625).

Jornal das Moças dizia que as mulheres eram seres incríveis, exaltavam seus talentos e sua hábil vontade de aprender; no entanto, ressaltava que sua maior vocação era enquanto mãe. Quando a revista resume a mulher somente a mãe, ela faz com que toda sua aptidão seja relacionada ao seu biológico, sua única função seria o desempenho das funções domésticas e ser mãe. A revista não faz menção à dedicação das mulheres, e ao enfrentar os desafios de estar no espaço público, em oposição, sugere que as mulheres permaneçam subalterna aos homens. No primeiro momento de sua vida, ao seu pai, e depois ao seu marido, e logo, aos seus filhos. A representação do ser mulher estava relacionada a algo ou alguém. A dedicação com sua família, filhos e a casa eram funções da “rainha do lar”, aquela que coloca a sua família à frente até mesmo de si. Sua felicidade, muitas vezes, dependia da ordem do seu lar e da família.

A maternidade era chamada de sagrada missão feminina. Para isso, elas precisavam abrir mão de suas próprias vontades, felicidade, sexualidade, para o bom desempenho da função de ser mãe.

[...] o corpo feminino não pertencia à mulher, mas sim ao grupo social ao qual esta estava inserida, uma vez que, em meio às ideologias feministas e a tradicional visão burguesa a mulher estava dividida entre o certo e o errado entre o sagrado e o profano. Reafirmar seu poder e controle sobre o corpo é desafiar as normativas que regem a sociedade, a mulher que por ventura

quebrasse as regras poderia ser corrigida, expulsa de casa e do convívio social (ALVES; CAETANO; FREITAS, 2016, p. 116).

A partir do acesso da mulher ao mercado de trabalho, a sua independência financeira fez com que ela se tornasse o principal alvo da publicidade. A mulher estava dividida entre o certo e o errado, o sagrado e o profano. As moças viviam um impasse pelo que era proibido pela tradição e pelo que era tolerado pelos novos tempos. Mulheres separadas eram mal vistas perante a sociedade, culpadas pelo fracasso do seu casamento e em caso de traição eram julgadas por terem faltado com seu marido, dando-lhe brechas para traições. Se as traições fossem cometidas por mulheres, eram criticadas e severamente punidas. Nesse período, a violência doméstica e o crime passional não eram reconhecidos como crime. As mulheres que possuíam fantasias românticas eram julgadas por terem o desejo de seduzir homens irresponsáveis. A conduta da mulher separada estava constantemente sob vigilância, a mulher divorciada teria de abrir mão de sua vida amorosa sob o risco de perder a guarda dos filhos. Estes já estavam marcados com o estigma de serem frutos de um lar desfeito. Somente ao homem desquitado o controle social era brando, o fato de ter outra mulher não alterava sua reputação (PINSKY, 2020).

Era muito temido que as moças se desviassem do bom caminho e conseqüentemente da moral feminina. A partir da maior liberdade permitida às mulheres elas poderiam escolher seu marido. Antes, essa escolha era feita por sua família. Em meados da década de 1950, essa já era uma situação considerada antiquada, a preocupação era em manter a boa conduta entre as moças.

As levianas eram aquelas com que os rapazes namoram, mas não casam. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos. Já as garotas que se comportassem como moça de família seriam respeitadas pelos rapazes e teriam muito mais chances de conseguir um bom casamento. Pois segundo a regra, em última instância, eram os homens quem as escolheriam e, com certeza, procuravam para esposa uma pessoa recatada, dócil, que não lhes trouxesse problemas – especialmente contestando o poder masculino – e que se enquadrasse perfeitamente aos padrões da boa moral (PINSKY, 2020, p. 612-613).

Não casar estava relacionado à ideia de fracasso, por isso era permitido, em caso de a mulher ficar mais velha, usar artimanhas para atrair um pretendente, o que ocorria por meio da vaidade, vestir-se conforme o gosto do pretendente, ser amável e ao mesmo tempo indiferente, modelo considerado eficaz e incentivado na revista para conquistá-lo. Entretanto, as iniciativas

tinham que parecer que partiam dos rapazes. Nos encontros, a moça precisava deixar explícito que ela era moça de família e que não cederia às intimidades.

Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como enalhada, candidata a ficar pra tia. Aos 25, considerada uma solteirona, já era fonte de constrangimentos. Um homem de 30 anos, solteiro, com estabilidade financeira, ainda era visto como um bom partido para mulheres bem mais jovens (PINSKY, 2020, p. 619).

As discussões sobre as “solteironas” em *Jornal das Moças* apresentavam essas mulheres como infelizes e incompletas, associavam sua imagem à de alguém acompanhada de animais e de sobrinhos, buscando uma forma de amenizar o sofrimento de não ser mãe (PINSKY, 2020). Não se casar era totalmente contra o ideal de felicidade que a sociedade reproduzia. O receio de ficar solteira era tanto que as revistas viam como o pior cenário, por isso muitas mulheres iam atrás de seus futuros companheiros, fazendo com que sua apresentação de passividade fosse apenas à primeira vista. O tempo hábil para uma mulher se casar era até os 23 anos de idade; com 25, já eram consideradas velhas. Diferentemente dos homens, cuja maioria casa a partir dos 30 anos de idade, mas isso se explica pelo fato de as mulheres serem resumidas aos papéis de donas de casa, esposa e mãe (PINSKY, 2020). Nenhum dos números examinados de *Jornal das Moças* menciona sobre mães solteiras. Provavelmente, esse assunto não era considerado apropriado para “a revista da família” (PINSKY, 2020).

Mulher solteira não tem projeção social. Conheci uma senhora que dizia com muito graça: na escala social primeiro existe a mulher casada, em segundo lugar a viúva, em terceiro lugar a desquitada, em quarto lugar a prostituta, em último lugar... a solteirona. Nunca ninguém lembrou de escrever coisa sobre a mulher solteira (MAIA, 2008, p. 2 apud AMORIM, 1992, p. 15)

Ainda sobre isso Maia (2008) comenta:

Se as hierarquias de gênero produziram as mulheres como o “outro”, o sujeito inferiorizado, as “solteironas” surgiram como mulheres ainda mais inferiorizadas, já que numa “escala” que define/classifica/qualifica mulheres, construída pelas representações de gênero, elas estão em último lugar, pois não possuem os elementos que constituem a “verdadeira mulher” e que as tornam inteligíveis dentro do código patriarcal [...] (MAIA, 2008, p. 2).

Jornal das Moças não tratava de temas considerados tabus, como por exemplo, a sexualidade feminina. Para o período, esses assuntos eram considerados inadequados. A prática sexual deveria ser apenas como forma de procriação. Até a década de 1960, não se falava sobre

o prazer feminino. Conforme Pedro (2020), acreditava-se que a “mulher distinta”, “respeitável”, não sentia desejo nem prazer, pois todo seu ser deveria destinar-se à maternidade (PEDRO, 2020, p. 242). Naquele momento, casamentos poderiam ser anulados caso se constatasse que a noiva não era virgem, pois estava previsto no código civil a preservação da mulher. De acordo com Pinsky (2014, p. 124), “a ligação estreita entre o conceito de honra feminina e o de virtude sexual (virgindade, pureza, ignorância) favorece o controle sobre a sexualidade das mulheres e, em última análise, privilegia a hegemonia do poder masculino nas relações sociais”.

Existiam normas de conduta, inclusive para os encontros amorosos. A moça deveria deixar claro que era de família e não cederia aos encantos, além de geralmente estarem acompanhadas de um membro da família a fim de garantir que os limites não iriam ser desrespeitados. O rapaz deveria buscar a moça em casa e depois deixá-la. Entre as responsabilidades do homem, estava pagar a conta do que consumiam, e para isso as revistas instruíam as mulheres ao bom senso do que iriam consumir para não ser algo com preço abusivo.

Os assuntos a respeito da sexualidade não eram tratados na revista. Na intenção de evitar constrangimentos à família, houve uma defesa por parte de educadores para tratar da educação sexual, já que estavam ocorrendo muitos “acidentes”, como a gravidez indesejada. A intenção permeada por uma educação sexual era a fim de preparar a mulher para a vida matrimonial e a procriação (PINSKY, 2020). Nesse sentido, as revistas não tratavam de sexo como sinônimo de prazer, mas sim, como forma de reprodução, “realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida” (PINSKY, 2020, p. 620).

A esposa dos Anos Dourados era valorizada por sua suposta capacidade de indicar com a luz de seu olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeavam. Considerá-la a *rainha do lar*, a principal responsável pela felicidade doméstica, significava não somente atribuir-lhe um poder intransferível e significativo sobre a família – com toda a carga que essa tarefa, nem sempre viável, pudesse trazer – mas também reforçava o papel central da família na vida da mulher e, parece claro, sua dependência em relação aos laços conjugais (PINSKY, 2020, p. 627).

Sobre o comportamento feminino, a revista defendia que a mulher casada deveria evitar passeios nos momentos em que seu marido estivesse ausente, pois seu comportamento deveria ser diferente do de uma mulher solteira, que mantinha muitas amigas e dava atenção para outros homens. Sobre o controle do corpo feminino, a revista mencionava que era necessário bom senso na hora de se vestir para não chamar muito a atenção e causar ciúmes em seu

companheiro. A manutenção da beleza era obrigatória, mas na medida certa, pois a beleza deveria ser mantida para seu marido, não a ponto de chamar a atenção de outros homens.

O ideal de mulher defendido pela revista era o da mulher branca, de classe média, que compunha o modelo de família conjugal, hierárquica, com papéis masculinos e femininos distintos e predefinidos, valores culturais (os burgueses) e a ideia de felicidade vinculada ao consumo de bens e à adesão a determinadas modas e normas sociais (PINSKY, 2014). Embora esses modelos sejam construídos socialmente, eles são apresentados de forma natural e como verdades incontestáveis. As revistas transmitem as percepções da realidade global e atuavam diretamente no contexto social do qual faziam parte.

A representação do feminino e do masculino é bem marcada em *Jornal das Moças*. Os papéis, tanto sociais quanto econômicos, ficam definidos. As revistas eram uma importante fonte de informação, principalmente para as mulheres de classe média. As relações de poder ganham destaque, pois são reafirmadas diante de um cenário característico do período em exame, levantando discussões acima das designações “moça de família”, “ser homem”, “ser mulher”, “boa mãe” e “feminilidade”.

3.1 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

No início da década de 1950, as profissões de mulheres presentes na revista *Jornal das Moças* eram de atrizes e modelos, vez ou outra encontrávamos em suas páginas matérias sobre a formatura de mulheres nos cursos de Direito, Pedagogia ou Medicina. O mais comum na revista era a formação das mulheres no Ensino Médio. Havia um incentivo para saber regras de etiqueta e possuir bom desempenho nas funções domésticas. Para as mulheres de classe média, saber sobre a administração do lar e funções domésticas era estimulado principalmente para coordenar suas funcionárias, como faxineiras e cozinheiras.

Segundo Soihet (2020), o contexto das mulheres brasileiras mudou significativamente desde o fim do século XIX. As mulheres das camadas populares sempre estiveram inseridas no mercado de trabalho. Ainda que ocupando cargos inferiores, elas já estavam dentro das fábricas e nas casas das famílias ricas desempenhando as funções de cozinheiras, faxineiras, entre outras. Já as mulheres de classe média adentram o mercado de trabalho a partir da abertura do mercado e da inclusão das mulheres nos espaços públicos e universidades. Entre os motivos que as levaram para essa inserção de espaço, apontamos a industrialização, que se deu desde eletrodomésticos a cosméticos, a contribuição financeira por um fator decisivo da incorporação das mulheres nos espaços públicos, a reivindicação de direitos e a capacitação profissional.

No primeiro momento, quem teve acesso aos espaços de formação foram as mulheres de classe média e de classe média alta, pois as academias e espaços de formação eram um ambiente elitizado.

No contexto político e econômico brasileiro, havia forte oposição à participação feminina, por isso houve uma grande reivindicação das mulheres a fim de ocupar tais lugares e conquistar seus direitos, conforme apontam os estudos de Soihet (2020, p. 219).

[...] respaldando tal oposição, a ciência da época considerava as mulheres, por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária. Críticas ácidas às demandas femininas estavam presentes também em peças teatrais, crônicas, caricaturas e em diversas matérias na imprensa, que, inclusive, ridicularizavam as militantes.

Com a abertura do mercado, o impulsionamento da economia se deu pela reestrutura do pós-guerra. No Brasil, com a abertura de novas indústrias e mercados, houve a oportunidade de emprego para as mulheres que não possuíam mão de obra qualificada. A ocupação desses espaços por elas foi um dos principais passos na História das Mulheres, pois eles lhes eram negados. Com isso, abre-se uma série de oportunidades em suas vidas, seja para a realização de cursos profissionalizantes ou para a ocupação e ascensão nos espaços públicos.

A revista trata a presença feminina no mercado de trabalho de modo muito sutil. Em meados da década de 1950 o discurso na revista muda e seu conteúdo é dedicado exclusivamente à mulher. Com isso, percebemos os primeiros indícios de uma abordagem mais contemplativa. A mulher já não era mais vista apenas como a mulher mãe e dona de casa, mas também como profissional no mercado de trabalho, portanto, a “mulher moderna”.

As revistas sofriam influência das relações de classe e de gênero fundamentada sob o capitalismo e a sociedade patriarcal. Os fatores econômicos as influenciavam, pois além do seu público que as mantinha, elas recebiam apoio financeiro de publicidades que eram publicadas de acordo com seu posicionamento. A partir da mudança no discurso, a revista passa a apresentar a mulher como protagonista, o que fez com que os interesses por parte da revista mudassem. em se comparando com o início da década, gerando certa adaptação do discurso predominante. Sobre isso, Pinsky (2014) comenta que era natural haver essas contradições a fim de defender as questões predominantes no momento, no caso, o capital. As mulheres eram consumidoras que precisavam ser cativadas pelas propagandas, nem que para isso as revistas se contradissem, deixando de lado o posicionamento que apresentava a mulher como exclusiva ao lar. A esse respeito, Pinsky (2014, p. 47) comenta:

[...] quando um aumento na demanda por trabalho feminino provocado por uma alteração na economia põe em risco a imagem “naturalmente feminina” da dona de casa dedicada ao lar em tempo integral -, as revistas podem dar respostas diferentes, ou seja, corresponder de maneiras distintas a estes fatores e suas influências.

Com o passar da década, percebemos algumas mudanças na composição familiar. A instituição do casamento continua da mesma forma, no entanto, o número de filhos reduz, se comparado ao passado. A representação do homem continua sendo a de chefe de família, inclusive amparado por lei sob as funções das mulheres conferidas ao lar. Uma das formas de reafirmação dessas condutas era a Igreja católica, que não aceitava as mudanças que vinham acontecendo, principalmente no que dizia respeito à emancipação feminina e à inserção da mulher no mercado de trabalho. A educação laica e as abordagens feministas eram assuntos que provocavam discussões entre os mais conservadores.

As relações de poder eram bem estabelecidas. Sobre isso Pinsky (2014, p. 18) comenta que a moral sexual permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”. Os papéis de homem e mulher eram bem estabelecidos. No caso da mulher, cabia o papel de ser mãe, esposa e dona de casa, pois era visto como o destino natural das mulheres. A mulher que não o seguisse, estaria indo contra a natureza, não iriam ser felizes e, conseqüentemente, não iria proporcionar felicidade ao seu par.

Mesmo não tratando diretamente sobre feminismo, os assuntos que envolviam a emancipação feminina se tornaram cada vez mais frequentes. A mudança foi sutil, mas ocorreu, sobretudo, a partir de 1954, quando as questões sobre a liberdade feminina, diferença entre os gêneros e a sua independência financeira ganharam mais ênfase. A palavra feminismo apareceu na revista no ano de 1958, em uma seção chamada *Feminismo a Varejo*, a qual era entendida como atributos ao “universo feminino”. No entanto, pelo nome, percebemos a sátira a esse movimento por parte da revista, já que a etimologia da palavra varejo significa sacudir, ser insignificante. A seguir apresentamos o teor dos textos que apareciam na seção.

Quando u'a moça se casa, seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira esposa-modelo, pronta para cumprir todas as tarefas caseiras. Mas, acontece que, nem sempre, apesar de toda a sua boa vontade, pode a moça aguentar o peso de tantas responsabilidades e o duro trabalho que lhe cai sobre os ombros passa a ser um problema. A questão é muito importante e não somente os recém-casados se preocupam com êle, mas também os pedagogos especialistas têm estudado profundamente o caso e com

tôda a seriedade as razões das numerosas falhas entre as mulheres casadinhas de novo.

O Conselho Alemão para a Educação, estudando o assunto, determinou três das principais causas que provocam essas falhas:

1° - as mulheres que, na sua profissão estão acostumadas ao trabalho independente e são obrigadas, no escritório ou na fábrica, a trabalhar duro, sentem-se inesperadamente, quando em casa, diante de um vácuo;

2° - a educação, em casa dos pais e nas escolas secundárias, ginásios ou liceus, deixa a uma longa distância a educação das jovens para as tarefas de donas de casa e de mães;

3° - a mecanização dos trabalhos em casa, trouxe muitas facilidades para as donas de casa, porém, ao mesmo tempo retirou do trabalho doméstico muito do sentimento pessoal que êle trazia e a satisfação da tarefa executadas que ela proporcionava.

Na base dessas conclusões, o Conselho Alemão para a Educação propôs às diversas escolas femininas, a introdução de cursos preparatórios que, pelo menos, possam preparar as mulheres para as tarefas que não somente exigem esforço físico, mas também intelectual (Jornal das Moças, 1958, edição 2226, p. 63).

Ao tratar do tema mercado de trabalho, surgiram diversos conflitos na revista sobre a necessidade de a mulher trabalhar, pois dizia-se que, se as mulheres ficaram tanto tempo fora daquele espaço era porque ele não lhes pertencia. Contudo, seu posicionamento se altera, conforme aparece na edição 2232 ao tratar sobre a presença feminina em diferentes cargos e espaços, trazendo uma observação de um psiquiatra que fala sobre a presença delas nesses lugares como algo que as distrai.

Maior número de mulheres técnicas

Um dos institutos científicos de Washington revelou que o número de mulheres que trabalham em profissões técnicas dobrou durante os últimos três anos. Por exemplo: nos dias de hoje, 32 mulheres trabalham como consultoras-técnicas de automóveis; 7 como construtoras de aviões; 14, como engenheiras de televisão. 23, como engenheiras de som; 16, são especialistas em mecanização e racionalização da indústria; 44, dirigem oficinas mecânicas e 2, ocupam importantes postos no desenvolvimento do novo “cérebro eletrônico”.

Por sua vez, um jornalista inglês perguntou, recentemente, a famoso psiquiatra londrino, como poderia êle explicar o fato de que muitas senhoras, mesmo da alta sociedade, com grande prazer angariam dinheiro na rua para objetivos beneméritos. O médico respondeu que elas fazem isso para encontrar uma ocupação que lhe faz falta na vida. “Entendo -frisou- que sob o ponto de vista psicológico, é muito importante as mulheres dedicarem-se a ajudar o próximo, encontrando, nisso, a satisfação e a finalidade de sua existência. Ao mesmo tempo, percorrendo as ruas, elas encontram distrações conversando com pessoas diferentes e estranhas” (Jornal das Moças, 1958, edição 2232, p. 29).

A presença da mulher no mercado de trabalho foi um importante fato para a História das Mulheres. No início da década de 1950, tal questão era negada, inclusive sendo mal

interpretada na revista ao dizer que, quando uma mulher de classe média começava a trabalhar, ela e sua família poderiam ser vistas por seus familiares e amigos como se estivessem passando por problemas financeiros, além de não ser um ambiente adequado às mulheres. Contudo, após a abertura do mercado, a sua participação acaba sendo uma consequência. Para não desagradar seu público consumidor, a revista se posiciona dizendo que a mulher pode trabalhar, desde que ela não abandone a sua família e a sua feminilidade. Era preciso estabelecer limites, que podiam ser através do local onde essas mulheres iriam trabalhar, o cargo que iriam ocupar e o turno. Na edição 2239, a revista critica as mulheres que trabalhavam à noite, pois além de ser perigoso, era um horário em que mulheres de família deveriam estar em casa.

TRABALHO NOTURNO FAZ MAL A MULHER

No mundo todo, o trabalho feminino vem aumentando dia a dia e cada vez em ritmo mais acelerado, à medida que a mulher vai conquistando a igualdade de direitos sempre tão ambicionada. E a intromissão, por assim dizer, da mulher, em trabalhos até bem pouco tempo absolutamente reservados aos homens, passou a situar as representantes de Eva num lugar todo especial, equiparada ao homem em todos os setores de atividades profissionais, artísticas e científicas. Assim, os mesmos períodos de trabalho a que os homens têm direitos, a mulher conseguiu penetrar, passando a trabalhar de manhã à noite, bem como da noite para a manhã, que é o caso do trabalho noturno (Jornal das Moças, 1958, edição 2239, p. 37).

A partir de 1957, com as inserções de cunho emancipatório das novas seções na revista, passaram a ser mais frequentes matérias que abordavam a nova realidade da mulher, trazendo principalmente questões acerca da representatividade de mulheres no mercado de trabalho, na política e no desenvolvendo de pesquisas. Ainda que os assuntos emancipatórios se fizessem presentes a partir da metade da década de 1950, percebemos que a revista ainda interpretava tais comportamentos como inadequados. Com isso, a mulher sempre foi controlada pela sociedade. A diferença de gênero sustenta a ideia de que, por ser mulher, seu destino divino era o casamento e, consequentemente, a maternidade. Não havia tempo para se pensar em outras coisas, como em si mesma, em sua carreira ou em suas escolhas. Contudo, com a mulher no mercado de trabalho e frequentando os espaços público, sua percepção e objetivos mudam. Defendê-lo passa ser a única forma de não voltar à realidade em que viviam. Os estereótipos presentes na revista nos mostram a forma que ela encontrou de rotular determinadas ações e comportamentos, seja pelo recato ou pela modernidade, estereótipos esses que determinavam comportamentos aceitos ou não, mais uma forma de controlar a conduta feminina.

A História das Mulheres foi marcada pelo conservadorismo que as silenciou e as subordinou aos homens. Buscar a educação e se inserir no mercado de trabalho era uma forma

de resistir às formas de repressão. Destacamos que nosso objetivo, ao evidenciar os estereótipos, é analisar as representações construídas sobre as mulheres na revista. Nesse aspecto, expressamos que *Jornal das Moças* adquire certo padrão ao definir e apresentar as mulheres, configurando uma escrita majoritariamente masculina, podendo ser a razão pela qual a revista se mantém tão segura de seus posicionamentos se comparado às outras revistas femininas do período, sendo contrária à nova realidade das mulheres. Por isso, a revista implementava essas abordagens de forma superficial, sem provocar dúvidas ou reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a representação da mulher a partir de dois vieses na revista *Jornal das Moças* na década de 1950. No primeiro momento, como sendo a “rainha do lar”, estereótipo dado pela revista para as mulheres que tinham sua vida em torno da esfera privada, e nos anos finais da década de 1950 como sendo a “mulher moderna”, que passa a frequentar e a se apropriar dos espaços públicos. As revistas femininas eram grandes responsáveis pela formação de opinião de seu público. Por ter um conteúdo mais diverso, ela conseguia alcançar suas leitoras e influenciá-las em relação ao que eles consideravam como uma forma de conduta. Conforme Buitoni (2009, p. 21),

Segundo sexo. Segunda imprensa. Secundário, secundária. Sempre em segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo. Admitamos que assim seja. No entanto, das folhas artesanais ao produto industrial, a imprensa feminina tem potencialidade para atingir metade do gênero humano. E para influir em toda a vida social. No Brasil, milhões de mulheres – e milhares de homens – leem as páginas, suplementos e revistas dessa imprensa, que transmite ideias, modas, costumes. Visões de mundo que modificarão até mesmo os não leitores.

Jornal das Moças esteve durante a década de 1950 entre as principais revistas do período. Por meio da análise, fizemos o levantamento de sua materialidade, publicações e colaboradores e percebemos que ela, desde seu início, em 1914, assume a postura conservadora. Percebeu-se o incentivo da revista na manutenção da “rainha do lar”, na condição da mulher enquanto subordinada aos homens, a fim de manter características do patriarcado, que visa a uma supervalorização dos homens sobre as mulheres.

Sobre essa análise, percebemos que as influências das novas práticas culturais e sociais ocorridas no país só estiveram presentes na revista quando correspondiam à conduta esperada para o momento. A falta de representatividade de mulheres fora dos padrões esperados nos fez refletir sobre o modelo reproduzido na revista como sendo o ideal.

Por meio do suplemento *Jornal da Mulher*, escrito por Yara Sylvia, percebemos uma mudança não somente nos aspectos culturais, mas também sociais. Quando analisamos uma década, conseguimos perceber a mudança em seu discurso ao assumir um posicionamento frente à emancipação feminina e ao defender a educação para mulheres e oportunidades de trabalho. Ressaltamos que não encontramos informações relevantes sobre a autora, o que nos faz pensar se Yara Sylvia era, de fato, uma mulher ou um pseudônimo a fim de trazer uma aproximação com as leitoras. A falta de informações sobre Yara Sylvia nos fez refletir sobre o

posicionamento da revista em não apresentar com notoriedade uma autora que teve uma seção na revista por mais de 30 anos, enquanto alguns outros autores homens eram prestigiados.

Por meio da pesquisa, constatamos que *Jornal das Moças*, por mais que fosse considerada para um público feminino, era escrita por homens, e a forma de conduta defendida na revista era para garantir a manutenção do poder masculino, não somente no espaço privado, mas também nos espaços públicos, pois a presença feminina nesses espaços incomodava. A perda do controle dos homens sobre as mulheres os perturbava, principalmente quando as mulheres começaram a fazer parte da educação, da economia e da política. De acordo com Perrot (2007), as mulheres que estavam na esfera privada, estavam cuidando do lar e eram invisíveis; o seu silenciamento e sua invisibilidade se tornou parte da sociedade; sua presença no espaço público causa medo e desordem. Toda a representação da mulher era voltada ao privado. Seu corpo deve ser preservado. Enquanto os homens são figuras públicas conhecidas, as mulheres só têm seu nome, elas não são vistas, não se fala sobre elas. Seu silenciamento ao longo da História é o resultado do conservadorismo vigente que fomenta o patriarcado.

Sobre a mudança de discurso na revista, percebemos que a partir da metade de década de 1950, assuntos referentes à emancipação feminina se tornaram mais frequentes, com posicionamentos sobre as mulheres na educação, na política mais comuns em suas páginas. Em um primeiro olhar, essas mudanças podem parecer insignificantes. No entanto, ao analisar as seções, conseguimos perceber uma alteração em seu posicionamento. Infere-se que isso possa ser uma consequência da modernidade nas páginas da revista, principalmente por conta do contexto social ou uma estratégia de dispersar críticas sobre seu posicionamento conservador.

Sabe-se que, no período estudado, a revista utilizou duas principais representações sobre as mulheres: a da esfera privada, assemelhando sua representação enquanto rainha, delicada, recatada e realizada; enquanto a mulher da esfera pública era vivida, elegante e envolvente. Ambas têm como semelhança defendida pela revista a valorização da maternidade. Uma mulher podia ser independente e realizada financeiramente, mas as ambições públicas jamais poderiam ocupar as prerrogativas da maternidade.

Ao longo das leituras sobre as representações, surgiram indagações a fim de identificar e refletir sobre elas, principalmente ao tentar entender o posicionamento da revista sobre as mulheres. As seções analisadas foram de suma importância nesse processo de construção da pesquisa. As matérias, as propagandas e os conselhos serviram para nos ajudar a pensar de que modo a revista e seus editores pensavam e representavam as mulheres. Dessa forma, identificamos que as mulheres estavam implicadas nas lutas de representações, o que Chartier

(1990) comenta sobre a leitura implicar sinais de identificação e apropriações culturais, ou seja, a revista podia influenciar na realidade de suas leitoras, pois possuía um público assíduo e de longa data.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) quem tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17)

Nessa perspectiva, apontamos que *Jornal das Moças* passou das 10 revistas mais lidas no Brasil a enfrentar dificuldades financeiras nos anos finais da década de 1950, o que pode ser um dos motivos do seu encerramento. Conforme Pinsky (2014, p. 35), a revista

Enfrenta tempos difíceis, e são visíveis em suas páginas os sinais de decadência, com uma produção mais descuidada. É provável que *Jornal das Moças* tenha sido incapaz de sobreviver à concorrência de publicações com um maior suporte financeiro e consideradas mais modernas em termos de conteúdo e aspectos gráficos.

A revista atravessou diversos momentos de dificuldades financeiras, mas na década de 1960 ela não conseguiu se manter e encerrou seu ciclo de publicações. Nas últimas edições, não foram mencionadas justificativas para o fim do periódico. Pinsky (2014, p. 35) faz uma observação a respeito de *Jornal das Moças* e seu conservadorismo: “Durante todo esse período, ela veicula valores conservadores, procurando – em diversas frentes e com argumentos mais ou menos variados – manter a família e as relações de gênero nos moldes tradicionais que garantem a ordem estabelecida [...]”. Isso quer dizer que a mudança era sutil. Inferimos que a revista não se posicionou frente ao movimento de mulheres, pois, segundo foi possível observar, ela era majoritariamente composta e dirigida por homens, assim, não era do interesse deles escrever sobre a ascensão do movimento de mulheres.

Como mencionado, a mudança aconteceu, seja por uma necessidade de se ajustar à nova realidade de seu público ou pelas mudanças ocorridas socialmente, mas evidenciamos que, de fato, não era do interesse da revista dar visibilidade a tais temas. Por isso, quando mencionados, não traziam reflexões e deixavam até mesmo uma informação vaga sobre o tema.

Dessa forma, os objetivos foram alcançados, conseguimos identificar as representações sobre as mulheres presentes ao longo da década de 1950 e de que forma os aspectos culturais e sociais as influenciaram. Fica como sugestão para estudos futuros se debruçar sobre os aspectos da representação da mulher tratada a partir dos testes de comportamento na revista e rever as arestas que ficaram sobre essa pesquisa, levando em conta reflexões que vão surgindo com o tempo, pois entendemos que esta pesquisa não se findou. Mesmo que nosso objetivo inicial tenha sido alcançado, estamos interessadas em examinar um material ainda pouco explorado.

FONTES

JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada. (1950-1960) Disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Dálete C. S. Heitor de. *A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão a representação da mulher nas colunas da revista jornal das moças (1930-1945)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/1021>. Acesso em: 5 abr. 2021.

ALBUQUERQUE, Dálete C. S. Heitor de. Os autores e os leitores: Os Estabelecidos e Outsiders nas Colunas da Revista Jornal das Moças (1930-1945). Educere XII Congresso Nacional de Educação. *Anais...* Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18863_10767.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. *Revistas Femininas e Educação da mulher: O Jornal das Moças. Anais do 16º Cole.* Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf. Acesso em: 11 ago 2020.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. *Jornal das Moças: leituras, civilidade e educação femininas (1932 – 1945)*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; CAETANO, Athyla; FREITAS, Ana Carolina Silva. *Jornal das Moças: ensino mídia e discurso. Ano XII, n. 2. fev. 2016. NAMID/UFPB*. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/27807>. Acesso: 11 ago. 2020.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

BEASLEY, Maurine H.; ELIZABETH, M. *Gilmer como Dorothy Dix: uma mulher jornalista reescreve o mito da dama do sul*. Universidade de Maryland College Park, Maryland. 20-. Disponível em: <https://library.apsu.edu/collections/dix/beasley.html>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BRASIL. *Bancada feminina na Câmara sobe de 51 para 77 deputadas*. Câmara dos Deputados. Política e administração pública. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/545897-bancada-feminina-na-camara-sobe-de-51-para-77-deputadas/>. Acesso: 15 mar. 2022.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Percurso da nação e do feminino nos anos dourados. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguísticas e suas interfaces, n° 40, p. 203-221, 2010*. Disponível em: https://www.academia.edu/33429593/Percursos_da_Na%C3%A7%C3%A3o_e_do_Feminino_nos_Anos_Dourados. Acesso em: 18 maio 2021.

BRITO, Sonia Maria de Souza; Pinsky, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014. *Revista Feminismos*, v. 4, n. 2/3 (2016) Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30200>. Acesso em: 24 ago. 2020.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHARTIER, R. (2010). Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, 24(69), 6-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 20 maio 2021.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL / Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos PAGU*. (4) 1995. p. 37-47.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. vol. 5 no. 11. São Paulo. jan./abr. 1991.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero". CRENSHAW, Kimberle. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 10, 2002. <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> Data de Acesso: 02/08/2021

FURTADO, André. Material para a disciplina: projeto Visual 3. *Projeto editorial para revistas*. 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135242/000736504.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KONKA, Karol; MCGOWAN, Marcela. *Sexo no Trisal - Prazer Feminino*. Entrevista com Regina Navarro Lins e Sanny. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/prazer-feminino!/t/TX2pVtZwj1/temporadas/2/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. Tania Regina de Luca: São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUCA, Tania Regina. Mulheres em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

MAIA, Claudia, de Jesus. *A invenção da solteirona*. Conjugalidade Moderna e Terror Moral – Minas Gerais (1890-1948). 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MALUF, Maria; Mott, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In: História da Vida Privada no Brasil República: da belle époque à era do rádio*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras. Editora: Schwarcz, 1998.

MARQUES, Melanie Calvante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. *VI seminário CETROS – Crise e Mundo do Trabalho no Brasil desafios para a classe trabalhadora*. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf. Acesso em: 2 jun. 2022.

MARTINS. Ana Luiza. *Revista em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MÉNDEZ, Natalia. Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008

MOREIRA, Rosemeri; CHORTASZKO, Diane Saggiorato. Mulher e família nos anos dourado: os anúncios publicitários da Revista Hotel (1958 – 1961). *9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP*. Ouro Preto, Minas Gerais. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa/mulher-e-familia-nos-anos-dourados-os-anuncios-publicitarios-da-revista-grande-hotel-1958-2013-1961>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NAZARETH, Mariana Silvestre. *Mulheres da capa: a representação e a construção da imagem da mulher pelas revistas femininas*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NICHNIG, Claudia Regina. *Mulher, mulheres, mulherio: discursos, resistência e reivindicações por direitos*. Rio de Janeiro. Editora Multifoco, 2013.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. São Paulo/Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, n° 52, p. 249-272, 2006.

PEDRO, Joana Maria. O Feminismo de “Segunda Onda” Corpo, Prazer e Trabalho. *In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs). Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 607-639.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Adriana Aparecida; SAMPAIO, Paula Faustino; SOUSA, Ana Gonçalves. *Desdobrando impressos: mulheres, educação e história*. Dourados, MS: EdUFGD, 2020.

PINTO, Adriana Aparecida. *Imprensa e ensino: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense*. Dourados, MS: EdUFGD, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação das mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis, Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. p. 55. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/Genero-%20Patriarcado-%20Violencia%20%20-livro%20completo.pdf/view>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Thainá Saranholi dos. Anos dourados no Brasil: a imprensa e o ideário feminino na década de 1950. Encontro de Pesquisa em História: A década do afrodescendente. *Anais em História*, 2016. Disponível em: https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/historia_2016/Anos_dourados_no_Brasil_Thaina_dos_Santos.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 216, jan.-abr./2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20(2):71-99 jul./dez. 1995.

SILVA, Ursula Rosa da; SOARES, Diego dos Santos. O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 e sua passagem por pelotas nas décadas. *XII Seminário de História da Arte*. n. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOIHET, Rachel. *Feminismo e antifeminismo: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico-metodológica*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TELES, Maria Amalia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.